

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

RELIGIÃO E MODERNIDADE
VISTA DO CAMPO DA
FEIRA HIPPIE EM GOIÂNIA

CARMEN DA SILVA MARTINS

GOIÂNIA, 2002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

RELIGIÃO E MODERNIDADE
VISTA DO CAMPO DA
FEIRA HIPPIE EM GOIÂNIA

CARMEN DA SILVA MARTINS

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião
como requisito para obtenção do grau
de Mestre, sob orientação da

Prof^a. Dr^a CAROLINA TELES LEMOS

GOIÂNIA, 2002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MESTRANDA: Carmen da Silva Martins

TÍTULO: Religião e Trabalho entre os Trabalhadores da Feira Hippie de Goiânia

DATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO: 25 de março de 2002

BANCA:

Prof^a. Dr^a. CAROLINA TELES LEMOS

Prof. Dr. HAROLDO REIMER

Prof^a. Dr^a. SANDRA DUARTE DE SOUZA

GOIÂNIA, 2002

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste mestrado e deste trabalho.

A Deus, em primeiro lugar, que me deu lucidez e lógica e que ao fim deste mestrado me possibilitou voltar a ter fé Nele, além de dar um sentido metafísico a meu pensar (embora ao término deste trabalho me identifico com o jeito pós-moderno de crer).

À Dr^a. Carolina por sua capacidade, esforço, organização e sistematização do trabalho já iniciado, e que me conduziu muito bem. Além do seu esforço como mestra das disciplinas do curso, o que ensinou ajudou a “subir a montanha” com minha bagagem nas costas.

À Dr^a. Sandra por seu dinamismo, sua capacidade e por seu interesse em meu trabalho e principalmente por sua amizade que me é extremamente preciosa.

Ao Dr. Haroldo Reimer, por sua contribuição na qualificação e dissertação, por enriquecer teoricamente o meu trabalho.

À coordenação do mestrado e a seu corpo docente: por sua abertura, humildade no seu saber e condução humana do próprio mestrado.

E de forma especial e com muito amor à minha família:

À você Vicente de Paulo, meu companheiro, por seu esforço em me auxiliar desde o início de meu trabalho na pesquisa de campo, na digitação dos trabalhos, nas cobranças e principalmente por seu amor e confiança em minha capacidade.

À Anapaula, amada filha, pelo imenso amor que lhe dedico e que me retribui e por seu apoio direto em meu trabalho.

Marco Aurélio, filho querido, esteio forte e capaz, pelo seu amor, sua tranqüilidade e esforço em digitar meu trabalho.

À minha mãe que, em sua solidão, compreendeu minhas necessidades e o fato de pouco lhe ter dado assistência e pelo amor e confiança que me dedica.

A meu pai, que com certeza se rejubilaria com minha conquista.

À Sandra, filha adotiva, por me liberar das atividades de dona de casa, proporcionando condições de tranqüilidade e disponibilidade para meus estudos.

A todos os colegas do mestrado, pela nossa convivência e pelo crescer juntos. À Belinda, pela confiança em mim e por ser a pessoa tão linda que é. A Filó, Arcângelo, Eleno, Otacílio, José Reinaldo, e aos demais, ofereço um abraço fraterno.

Em especial, à Neide, amiga e cúmplice, pelo seu apoio, pelo seu socorro e, principalmente, por nossa amizade.

Às colegas de trabalho, Nilva e Elisabete Bicalho., por seu apoio direto e pelas opiniões dadas sobre meu trabalho, e também à Nágela e Solange, pelos incentivos oferecidos.

À Valéria, por tornar mais fácil meu trabalho.

Às pessoas entrevistadas, que, em sua humildade, não se fizeram de rogadas ao meu questionamento.

À Universidade Católica de Goiás, minha empregadora, por proporcionar condições à realização desse mestrado.

E a todos os outros que colaboraram na correção deste trabalho.

RESUMO

MARTINS, Carmen da Silva. Religião e Modernidade Vista do Campo da Feira Hippie em Goiânia. Universidade Católica de Goiás. 2002.

O capitalismo promove, hoje, um mundo global e uma cultura homogeneizada para obter mais lucro. Para tanto, transforma as condições de vida e de trabalho de milhares de pessoas.

Tal processo também acontece em Goiânia, observável pelo crescimento do desemprego, na medida em que são fechados postos de trabalho no comércio e na indústria. O dispensado vê-se, então, às voltas com um mundo desestruturado e não encontra respostas explicativas nas instituições tradicionais *produtoras de sentido*. Um segmento desses *dispensados* compõe o grupo de feirantes ora pesquisados.

Estes ao buscar explicações para suas situações financeiras e de fé abalada, encontra no *mercado de bens simbólicos* religiões que lhe prometem soluções. Transitam sem constrangimento, tornam-se *andarilhos* entre esses sistemas.

Fazem sua escolha, de forma subjetiva e individualizada, por um modelo que se encaixe em seus interesses. Com raras exceções, o que põem em cheque são os sistemas de sentido, não a sua fé em Deus. Mesmo na precariedade do dia a dia, o temor a Deus permanece, mantendo consigo a histórica força de sentido que o feirante tanto necessita.

ABSTRACT

MARTINS, Carmen da Silva. Religion and Modernity in Hippie Open Market of Goiânia. Catholic University of Goiás. 2002.

Capitalism, nowadays, promotes a global world and a homogenized culture to obtain more profit. It changes the conditions of thousand people' lifes and works to reach its objectives.

Such process is also happening in Goiânia, what can be noticed by the increase of unemployment, while some commercial and industrial jobs get extinct. So, the recent unemployed person finds himself / herself in a world without structure and he / she cannot find answers in the tradicional "sence producer" instituions. Some of these recent "unemployed" people are the group of the researched "open marketing workers".

When they search explanations for the "shaking" of their financial and faith situations, they discover, in the "symbolic wealth market", religions that promess them solutions. They do not transit uncomfortably, they become "walkers among these systems.

They make their choices, in a subjective and individualized way, for a model that fits in his interests. Even though there are few exceptions, they question the "sense system", but not their faith in God. They still fear Him, keeping with them the historical sense strenght the "open marketing workers" need so much, even in the "day-by-day" precariousness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. O que justifica a escolha do tema e do campo de pesquisa?	14
1.2. Trabalho na feira – espaço da informalidade	17
1.3. A Feira Hippie, o feirante e suas motivações para o trabalho na feira	18
2. TRABALHO E RELIGIÃO: ESFORÇO HUMANO DE SOBREVIVÊNCIA	22
2.1 Ser humano e trabalho	22
2.2. Religião e Cultura	25
2.3. Religião e oferta de sentido no mundo capitalista	30
2.4. Trabalho: sacrificio humano?	31
2.5. Empregos e precarização do trabalho. Onde estão os empregos? E os desempregados?	39

2.6.	Quem são os trabalhadores da Feira Hippie de Goiânia e por que trabalham lá?	47
3.	SIGNIFICAÇÃO DO MUNDO E TRÂNSITO RELIGIOSO	52
3.1	Os feirantes e o Catolicismo.....	57
3.2	“Ressurreição de Deus” e novos movimentos religiosos.....	67
3.2.1	Pentecostalismo	71
3.2.2	Neopentecostalismo	74
3.3.	Trânsito: porque? E como?	78
3.4.	Opções Religiosas do Feirante.....	91
3.5	Como o feirante representa Deus?.....	97
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
6.	ANEXOS	116

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é a discussão da Religião e da Modernidade vista no campo da Feira Hippie em Goiânia, situando como representam Deus e como seu cotidiano de trabalho interfere em sua prática religiosa, relacionando ainda, como o processo de desenvolvimento capitalista em sua atual fase afeta a vida e a religiosidade do feirante. Assim será feita a discussão da questão religião e modernidade, no que tange à opção religiosa do feirante, sua crença e a participação em sua igreja.

Por que a escolha?

A discussão da representação de Deus no setor informal é relevante por ser uma área pouco investigada. O conhecer da mesma implica em detectar os trabalhadores desse setor e avaliar se o trabalhar em feiras livres, sem contrato de trabalho, sem direitos trabalhistas, sem estar legalizados, reflete a sua condição de

trabalho em seu comportamento, interferindo na forma como se explica no mundo e na sua concepção de Deus, isto é, como o representa em seu viver.

A questão do trabalho é de fundamental importância, consistindo em uma área de interesse profundo, por afetar a vida de milhões de pessoas em todo o mundo e interferir nas relações entre os povos, pois é através do mesmo que se produz o necessário à sobrevivência e a riqueza social de uma sociedade.

A partir dessa constatação surge a preocupação em aprofundar o conhecimento acerca das transformações que afetam a organização do trabalho, em consequência do desenvolvimento capitalista, seja no que tange à evolução produtiva, seja ao provocar o desaparecimento de pequenas unidades produtivas e de postos de trabalho. Essas modificações trazem consigo profundas mudanças na vida das pessoas, afetando o sentido dado ao mundo, sua forma de o ver e conseqüentemente a definição de sua identidade.

Como resultado, o homem ou a mulher, provedores de sua família, buscam alternativas, que, em geral, exigem pouco investimento em seu início e permitem gerar o suficiente para sua sobrevivência e de sua família. Para tanto buscam algum tipo de comércio, principalmente o de rua ou se transformam em sacoleiros(as)¹. As motivações que levam as pessoas a trabalharem na feira são muitas, incluindo não só o desemprego gerado pelo desenvolvimento tecnológico, mas também fatores como falência, complementação salarial, tentativa de independência da dominação de um superior hierárquico, ou seja, expressando o sonho (histórico) do brasileiro em ser patrão de si mesmo.

A título de exemplo pode-se citar Nerivaldo, cuja motivação combina a questão tecnológica e a da idade:

¹ Sacoleiro(a): denominação dada às pessoas que comprem produtos acabados e os revendem ao consumidor final, obtendo lucro com a operação de intermediação e no geral vendem para pagar parcelado.

“A gente fabrica em casa. Antes trabalhei em vários lugares, trabalho na feira para não ficar parado em casa, se ficar parado a gente adocece e morre. Meu último emprego de carteira assinada foi em 1993, no Rápido Araguaia, depois eu entrei no colégio onde meu filho dá aula, saí porque puseram alarme e tudo, não precisou do meu trabalho e me dispensou” (Nerivaldo, 62 anos).

Nerivaldo entra em uma competição que atinge milhares de pessoas em todo mundo, e da qual é o perdedor; a máquina torna dispensável aqueles que não têm qualificação, em primeiro lugar, e depois os mais velhos. Ressalva-se a questão da ausência de alternativas de trabalho para as pessoas mais velhas ou de atividades produtivas ou de lazer para quem já deu sua contribuição produtiva à sociedade, e que esta deveria ser capaz de produzir.

Outras pessoas também não têm alternativas de trabalho, como Francisco, que foi barrado por diversos fatores como a idade, a falta de conhecimento administrativo e acesso ao ensino formal e a incapacidade de competir no mercado.

“Trabalho na feira há 18 meses, antes tinha açougue e fazia *gambira* de gado no interior de Goiás, fali e estou na feira porque não encontro outro serviço, devido a idade e ao estudo, tenho o segundo ano do primeiro grau. Não pretendo trabalhar de carteira assinada, porque o ganho é pouco, e na feira ganho o suficiente para sustentar a família, trabalho também em outras feiras livres” (Francisco, 47 anos).

Resta a Francisco a alternativa do trabalho na feira depois de ser excluído do mercado formal, e, como o mesmo afirma, em seu trabalho produz o necessário para sua sobrevivência e de sua família.

O trabalho nas feiras envolve situações diversas, como, por exemplo: os pontos fixados pela prefeitura são caros; quem não os possui é discriminado como *invasor*, correndo risco de perder sua mercadoria, como aconteceu em recente episódios, veiculados pela imprensa (falada, escrita e televisiva), obrigando os feirantes a se cadastrarem na Secretária da Fazenda Estadual. Na madrugada, às 4

ou às 5 da manhã do dia 23 de fevereiro de 2001, quando os feirantes chegaram para o trabalho, tiveram suas mercadorias seqüestradas pelos fiscais e reagiram violentamente, apedrejando os carros da fiscalização (Tevê Serra Dourada, *Jornal do Meio – Dia*).

1.1. Justificativa do tema e do campo de pesquisa

Como o trabalhador feirante se vê e organiza seu mundo? Como representa Deus e participa de uma religião? Estas são questões ligadas ao trabalho do feirante e a proposta desta dissertação é buscar investigar as interrelações.

Em Goiânia, a questão do trabalho urbano ligado às representações religiosas tem sido pouco investigada. Esta é uma análise que se faz necessária e relevante, considerando o aumento das formas de trabalho parcial e temporário em Goiânia. Observando-se o aumento não só de feiras, mas de assembléias, tendas, igrejas, em bairros onde moram trabalhadores. Somos levados ao questionamento desse processo e à necessidade do conhecimento das causas desse crescimento e do retorno dos fiéis às igrejas. O trabalho passa a constituir-se, então, em preocupação das diversas religiões. Compreendê-lo e as articulações que o envolvem torna-se objeto de análise e diversos pensadores que discutem as questões do religioso e do social.

Muitas têm sido as produções teóricas sobre a questão do trabalho e muito se discute sobre o mesmo: pelas lideranças políticas, pelas diferentes concepções religiosas, pelos sindicatos, pelo senso comum das pessoas e dos trabalhadores. A revolução da técnica gera transformações no mundo do trabalho e estas, longe de beneficiar os trabalhadores, traz consigo desemprego e miséria. Quando essas

peças são alcançadas pela revolução tecnológica, suas condições de vida ficam mais precarizadas e até ocorre perda de bem estar e dignidade.

O trabalho é fonte de dignidade ou é compreendido como doação divina (*trabalhar é de Deus* – nas diversas falas dos feirantes), mas também aparece como obrigação, mesmo que esses trabalhadores não compreendam o sentido exato do porquê trabalham e mais ainda porque têm que trabalhar na feira ao serem excluídos do mercado formal.

Para a compreensão da problemática da religiosidade no trabalho e em particular entre os trabalhadores da Feira Hippie, espaço da informalidade, faz-se necessário conhecer o processo de modernização gerado pelo desenvolvimento das relações capitalistas de produção ².

O sistema capitalista tem promovido um acelerado desenvolvimento das forças produtivas de forma global. Nesse processo, as indústrias se informatizam e se automatizam, excluindo os trabalhadores do mercado de trabalho impossibilitando-os de satisfazer de forma digna suas necessidades básicas e de sua família. Nesse processo, valores dos trabalhadores excluídos são postos em questão e sua falta de perspectiva, que não conseguem assimilar ou explicar, faz com que busquem respostas em religiões que trabalhem com suas emoções e lhes acenem com promessas de soluções de seus problemas.

Nesse processo de transformações, a exclusão do trabalho formal é resultante do desenvolvimento capitalista que exige uma moderna administração do trabalho e também a flexibilização na contratação de trabalhadores. Também as novas técnicas, conjugadas à robótica, provocam a dispensa em massa de

² As relações capitalistas de produção referem-se às relações entre o trabalhador livre para vender sua força de trabalho em troca do salário ao capitalista que é o proprietário dos meios de produção. Este último organiza esses fatores de produção (trabalho e capital) para produzir mercadorias e obter lucros para si.

trabalhadores. Nessa revolução administrativa, para aumentar os lucros e reduzir os custos, não interessa “estoque” de mão de obra, quando é necessário produzir menos ou pagamento de horas extras nos momentos de maior produção, resultando em busca de alternativas, como a dispensa de trabalhadores e a alternativa da *terceirização*³ (que também leva a dispensar trabalhadores).

Essas são algumas das mudanças que trazem consigo desemprego e novas ocupações, sem as mesmas condições das anteriores, quanto à segurança no trabalho, aos direitos trabalhistas e à seguridade social. Aos trabalhadores desempregados resta como alternativa buscar atividades por conta própria, em relações informais ou incompletas de emprego, que precarizam o trabalho.

O aumento dos vendedores ou prestadores de serviços ambulantes pode ser observado nas ruas das cidades. Os pobres, com risco de não sobreviverem, não podem ficar parados ao cessar um posto de serviço, e são obrigados a recorrer a outro ou mudar de atividade ou de região, já que a sobrevivência humana e da espécie tem que ser garantida, e uma dessas alternativas é o trabalho no setor informal, e nesse uma das alternativas é a Feira Hippie, um dos espaços da informalidade em Goiânia.

1.2. Trabalho na feira – espaço da informalidade

A informalidade é fenômeno facilmente observável em cada bairro e esquina de Goiânia. Estima-se que hoje em Goiânia haja mais de 20 mil feirantes, o

³ Por *terceirização* entende-se o processo de contratação de trabalhadores, vinculados contratualmente a outra firma para prestar serviço efetivo à determinada empresa. Conforme Faria (1994), tem como objetivos entre outros redução de despesas, racionalização produtiva, especialização flexível, desorganização do movimento

que representa mais de 40 mil empregos diretos. Pesquisa do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), no final de 1997, estima que o setor informal movimenta mais de 150 milhões em Goiânia, com 21% no comércio de mercadorias (Jornal O Popular de 27 de junho de 1999 e de 18 de fevereiro de 2001).

Quem é trabalhador informal? Trabalhador informal é o que tem atividade por conta própria, em pequena produção sem contribuir com salário, ou ainda informal é o trabalhador sem carteira assinada ou não remunerado. Executa atividades produtivas à margem da lei, especialmente da legislação trabalhista vigente em um país. Sob esta ótica compreende o trabalho informal a partir da precariedade da situação.

O IBGE (1997) classifica como informais:

“... as unidades que produzem bens e serviços em pequena escala, com baixo nível de organização e cujo funcionamento está relacionado à residência do empregador. Isso engloba o trabalho por conta própria e empresários com até cinco funcionários” (IBGE apud Santana,1999, p.16B).

As microempresas também podem estar contratando empregados com ou sem carteira assinada ou estabelecimentos de natureza não tipicamente capitalista, distinguindo-se pelos baixos níveis de produtividade e pela pouca diferenciação entre capital e trabalho. Nesse tipo de empresa, o empregador trabalha como empregado, podendo fazer uso de ajudantes não remunerados (geralmente familiares), situação também encontrada na feira onde trabalham famílias inteiras, inclusive crianças.

Assim, considera-se informal não apenas o trabalhador sem carteira assinada, mas também o pequeno proprietário, principalmente o que produz em pequena escala sem registros na Prefeitura Municipal e sem pagar impostos.

As feiras são por excelência espaço da informalidade; comportam em si micro empresários, produtores, revendedores em trabalho individual, com diaristas, com assalariados ou não, trabalho familiar, legalizados ou não e aumentam rapidamente em Goiânia, tanto em número de feiras quanto em número de feirantes.

“Hoje em Goiânia existem 135 feiras, 36 das quais clandestinas e como surgem rapidamente, em dois dias poderão ser 137” (Jornal O Popular, 18 de fevereiro de 2001).

1.3. A Feira Hippie, o feirante e suas motivações para o trabalho na feira

A Feira Hippie, a mais antiga e com o maior número de feirantes, teve início com um grupo de artesãos expondo e vendendo seus trabalhos na Praça Cívica. Logo começaram a chegar outros vendedores, ampliando a feira e conseqüentemente surgiu a necessidade de transferência da mesma. Assim, ela foi transferida para a Avenida Goiás, acima da Rua 4. Mais tarde é transferida para a Praça do Trabalhador, na Avenida Goiás próxima à estação rodoviária, onde permanece.

Nesse local conta com 6113 bancas, segundo o plano da Prefeitura. Mas é grande o número de feirantes não cadastrados e que, portanto, não são contribuintes, não pagam o Imposto sobre Serviços à Prefeitura. Os cadastrados encontram-se em situação mais estável, mas preocupados com a situação, tanto de sua permanência quanto com os que não são cadastrados, conforme constatado na

pesquisa, sendo os últimos chamados de invasores pelos primeiros. Por sua vez, os não credenciados mobilizaram-se, solicitando seu credenciamento, argumentando que necessitam do trabalho para seu sustento e de sua família. Segundo a Prefeitura de Goiânia, a situação vai ser avaliada (Jornal O Popular, 23 de fevereiro de 2001).

No meio da movimentação dessa feira, circulam entre as bancas vendedores de refrigerantes, picolés, água, lanches, etc. Se pudesse fazer uma comparação bíblica, diria que é uma imensa Torre de Babel de comércio, mas de fundamental importância ao provimento da sobrevivência humana. Encontramos, também, pessoas que desenvolvem serviços (informais) de montagem e armazenagem de barraca, serviço de rádio como informativo da feira, etc.

E frente a tantos problemas estão as pessoas com sua cultura, seus valores religiosos, definindo como *benção de Deus* sua criatividade artesanal e louvando o seu trabalho que permite-lhes o viver com dignidade. Os “invasores” vivem a instabilidade de sua situação e a hostilidade dos *legais*. E esses preocupados em organizar seu trabalho, competem com os “invasores”.

Constata-se que trabalho na feira interfere grandemente na prática de uma fé religiosa, já que os feirantes afirmam não participar do ritual de sua igreja por estarem trabalhando na feira, mas sempre estão orando e agradecendo a Deus (conforme as entrevistas) por ter lhes *apontado* essa alternativa de trabalho. Pode-se evidenciar na pesquisa realizada que a religião, para a grande maioria dos entrevistados é justificadora de suas atitudes e fundamento de suas ações.

É evidente, no campo, o trânsito religioso, principalmente de religiões tradicionais, como o catolicismo, para outras que exerçam um controle maior sobre

as ações de seus seguidores e é referência nas suas atitudes cotidianas e ainda exigem participação nas atividades religiosas.

Enfim, o que se pretende é o conhecimento dos princípios que regem as causas do comportamento religioso do trabalhador da Feira Hippie para elucidar a concepção de Deus entre esses trabalhadores informais frente a um mundo que se transforma e exige sua adaptação a essas mudanças, transitando ou permanecendo na religião pela qual faz opção.

A escolha da pesquisa nessa feira se deve ao fato de ser a primeira dentre as 135 feiras, de ser a maior e também à situação de muitos dos feirantes terem o ponto ali, e em outras feiras e na Avenida Goiás, abaixo da rua 4.

Na pesquisa realizada, o instrumento da coleta de dados é a entrevista. Para isso serviu de material um questionário como referência para obter informações. O questionário é padronizado, mas com questões abertas, sem dirigir em determinado sentido, de forma a dar liberdade ao entrevistado de expressar sua visão de mundo.

A entrevista para coleta dos dados foi feita utilizando-se gravador e depois se digitando as respostas. Essas foram realizadas, nas manhãs de domingo (a feira funciona nesse dia), em torno de 4 horas cada dia, não em domingos consecutivos: 4 dias em novembro de 2000, retomado 2 dias em janeiro de 2001, e 2 dias em fevereiro de 2001. Ao retornar ao campo em junho de 2001 e realizadas mais 5 entrevistas, foi avaliado que essas não traziam novas contribuições ao trabalho e esse foi o marco para encerrá-las.

A leitura dos dados coletados levará em conta um levantamento quantitativo, quando for possível e nas questões que considerem o comportamento subjetivo do feirante será realizada uma análise qualitativa.

A dissertação terá dois capítulos.

No primeiro capítulo será feita a discussão teórica sobre a relação entre Trabalho e Cultura, discutindo-se em primeiro momento, como se desenvolve a cultura, sua função na determinação da significação do mundo e da identidade do indivíduo e a religião como parte do sistema cultural. Será feita a discussão da significação do mundo e a manutenção do mesmo através do *monopólio dos bens da salvação*.

A seguir, discute-se a questão do trabalho, como provimento do necessário à sobrevivência humana e como processo de desenvolvimento cultural da humanidade.

Também se discute o trabalho na atualidade do desenvolvimento capitalista no processo de modernização do trabalho e suas conseqüências para o trabalhador.

Será abordado a alternativa de trabalho no setor terciário, principalmente no setor serviços e no comércio de rua. Esses considerados trabalho informal.

Discutir-se-á como essas mudanças se refletem no cotidiano das pessoas e sua resposta, ou seja, forma que dá significado à situação.

No segundo capítulo será feita a discussão de como a religião significa o mundo para o feirante, os valores que vivencia e suas práticas religiosas nas Igrejas Católica, Pentecostal ou Neopentecostal. Também será abordado o trânsito religioso e as transformações que este provoca na vida do feirante; serão também determinadas as opções religiosas do feirante e por que a tem, e nessa opção como representam Deus.

2. TRABALHO E RELIGIÃO: ESFORÇO HUMANO DE SOBREVIVÊNCIA

2.1. Ser humano e trabalho

Utilizando Marx (1983) como referencial teórico, pode-se afirmar que homens e mulheres como espécie do reino animal vivem a necessidade de produzir a sua sobrevivência.

Vivendo em grupo, o ser humano cria e recria as condições de sua existência, não só a material, mas também o campo de significação e linguagem comunicacional e, segundo Parker, também o fenômeno religioso:

“O problema da situação-limite, do ponto de vista da racionalidade dos atores tem a ver com a contradição vital para o ator: garantir a reprodução da vida nesta terra e além dela, sobre as limitações impostas pela escassez de recursos e pelos perigos que a partir da contingência ameaçam a prolongação e a potenciação desta vida” (Parker, 1995, p. 50).

Na vivência em grupo, homens e mulheres tecem uma teia de relações e explicações de sua própria existência. Interpretam estas relações e a realidade

material, criando representações que devem ser capazes de dar sentido e significação à sua vida e a seu mundo. Constroem uma cultura própria, que é onde se baseia e explica a identidade deste grupo.

Aprendendo a cultura, o ser humano integra-se ao mundo, transforma-o pelo trabalho e o torna habitável, já que como animal é bastante frágil e como tal tem que modificar seus equipamentos exteriores, ao mesmo tempo que resguarda e mantém intacto seu corpo. E em uma relação dialética com o mundo aprende a viver no mesmo, adaptando-se e o adaptando às suas necessidades.

Fundamentando nosso pensamento em Geertz (1989) afirmamos que na sua fragilidade, homem e mulher necessitam aprender a cultura para sobreviver e assim se humanizar, e o fazem integrando-se ao mundo e ao mesmo tempo modificando o mesmo, provocando o desenvolvimento do conhecimento e logicamente da humanidade.

As necessidades vitais do ser humano, como animal, têm que ser satisfeitas. Acumulam conhecimentos que, junto ao de numerosas gerações anteriores, compõem o conjunto de meios indispensáveis à sua sobrevivência. Deixam então suas características de animal, para se tornar racional, desenvolvendo assim suas características de humanidade, que são transmitidas na forma de um conjunto de conhecimentos materiais (o martelo, as roupas, a habitação, etc.) e também a maneira de fazê-los, mas ao mesmo tempo o fazem com os conhecimentos não materiais: suas crenças, suas leis, seus costumes e sua moral, que se referenciam no grupo do qual participam e que lhe dará sua característica própria.

Segundo Geertz (1989) é na interação humanidade-natureza-trabalho que deve ser buscado o sentido dado por homens e mulheres ao seu mundo e nele a explicação de suas práticas sociais e seu comportamento, ou seja, na cultura

construída por eles. Ao fazer cultura, o ser humano distingue-se dos outros animais, isto é, hominiza-se.

A partir dessa constatação, torna-se necessário discutir o conceito de cultura. Entre os autores que contemporaneamente discutem a questão da cultura, pode-se citar Geertz. Esse autor a situa como “sistema ordenado de significado e símbolos... nos termos dos quais os indivíduos definem seu mundo, expressam seus sentimentos e fazem seus julgamentos” (Geertz, 1989, p. 81).

E ainda...

“um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 1989, p.103).

Portanto, no sistema cultural criado pelo homem para sobreviver como espécie, sua realidade é significada e representada, dando forma e explicando os acontecimentos sociais, comportamentos e processos. Em uma relação de dependência, o homem torna-se usuário e participante de um sistema cultural. É em sua cultura que se referencia no mundo e tem o apoio que lhe permite agir. Em resumo, o processo de acumulação de padrões culturais dá sentido, direção e autocontrole às ações humanas.

Ao continuar fundamentando em Geertz (1989), pode-se afirmar que a vida do homem é interpenetrada pelos padrões de comportamento e valores da cultura em que vive. Esses interferem e se integram na sua vida, na sua atividade e na qualidade de suas experiências, como um conjunto de disposições (tendências, capacidade, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações), na medida em que são assimilados e reproduzidos nas ações do dia a dia.

Um mundo dotado de significado dá a um povo uma identidade, que lhe permite ter nomes, idiomas ou culturas que o distingue de outros povos e permite-lhe ter seu eu próprio e distinto de outro. Assim, a identidade dá a cada um sua própria característica, e lhe permite compreender esse mundo dentro da cultura que vivência.

Para Castells, identidade significa: “o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados” (Castells, 2000, p.22).

E o que é significado? A resposta pode ser buscada em Castells: “Defino significado como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator” (Castells, 2000, p. 23).

A identidade construída é a base e transparece nos comportamentos e atitudes individuais e nas instituições da sociedade. Isto se realiza dentro de determinado contexto histórico e surge a partir de determinadas condições, não só históricas e geográficas, mas também biológicas, da memória coletiva, das fantasias pessoais, pelos aparatos do poder e revelações de cunho religioso.

Pode-se, então, afirmar que a idéia de Deus é condicionada social e historicamente e, as formas de representação de Deus retornam sobre a organização social, a visão de mundo e sistema de valores de uma sociedade, dando-lhe identidade própria.

2.2. Religião e Cultura

Como parte do sistema cultural, homens e mulheres criam a religião, que representa uma forma de explicação do mundo, de representação deste, de reprodução das relações sociais, e significação da realidade social e psicológica. A religião possibilita a formação de recursos simbólicos, referências de expressão, sentimentos, emoções, sensações. Possibilita também a compreensão do mundo, a referência dos sentimentos expressados e suporte das emoções com grau maior ou menor de resignação ou de alegria.

Segundo Geertz, a religião é:

“... um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (Geertz, 1989, p.104 – 105).

Assim, a religião é fonte simbólica, enquanto fornece ao homem subsídios para que possa se desenvolver e atuar sobre o mundo. Essa religião constitui a essência do pensamento humano, atuando como representação que possibilita a compreensão de processos, atividades, entidades, etc., norteadando sua ação sobre o mundo.

Ao participar de uma religião, o homem participa no sistema geral de formas simbólicas e conseqüentemente de um sistema cultural. As interpretações e explicações feitas através da religião tornam claro que a vida é interpretável e que podemos nos orientar dentro dela. Sobre isso afirma Geertz:

“O que qualquer religião particular afirma a respeito da natureza fundamental da realidade pode ser obscuro, superficial ou, o que acontece muitas vezes, perverso; mas ela precisa afirmar alguma coisa, se não quiser consistir

apenas em uma coletânea de práticas estabelecidas e sentimentos convencionais aos quais habitualmente nos referimos como moralismo” (Geertz, 1989, p.113).

As formulações religiosas dão sentido às concepções individuais do mundo estabelecido. Revestidas de simbolismo, permitem o relacionamento entre a existência do homem e o mundo, permitindo explicar o que parece não ter explicação, como a dor versus sofrimento, a morte, a crença em deuses, etc. e transforma esse caos em uma ordem estruturada e significada.

Para Durkheim (1989), as religiões surgem em determinadas condições da vida humana e respondem a determinadas necessidades, não existindo, portanto, religiões falsas: “Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana” (Durkheim, 1989, p.31).

Na concepção de Durkheim, a religião é prática coletiva, e realizada em comunidades chamadas igrejas:

“... uma religião é um sistema solidário de crenças segundas e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem” (Durkheim, 1989, p.79).

Desta forma, a religião aparece como criação social e produto da sociedade e dentro dele os indivíduos devem realizar sua ação, promovendo a coesão do grupo que adere a uma comunidade e organiza seu viver em coletividade.

Na compreensão da função da religião, pode-se citar Castells:

“É um atributo da sociedade, e ousaria dizer, da natureza humana, se é que tal entidade existe, encontrar consolo e refúgio na religião: O medo da morte, a dor da vida, precisam de Deus e da fé n'Ele, sejam quais forem suas

manifestações, para que as pessoas sigam vivendo. De fato, fora de nós Deus tornar-se-ia um desabrigado” (Castells, 2000, p.29).

A imagem que o homem e a mulher fazem de Deus é princípio constitutivo do que ele é, explicando seus medos e dando sentido à sua vida ao mesmo tempo em que mantém vivo o sentido da existência de Deus.

Segundo Weber (1991), o homem foi obrigado a criar uma simbologia para entrar em contato com as forças sobrenaturais, para tentar conhecê-las e compreender sua ação. Interessa então à sociologia weberiana estudar a atividade religiosa ou como o homem se comporta frente às forças sobrenaturais. Esses são os meios de significação dos poderes ocultos. Por trás das coisas reais, o homem cria símbolos, e estes são os meios de comunicação com a divindade.

O mundo significado e organizado é compreendido a partir de representações sociais. Para compreender o que são essas últimas, Minayo (1995) discute-as a partir da fundamentação buscada em Durkheim, afirmando que nessa perspectiva: “As representações sociais são um grupo de fenômenos reais, dotados de propriedades específicas e que se comportam também de forma específica” (Minayo, 1995, p.90). Assim, nessa perspectiva, a sociedade *elabora e expressa sua realidade*, e essas representações são transformadas em *atos sociais*, que na realidade são *representações coletivas*, e exercem sobre as pessoas coerção para agir em determinado sentido.

Assim, é no viver coletivo que a sociedade organiza seu mundo: nas artes, na ciência, na religião, nas relações familiares, etc., dando significado cultural à sua ação. Determinados por juízos de valor, as pessoas organizam a vida social norteada por forma particular de *visão de mundo*.

Durkheim afirma que:

“As representações religiosas são representações coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos” (Durkheim, 1989, p.38).

A partir dessa concepção, pode-se afirmar que: as representações que os indivíduos fazem, explicam e reproduzem as idéias, sentimentos, etc. do grupo em que estão inseridos, dando ao grupo uma identidade própria, que norteará as ações no cotidiano de cada um. Portanto, as representações são coletivas e dão significação à vida cotidiana de cada um que dela participa e nelas pauta seu agir.

Essas colocações se confirmam em Geertz:

“... os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida” (Geertz, 1989, p. 103-104).

Na prática, uma crença coletiva torna um povo singular, ao mesmo tempo que se mantém coeso, preservando sua forma de vida que lhe é particular e concorrendo para aceitação desta.

Conforme Geertz (1989), no mundo objetivado, evidenciam-se os sentimentos, a moral, a estética, etc. e estes são fontes para conhecer os paradigmas orientadores da ação do grupo, pois *modelam* essa ação e as relações entre as entidades. O estilo de vida aprovado e a estrutura da realidade adotada combinam com o ethos e a visão de mundo do grupo, e isto aparece como um todo organizado, onde a vida tem que ser vivida, resultando em uma situação dialética,

de determinação pela cultura dessas estruturas e ao mesmo tempo mantêm-se a partir das mesmas.

Compreender essa situação, isto é, a vida no mundo e ver a possibilidade de se orientar no mesmo é algo que os significados religiosos poderão oferecer ao homem.

Essa discussão teórica reforça-se em Brandão (1994), que define a religião como “o único, ou o mais puro e eficaz repertório ofertado ao homem de significação indispensável” (Brandão, 1994, p.28).

Na busca de significação do mundo, o homem e a mulher procuram uma religião, que lhe proporcione motivações e referências ao viver. E essa busca encontra respaldo de ofertas em um *mercado dos bens simbólicos*, que dão respostas a eles como *sujeitos místicos*, cuja finalidade última é alcançar a salvação.

2.3. Religião e oferta de sentido no mundo capitalista

O capitalismo é a forma de produção dominante na atualidade (embora não seja a única) e todas as instituições adequam-se a esta. Os padrões de comportamento e os valores expressados na atualidade são, pois, capitalistas. Dessa forma, família, igreja, Estado, etc., refletem valores capitalistas.

Assim, a legislação, a organização das igrejas (considere-se, por exemplo, a Universal do Reino de Deus), os valores da família são moldados e, quando institucionalizados, passam a sustentar e sustentam-se nos valores capitalistas.

Cita-se, ainda ilustrando as afirmações acima, a própria Doutrina Social da Igreja Católica, que visa *amenizar* as condições de vida do trabalhador ou do não trabalhador que aspira a essa condição de vida e que são considerados excluídos.

O capitalismo visa ainda sua própria perpetuação, enquanto cria e recria a força de trabalho e a mantém em condições de sobrevivência. É dentro dos parâmetros culturais capitalistas que homens e mulheres realizam suas práticas sociais, ao mesmo tempo em que reproduzem as relações capitalistas e recriam o referencial do próprio grupo do qual participam.

Nesse processo, a religião atuará na determinação do sentido dado ao mundo e conseqüentemente na orientação das práticas individuais ou grupais.

No item a seguir será discutida a percepção do trabalhador sobre a questão do trabalho no capitalismo, avaliado se este lhe aparece como sacrifício ou fonte de dignidade?

2.4. Trabalho: sacrifício humano?

Conforme Marx (1983), o trabalho significa uma atividade física ou mental sobre algo que se deseja transformar, principalmente sobre a natureza transformando-a em um produto que possa ser útil à sobrevivência humana, isto é, um produto que possa atender às necessidades humanas.

Conforme a discussão realizada anteriormente, pode-se afirmar que, pelo trabalho, a natureza é controlada e um ambiente surge de acordo com os interesses das pessoas, atendendo a seus anseios e necessidades, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua capacidade criadora.

Como espécie animal, o homem destaca-se e diferencia-se dos outros animais por sua consciência do mundo, por sua cultura, sua religião, etc. já que desenvolve seu pensamento, suas idéias e representações e claro, sua consciência.

A diferenciação entre homens e animais na construção do mundo pode ser sintetizada, em Marx, nos Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1884:

“No engendrar prático de um mundo objetivo, no trabalhar a natureza inorgânica o homem se prova como um ser genérico consciente, isto é, um ser que se relaciona com o gênero como sua essência própria ou se relaciona consigo como ser genérico. Claro que o animal também produz. Constrói um ninho, moradas para si, tal como a abelha, castor, formiga etc. Só que produz apenas o que precisa para si ou seu filhote; produz unilateralmente, ao passo que o homem produz universalmente; produz apenas sob o domínio da necessidade física imediata, ao passo que o homem produz mesmo livre da necessidade física e só produz verdadeiramente sendo livre da mesma; só produz a si mesmo, ao passo que o homem reproduz a natureza inteira; o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, ao passo que o homem se defronta livre com o seu produto. O animal forma só segundo a medida e a necessidade da ‘spécies’ ao passo que o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer ‘spécies’ e sabe em toda a parte aplicar a medida inerente ao objeto; por isso o homem também forma segundo as leis da beleza” (Marx Apud Costa, 1995, p.171).

Assim, produzindo-se pelo trabalho, os homens possibilitam a reposição de sua energia gasta no mesmo e a reprodução da espécie.

Na medida em que os homens produzem, desenvolvem mais ainda seu cérebro, sua linguagem, sua inteligência, melhorando, como conseqüência, sua capacidade de trabalho e possibilitando mais a evolução material e intelectual do gênero humano, além de produzir ainda mais riqueza social.

O trabalho tem sua função social, embora seja relacionado a sacrifício. Percebemos essa questão na fala de um homem de aproximadamente 55 anos, quando entrevistado sobre o que é trabalho no Jornal Hoje – TV Anhanguera – em 1º de maio de 1999, respondendo: *trabalho é sacrifício*.

O trabalho se torna sacrifício quando tira do trabalhador a condição de prover de forma adequada sua subsistência e a de sua família. Quando a remuneração

pelo trabalho não é suficiente para dar essas condições, quando produz uma riqueza social da qual é excluído, restam ao trabalhador muito cansaço, exclusão e sacrifício.

Embora na Bíblia o trabalho apareça como vocação terrestre do homem (Gn 3,17-18-19), aparece também como sacrifício e condenação pelas falhas do homem:

“Ao homem Ele disse:

Por que escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te proibira comer, maldito é o solo por causa de ti!

Com o sofrimento dele te nutrirás todos os dias de tua vida.

Ele produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos: Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3,17-18-19, Bíblia de Jerusalém, 1994, p. 35 – 36).

Transcrita a afirmação acima, conforme consta na Bíblia, é importante salientar que a mesma é uma reação israelita contra os mitos de criação da Mesopotâmia e Egito antigo, que tinham como finalidade justificar a condenação dos humanos ao trabalho porque os deuses não o querem fazer, conforme Reimer (2001).

Ainda segundo Reimer (2001), no pensamento hebraico-cristão, a descrição do homem trabalhando é a de sua real condição humana.

“A lógica da vida está no trabalho, em um ritmo seguido por ritmos de descanso, de lazer, de não fazer nada. A real condição humana não é de ócio divino, nem de imortalidade, mas uma situação dentro do jardim que é um lugar de trabalho, de ganhar a vida, alcançando aí a legitimidade da condição humana” (Reimer, 2001).

Mas, homens e mulheres, hoje, sentem-se condenados ao trabalho, fadados a buscar na natureza cotidianamente sua subsistência. Trabalhar passa a fazer parte da visão de mundo das pessoas, assumindo a perspectiva inserida na Bíblia na

frase assim interpretada: *ganharás teu pão com o suor de teu rosto*. Essa passa a se refletir na organização social do homem, enquanto busca aprimorar seu conhecimento, na busca de um espaço no mercado de trabalho, de melhor salário, melhores oportunidades e melhor qualificação. Atribui-se a essa busca valores como a contestação da preguiça, a superação das adversidades, a busca de status social e de dignidade, que justificam a continuidade do trabalho humano diário ao longo de sua vida.

Observa-se na fala do feirante que vende alimentos, ao dizer: “Ficar à toa é oficina do diabo” (Genésio, 53 anos), a reprodução desses valores, pois enquanto está sem trabalhar abre espaços para a preguiça e para praticar atitudes consideradas socialmente erradas.

Segundo Catão:

“O que tem a ver diretamente com a religião é o trabalho inserido na vida do homem como contribuição à realização de si mesmo e do desígnio de Deus sobre o mundo. Homens e mulheres, nas condições reais em que vivem hoje, têm no trabalho o centro de sua vida e o lugar por excelência da prática dos valores que dão sentido ao mundo e à vida” (Catão, 1991, p.12).

Religião e trabalho não podem estar divorciados, pois, se tal acontecer, a primeira não conseguirá atingir o homem, no centro de sua vida, ao passo que, nessa relação, ela será reforçada, se desenvolverá e frutificará.

A Doutrina Social da Igreja Católica tem realizado discussões e uma vasta produção teórica acerca da questão religião e trabalho. O tema central considera o trabalho necessário à sobrevivência da humanidade, ao mesmo tempo que este transforma não só o mundo, mas também suas potencialidades. Nessas análises, o trabalho é visto como fonte de vida e construção da dignidade humana.

Segundo Catão, portanto, a temática do trabalho continua a ser problema enfrentado pelo campo religioso, o que pode ser confirmado quando se observa a proliferação de assembléias, tendas, igrejas, etc. em bairros onde moram trabalhadores.

O autor considera como sagrado as diversas experiências da vida tais como a liberdade, o amor de mãe, etc., e, claro, o trabalho, como indispensável à vida e para situar o homem no mundo.

Mas, mesmo com sua função vital de organização da produção, o capital dessacraliza o trabalho, enquanto o operário passa a depender mais das condições de trabalho do que do próprio trabalho.

Mesmo com a função histórica de guardiã da ordem social, a Igreja Católica busca um caminho diverso do liberalismo capitalista, explicitando sua postura sobre o tema em sua Doutrina Social, que preconiza a melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Segundo Catão (1991), é a interação no trabalho que dá ao homem a significação ao mesmo tempo social e religiosa. Mas o trabalho é considerado como secularizado pelo autor, na medida em que desenvolve a divisão do trabalho e a segmentação de classes. Essa divisão aparece como trabalho intelectual e manual, desvalorizando esse último. A história do trabalho nas sociedades de classe é de sujeição do trabalhador ao seu senhor.

Na perspectiva da Igreja Católica, o trabalho é direito fundamental do homem, reconhecido pela legislação vigente, em diversos aspectos como no Direito do Trabalho, que rege as relações empregatícias, e outros direitos como o seguro desemprego, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

Na visão religiosa, o homem faz parte do mundo e age sobre ele, como expressão de sua liberdade, em uma atividade consciente e livre, “em colaboração com a ação sustentadora e providencial de Deus, no seio do universo criado. Pelo trabalho o homem é co-autor de Deus no mundo, daí a significação religiosa do seu trabalho” (Catão, 1991, p. 59-60).

O evangelho confere significação religiosa ao trabalho, pois o desígnio de Deus no mundo se realiza do trabalho e da pausa do mesmo.

A idéia de dignidade na vida resultante do trabalho, com digna remuneração do mesmo, integra o Ensino Social da Igreja Católica, que resulta de uma concepção espiritual do trabalho, dentro de três dimensões: o trabalho como ação da pessoa humana enriquecido pelas contribuições da revelação cristã e resultante do próprio progresso da vida espiritual.

Na história do cristianismo, cita-se Paulo como exemplo de conjunção entre trabalho e evangelização. Na carta aos tessalonicenses, o trabalho é proposto com diversas motivações: como meio de subsistência; como exemplar no estilo de vida dos apóstolos; como forma de trabalho de catequese; para não ser um peso na comunidade; uma proposta de uma nova ordem econômica; ganhar o pão com o próprio esforço. Tal proposta pode ser resumida na frase: “evangelizar trabalhando e trabalhar evangelizando” (Silva, 1992, p. 24).

Em uma breve abordagem da Doutrina Social da Igreja, cita-se a Encíclica *Laborem Exercens*. Aí, o homem é mostrado como ser inteligente e livre, dentro de uma comunidade de pessoas, imagem de Deus e tendo Cristo como modelo em sua vida.

Os documentos de Medellín e Puebla abordam o trabalho como dignidade humana e forma de justiça social. Os textos abordam grandes problemas do mundo

industrializado e do submundo do empobrecimento, aspecto reforçado em diferentes Conferências Episcopais.

Também na encíclica *Rerum Novarum* (1891) escrito pelo Papa Leão XIII, trata da chamada *questão operária*. Importante por ser um primeiro documento da Igreja sobre a questão do mundo do trabalho.

A *Quadragesimo Anno* (1931), do Papa Pio XI, centralizada no problema econômico, acompanha a problemática social após a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929.

Mater et Magistra do Papa João XIII, (1961), aborda os direitos dos operários à participação nos lucros e na gestão da empresa.

Populorum Progressio do Papa Paulo VI, (1967), aborda o desenvolvimento integral da pessoa, busca compreender os problemas da atualidade e os caminhos de solução dos mesmos.

Diversos discursos e documentos do Papa João Paulo II, ressalte-se a *Laborem Exercens*, (1981), tratam do trabalho humano como chave da questão social e discutem também o conflito capital versus trabalho, a luta de classes e o direito à greve.

A Campanha da fraternidade de 1991, com o tema *Solidários na dignidade do trabalho coloca* em pauta o trabalho. E a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) discute o trabalho como *o dom e o dever do trabalho*. O trabalho é assim *graça divina e tarefa temporal*, fonte de reconstrução de vida e da dignidade humana. A realidade do trabalho que é de conflito, de divisões entre os seres humanos, pode ser de solidariedade e progresso, mas traz consigo desemprego e subemprego e para muito sofrimento, injustiça e violência.

Em uma perspectiva distinta da Igreja Católica, pode-se apontar que Max Weber analisa a relação entre Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, onde faz a discussão acerca do trabalho na produção capitalista. Ele situa como capitalista a busca permanente e racional de lucro, assentada no trabalho livre e orientada para um mercado real. O desenvolvimento capitalista, além de depender da técnica e do direito racional depende de certo tipo de conduta racional, pois obstáculos espirituais podem gerar resistência ao desenvolvimento de uma conduta econômica. Segundo Weber (1997), ethos capitalista pode ser encontrado em certas camadas protestantes calvinistas (pietistas, metodistas e batistas). A atitude de dedicação dos calvinistas à vida interior, ascética, vale-lhes a denominação de puritano e implica ter êxito na atividade profissional. A salvação pode ser alcançada pela comprovação da eficácia da fé, quando os empreendimentos profissionais têm êxito.

É trabalhando que se prova a própria fé. O que se condena não é a aquisição de riqueza, mas a ociosidade, as tentações da carne, etc.. Deve-se ter uma vida sóbria e de respeito à lei divina e buscar maior produtividade no trabalho.

O trabalho deve ser manifestação da glória de Deus; mas somente se seus lucros forem empregados em fins necessários e úteis, ou seja, reverterem-se ao trabalho na forma de investimento.

O trabalho tem sido preocupação também entre autores pentecostais, citando-se Maria José Resende, escritora evangélica, que aborda a questão dos desprivilegiados. Evidencia-se, também, a preocupação com o trabalho no Manual de Cultos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, enquanto solicita a benção de Deus sobre o mesmo. O trabalho é concebido como missão divina na

oração feita para o Dia do Trabalho, retirada do referido Manual de Cultos (Bobsin, 1992).

2.5. Empregos e precarização do trabalho: Onde estão os empregos? E os desempregados?

Este é um item que tem como propósito discutir as questões do trabalho, no que se refere ao emprego e desemprego surgidos a partir do desenvolvimento das relações capitalista de produção, hoje realizando a terceira revolução industrial e a terceira divisão internacional do trabalho, conforme Singer (1999).

À produção capitalista, que implica em seu desenvolvimento no assalariamento da mão de obra livre da propriedade dos meios de produção, interessa manter um excedente de trabalho que tem como função evitar o aumento dos salários. São desempregados ativos e ao lado desses estão os pobres que se sustentam com ocupações que muitas vezes só os mantêm no nível de sobrevivência. Observa-se então o crescimento de atividades desvinculadas do capital e o crescimento, no mundo e no Brasil, dos números de trabalhadores autônomos.

A humanidade realiza, hoje, a Terceira Revolução Industrial, a qual, diferente das primeiras, aumenta a produtividade, principalmente devido à informática, que substitui o trabalho humano pelo computador e impõe situações que o dispensam como o auto serviço, ou seja, operações em que o próprio usuário se atende, e também a terceirização, o trabalho flexível etc.

Para a compreensão desse processo torna-se relevante o levantamento do processo de desenvolvimento capitalista, responsável pela realização dessas

revoluções. A fundamentação teórica para essa temática terá como base o pensamento de Pochmann (2001).

A primeira revolução industrial, segundo o autor, se processa a partir da invenção da máquina a vapor e processa um desenvolvimento das manufaturas (envolve também outras transformações que não necessárias ao corpo desta discussão), proporciona o surgimento de uma forma comercial e concorrencial de capitalismo, onde se busca o controle do mercado e o impedimento do desenvolvimento industrial para além das fronteiras dos países que se industrializaram, basicamente a Inglaterra, que faz a industrialização originária. Exporta-se a mercadoria e não as máquinas.

Com o desenvolvimento da indústria, faz-se a primeira divisão internacional do trabalho no capitalismo, com cada parte do globo tendo um papel bem definido de produtor de produtos industrializados ou de produtos agrícolas.

Pertence a um pequeno número de países (Inglaterra, Estados Unidos, França, Japão e Alemanha) a exportação mundial de produtos manufaturados. Outro grupo de países servia de apoio à acumulação de capital por parte da metrópole, como Argentina e as colônias inglesas, que tiveram algum desenvolvimento controlado. Ao bloco restante, a maioria dos países, cabe produzir e exportar produtos primários e importar manufaturados.

A partir do início do século XX, a Inglaterra perde a sua condição de hegemonia, para o qual concorreram, além de questões internas, também as duas guerras mundiais e a depressão de 1929.

No segundo pós-guerra, os Estados Unidos assumem a posição de nação hegemônica e o capitalismo realiza sua segunda divisão internacional do trabalho.

Passa a predominar um quadro de guerra fria, desenvolvido pelas tensões criadas pelo bloco soviético, pós-revolução Russa de 1917, implantando um modo de produção distinto do capitalismo.

Essa bipolaridade favorece a reconstrução da Europa e do Japão e a reformulação do próprio centro capitalista mundial, gerando um bloco de países semi-periféricos, que por um lado dá apoio a uma ordem econômica mais favorável à industrialização norte americana e por outro internaliza nos mesmos a Segunda Revolução Industrial e Tecnológica. Assim, esses países conseguem passar da condição de produtores e exportadores de bens primários e importadores de produtos manufaturados, para a de produtores e até exportadores destes últimos. O Brasil encontra-se entre estes.

Nessa Segunda Divisão Internacional do Trabalho, a existência de países semi-periféricos evita a maior polarização entre países ricos e pobres. Mas muitos países não realizam esse processo e continuam centralizados na produção e exportação de produtos primários.

Esse quadro é abalado a partir do final dos anos 60 pela desorganização das bases institucionais do sistema capitalista e pela maior competição entre os capitais. Deve-se evidenciar que, ao final dos anos 80, superada a crise dos anos 60 e 70, os Estados Unidos tornam-se um império.

Em busca de maior taxa de acumulação do capital, um novo arranjo se realiza, envolvendo uma nova Revolução Industrial, e também a Terceira Divisão Internacional do Trabalho.

Essa Terceira Revolução Industrial se baseia na supremacia do capital financeiro sobre o produtivo, também na supremacia do dólar, e na revolução da informática e da automação (estes últimos revolucionam o processo de trabalho).

Assiste-se a um novo colonialismo, com a construção de mais filiais das multinacionais nas economias periféricas. Essas empresas, a partir dos anos 80, transformam-se em corporações transnacionais, cuja forma de atuação implica em permanecerem livres dos investimentos de longa duração, abrindo e fechando sua unidade produtiva em qualquer parte do mundo, na busca de mais lucratividade.

Observe-se que a essas corporações são oferecidas vantagens, na forma de incentivos fiscais e subsídios para realocização nos países semiperiféricos.

Formam-se blocos regionais (União Europa, Tratado de Comércio Livre na América do Norte, Ásia, Mercosul) que atuam também na divisão do trabalho de forma a defender os interesses dos países participantes, definindo dinâmicas espaciais diferenciadas quanto ao uso e remuneração da mão-de-obra.

Nos países periféricos, na tentativa de atrair as corporações transnacionais, o custo do trabalho é rebaixado “usando recurso público para qualificar mão-de-obra, criando contratos de trabalho especiais, ampliando jornada de trabalho, entre outras medidas e a desregulamentação dos mercados de trabalho” (Pochmann, 2001, p. 31).

Nesse processo produtivo como já foi dito, a mão de obra tem menor custo e, além disto, tem flexibilizadas e precarizadas as condições de trabalho. Deste trabalhador não se exige qualificação profissional superior.

Nessa divisão do trabalho, aos países periféricos cabe a produção com baixo coeficiente de tecnológico, com uso extensivo de matéria prima e de energia, muitas vezes em atividades insalubres e poluidoras do ambiente, o que, diga-se de passagem, não é mais aceito nos países ricos.

Como parte dessa divisão cabem aos países do centro capitalista o investimento em ciência e tecnologia. Utiliza-se tecnologia mais avançada, que

demanda mão de obra mais qualificada, que recebe maior salário, e é claro com condições mais favoráveis de trabalho, a quem cabe o comando e a elaboração da cadeia produtiva mundial.

O Brasil, integrado no desenvolvimento capitalista mundial e como economia periférica, passa por uma situação de retrocesso nas duas últimas décadas (80 e 90).

Esse país perde sua capacidade de crescimento econômico e não cria número suficiente de postos de trabalho para os que desejam trabalhar, e, para os que são criados, exige-se pouca qualificação, basicamente na forma rotinizada de trabalho e, lógico, baixa remuneração: “Os empregos qualificados foram reduzidos, em parte, pela ampliação das importações, pela ausência de novos investimentos e pela reformulação do setor público, além de pelas baixas taxas de expansão do produto” (Pochmann, 2000, p. 40).

Conforme Singer (1999), favorecido pela flexibilidade proporcionada pelo computador, o capital é descentralizado, fazendo com que as empresas se livrem das atividades complementares, através da *terceirização*. Através dessa, muitas atividades desconectadas do grande capital monopolista passam a ser exercidas por pequenos empresários, trabalhadores autônomos, cooperativas de produção, etc..

O resultado dessa revolução é modificar os processos de trabalho, expulsando milhões de pessoas do emprego, atingindo em maior escala os que cumprem funções rotineiras.

O mundo aparece assim interligado por relações globais, às quais os diferentes países, em diferentes estágios de desenvolvimento têm que se integrar para não condenar à miséria sua população. Segundo Singer, “... a globalização é um processo de reorganização da divisão internacional do trabalho, acionado em

parte pelas diferenças de produtividade e de custos de produção entre países” (Singer, 1999, 21).

Assim, cabe aos países semi industrializados fornecer mão-de-obra com condição de trabalho industrial a custos menores, como forma de fazer frente a organização sindical dos trabalhadores nos países de centro.

Transferem-se então as linhas de produção em larga escala para esses países, gerando de início emprego nesses setores, mas, por outro lado, provocando desemprego entre trabalhadores que produziam esses produtos anteriormente, resultando no desemprego tecnológico e no desemprego estrutural.

As condições de vida do trabalhador se tornam mais precárias pelo fato da não existência no Brasil de uma política de redução do desemprego e pela carência de mecanismos de proteção social aos mesmos.

Observe-se que a redução de postos de trabalho se dá não só no setor industrial, mas também no setor primário, que já reduz sua participação total desde os anos 30 no Brasil, ampliando-se no setor terciário. A industrialização se realiza de forma tardia no Brasil e mesmo assim também fecha postos de trabalho: “Entre as décadas de 1980 e 1990, por exemplo, a economia brasileira perdeu perto de um milhão e meio de empregos no setor de manufatura” (Pochmann, 2001, p. 56).

O setor terciário oferece ocupações na distribuição da produção (transporte e comércio); na produção (atendimento dos insumos e serviços diretos às indústrias); no social (consumo coletivo: educação, segurança, saúde, etc.); e no atendimento pessoal (lazer, alimentos e embelezamento).

“Historicamente, o setor de serviços como um todo já apresentava na economia brasileira um inchamento, influenciado pelo efeito combinado do drástico êxodo rural com a geração de empregos no setor industrial insuficiente ao universo dos trabalhadores disponível no mercado urbano. Em função disso, as alternativas de ocupação e renda no meio urbano

terminaram sendo direcionadas para o chamado setor informal, que abrigava parcelas expressivas de trabalhadores nas ocupações de serviços, sobretudo na classe de distribuição” (comércio, comunicações e transportes) (Pochmann, 2001, p. 58).

O trabalho informal cresce na década de 90, acompanhando a precarização do trabalho, principalmente em ocupações sem remuneração e por conta própria. São chamados e se chamam de autônomos e trabalham para grandes empresas sem vínculo empregatício, às vezes poucas horas por dia, ou em outras atividades fora da relação com a grande empresa (*freelancers*, ambulantes etc.). Isto os descaracteriza como desempregados, embora suas condições de vida pouco se diferenciem.

“Algumas vezes, em contrapartida, as ocupações não assalariadas podem ser identificadas como uma das novas formas de inserção ocupacional, especialmente no caso do trabalho autônomo para a grande empresa, pois surge em condições de remuneração e de trabalho mais favoráveis (técnicos especializados e mão- de- obra com alta escolaridade e elevada experiência profissional). No Brasil, no entanto, o trabalho por conta própria que realmente tem se expandido é o tradicional, mais conhecido por trabalho autônomo para o público, que se caracteriza, em geral, por ser portador de condições de trabalho precário e de remuneração contida.” (Pochmann, 2001, p. 98).

Conforme Antunes (2000), às empresas interessa o não pagamento do tempo morto de trabalho (tempo ocioso); que não tenha reserva de mão de obra sem utilidade imediata e o pagamento de horas extras quando tiver urgências de algum trabalho. Ficam no trabalho aqueles que manterão o funcionamento da empresa, ou que tenham qualificação de difícil substituição. Estes são mais bem pagos, têm segurança no trabalho e perspectiva de carreira.

Outro segmento do mercado de trabalho refere-se a trabalhos de baixa qualificação, repetitivos e rotineiros, tendo esses sua situação instável e ademais recai sobre eles o desemprego e sua situação se torna precarizada.

O mercado de trabalho hoje exige o trabalhador flexível, isto é, capaz de se adaptar às diversas exigências do mesmo, quanto à qualificação, à forma de contratação livre principalmente da legislação trabalhista. Segundo Singer:

“A flexibilização, desregulamentação ou precarização do trabalho dividem o montante de trabalho economicamente compensador de forma cada vez mais desigual: enquanto uma parte dos trabalhadores trabalha mais por uma remuneração horária declinante, outra parte crescente dos trabalhadores deixa de poder trabalhar” (Singer, 1999, p.30).

Aos que não têm acesso ao mercado formal de trabalho resta a situação de trabalhador informal, em trabalhos muitas vezes precários e clandestinos. Isto pode ser observado nas ruas das cidades, no aumento de vendedores ou prestadores de serviço ambulante, na redução do número dos que podem comprar e aumento da proporção dos que querem vender inclusive pode acontecer a exclusão do mercado informal.

Na economia brasileira funcionam conjuntamente êxodo rural e insuficiente geração de empregos no setor industrial para os trabalhadores, restando como alternativa de trabalho e renda o setor informal, basicamente nas ocupações de serviços, comércio, comunicações e transportes.

Constata-se no Brasil o crescimento do número de trabalhadores informais sem direitos assegurados pela legislação trabalhista, como Previdência Social, Fundo de Garantia sobre o Tempo de Serviço, horas extras, etc., mas com aspiração de mudança em sua condição de vida e trabalho. Segundo Singer (1999), nas

pesquisas do IBGE de 1994, metade dos trabalhadores informais gostaria de trabalhar com carteira assinada.

Aumentam os vendedores ou prestadores de serviços ambulantes, o que pode ser observado nas ruas das cidades. Os pobres, com risco de não sobreviverem, não podem ficar parados, ao cessar um posto de serviço, e são obrigados a recorrer a outro ou mudar de atividade ou de região, já que a sobrevivência humana e da espécie tem que ser garantida, e uma dessas alternativas é o trabalho no setor informal.

2.6. Quem são os trabalhadores da Feira Hippie de Goiânia e por que trabalham lá?

Para ilustrar a questão das motivações que levam as pessoas a trabalhar na feira, será lançada mão de dados quantitativos:

Razões:	Porcentagem:
Antes não trabalhava – do lar	7,32%
Aposentado	7,32%
Hippie	2,44%
Ganha mais	24,39%
Está Velho	14,63%
Trabalhar por conta própria	7,32%
Gosta	2,44%
Complementação salarial	17,07%
Para vender o que produz	4,88%
Falência de onde trabalhava	2,44%
Não encontrou outra opção de trabalho	7,32%
Oportunidade nesse mercado	2,44%
Expor o que sabe fazer	7,32%
Ajudar a família	2,44%
Permite conciliar com o trabalho de casa	2,44%
Opção	2,44%

Pelos dados, observa-se que é relevante o interesse em complementação salarial 17,07%, e como também o medo de não conseguir outro trabalho por se considerar velho 14,63%. 7,32% por não encontrar outra opção de trabalho. Outra motivação que se apresenta é o interesse de alguns feirantes de expor o que produzem: 7,32%.

A título de exemplo cita-se a fala de Edson, 20 anos, que busca complementação salarial:

“Eu morava no interior e agora vim para a capital. Lá trabalhava no mercado, aqui além do trabalho na feira, trabalho fichado na construção civil. O ponto é meu, mas não é delimitado pela Prefeitura. A Feira Hippie é importante para mim porque aqui ‘descolo’ meu dinheiro.”

Edson migra em busca de trabalho, complementa o salário com o que vende na feira, tendo assim dupla jornada de trabalho.

Quanto às motivações, deve-se observar que foi considerado que a pessoa pode ter mais de um motivo nessa atividade. Observa-se que estas são variadas, mas o que prepondera é a questão econômica: ganhar mais 24,39%; complementar salário 17,07%. É uma atividade que dá abertura ao trabalho de pessoas mais velhas e aposentadas 21,95%.

O mercado transforma em velhos pessoas de 42 anos ou de 50 anos, conforme o que dizem alguns feirantes que não encontraram trabalho devido à idade. Como é a situação de Nerivaldo, 62 anos; João Rodrigues, 56 anos; Ranulfa, 42 anos; Francisco, 47 anos; Valdivino, 53 anos. Conforme pode ser constatado nas falas de Ranulfa – 42 anos:

“Escolhi esta profissão devido à idade da gente que vai chegando e fica difícil conseguir emprego. Eles querem as pessoas mais novas. Eu não me sinto velha, quanto maior a experiência melhor, mas para as firmas estou com idade avançada.”

“O ponto é meu e de minha irmã. Já trabalhei de carteira assinada por dez anos, em uma fábrica de calçados. Saí de lá, porque a pressão e o cansaço era muito, embora o salário fosse bom, e aí tentei procurar uma coisa melhor para mim, porque tenho idéias criativas e posso criar meus modelos. Saí do emprego em 89 e depois nunca mais trabalhei de carteira assinada.”

Ranulfa é jovem e também se considera como tal, mas o mercado de trabalho já a excluiu; tornou-se informal enquanto trabalha sem carteira assinada. Como tal, não tem benefícios sociais, como por exemplo da aposentadoria por tempo de serviço, por não contribuir com o INSS.

E Valdivino – 53 anos:

“Trabalho na feira há seis anos. É alternativa de trabalho porque sou velho para conseguir outro trabalho, antes trabalhava na construção civil com carteira assinada. Tenho banca também na avenida Goiás desde 1997. Tenho vontade de conseguir emprego de carteira assinada, mas as firmas não pegam mais.”

Valdivino também é considerado velho aos 53 anos para sua atividade anterior, tem anseio de integrar ao mercado formal, que o exclui e o obriga a aprender outra atividade diferente da que realizava até antes de ser feirante.

Também é motivo a tradicional concepção do brasileiro de ter independência financeira e hierárquica, ou seja, ter seu próprio negócio e não ter patrão respectivamente, observável na afirmação de Gláucio – 49 anos:

“Trabalho na feira não porque escolhi, mas por uma questão de oportunidade e de mercado de trabalho. Fui funcionário público, preferi ganhar menos e ser dono do meu nariz. Gostaria de ter emprego de carteira assinada, desde que a remuneração fosse digna, isto é, acima de trezentos reais”.

Ser dono do meu nariz integra a identidade do brasileiro, que transforma este dito em uma proposta de vida a ser realizada.

A falência de pequenas empresas constitui motivação para a procura da feira como alternativa de trabalho, como acontece com Francisco – 47 anos (já citado na Introdução) – e Joana, 40 anos, que parou de trabalhar com carteira assinada após a insolvência financeira da fábrica de calçados onde trabalhava.

A ruína de pequenas unidades produtivas é fato constatável nessa realidade. Com os sucessivos planos econômicos, essas pequenas unidades, sem planejamento, sem conhecimento de administração ou do mercado para ter previsibilidade do futuro da economia, e ,ainda, sem caixa, não têm como competir em um mercado que não só faz essas exigências, mas também exige flexibilização e capacidade de competição.

Esses fatores resultam na falência e busca de novas alternativas de trabalho, levando à mudança de atividade, quando não a mudança de local de trabalho e também de cidade. É relevante o número de pessoas que, falidas, mudam-se para Goiânia e buscam a alternativa da feira, que lhes parece mais acessível, pois exige menor investimento financeiro.

Na intenção de avaliar o interesse em mudar sua condição de vida e trabalho e interesse de perseverar nessa atividade, foi levantado o tempo de trabalho na feira:

Anos:	Porcentagem:
1	21,95%
2	19,51%
3	4,88%
4	7,32%
5	9,76%
8	9,76%
10	2,44%
12	2,44%
15	2,44%
17	2,44%
18	4,88%
18	4,88%
27	2,44%

Não informou 9,76%

Constata-se, pelos dados, 46,34% estão recentemente nessa atividade, já que trabalham na feira de 1 a 3 anos. Na medida que aumentam os anos, reduz o número de pessoas. 29,28% estão trabalhando lá de 4 até 10 anos, de 10 a 18 anos há 12,20% dos feirantes. Assim, a maioria das pessoas entrevistadas estão há pouco tempo nessa atividade: 46,34%. A permanência na feira se reduz com o passar do tempo, exemplifica-se que apenas 01 pessoa trabalha na mesma há 27 anos.

A idéia de propriedade do ponto dá à pessoa estabilidade e definição do sentido de sua ação. Nessa questão foram levantados os seguintes aspectos, com relação à propriedade:

Proprietário	48,78%
Alugado	17,07%
Emprestado	14,63%
Invasão	12,2%
Ponto móvel	2,44%
Comissionado	4,88%

Muitas são as modalidades de propriedade da banca e do ponto: a maioria é proprietária do próprio ponto (42,78%). Mas também 17,07% dos entrevistados trabalham em pontos alugados e 14,63%, em pontos emprestados. Estes últimos, conforme o observado no campo, estão em local de menos movimento. Foi possível constatar pontos *invadidos*, 12,20% que estão em local não permitido pela Prefeitura Municipal.

Muitas questões puderam ser observadas, como algumas pessoas que instalam suas bancas móveis à *margem* da feira. 17,08% têm bancas em outras feiras, porém é possível deduzir que outras pessoas possuem bancas em outras

locais, mas não declararam. E ainda, pode-se encontrar pessoas com mais de 1 ponto.

Os feirantes com pontos legalizados competem com os chamados *invasores*, porque dizem que pagam tributos. Os *invasores* se movimentam para mudar sua condição, reivindicam junto à Prefeitura sua legalidade. Conforme a feirante Eunice, 53 anos, os “invasores” não pagam tributos:

“Esse mundo nosso tem muita discriminação, quando está velho ou doente não se consegue mais emprego. Aqui na feira mesmo tem muita discriminação, a gente paga os impostos, os invasores chegam e entram não pagam nada e acham que só a gente tem que pagar. E em qualquer loja que vamos comprar eles falam: ah! Confecçãozinha de fundo de quintal, quer dizer não somos respeitados, a verdade é esta.”

O interesse em permanecer nesse trabalho também foi levantado, obtendo-se os resultados:

Sim	65,85%
Não	14,63%
Trabalha com carteira assinada	17,07%
Tem interesse em trabalhar assalariado	14,63%
Tem outro trabalho	2,44%

Quanto à intenção de continuar trabalhando na feira, 65,85% dizem ter o interesse em continuar, 14,63% não tem e 17,07% já trabalham em outra atividade. A maioria das pessoas tem interesse de continuidade, mais da metade dos entrevistados se colocam como tendo esse interesse e aproximadamente metade dos entrevistados diz ter carteira assinada, portanto essa atividade é complementar. Mas mesmo nessa atividade, 14,63% demonstram interesse em ter outro trabalho.

3. SIGNIFICAÇÃO DO MUNDO E TRÂNSITO RELIGIOSO

Para compreender e avaliar o sentido dado ao mundo pelo feirante e sua representação do mesmo, torna-se importante retornar a discussão do significado da religião e da relação trabalho-religião.

Segundo Geertz, a religião dentro de qualquer variante, serve como sentido nas ações humanas e na cura do espírito afligido, pois como produtora de sentido dá ao ser humano significações indispensáveis à sua vida, possibilitando compreender e explicar suas condições de vida e sua posição no mundo.

As religiões envolvem-se de seriedade moral e servem como formas não só de sustentação da ação humana, mas também de fundamentação nos diversos contextos da existência, estabelecendo caminhos e traçando exigências conforme Geertz nos afirma:

“A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca; ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional” (Geertz, 1989, p.143).

A religião faz exigências de comprometimento com o sagrado de tal modo que ao absorvê-la integralmente, o indivíduo se compromete de forma intelectual e emocional.

A religião tem a função de conservar os significados a partir dos quais o indivíduo define sua visão de mundo, explicando sua experiência e organizando sua conduta, logo, uma religião corresponde à significação geral dentro da qual o indivíduo se identifica e pauta sua ação.

Assim, segundo Geertz:

“o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícita no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica. Essa demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidas” (Geertz, 1989, p. 144).

Os valores de uma religião passam a integrar o viver das pessoas, reproduzindo-se nas suas atitudes, permitindo-lhes compreender e explicar seu mundo a partir dos pressupostos da mesma.

Esse mundo se torna, então, explicado e coerente, o que pode ser avaliado nos valores que se reproduzem na fala do feirante, que vende produtos diversos: cofres de madeira, bijuterias, etc.

“Acredito que Deus existe por muitas coisas boas que Ele faz, primeiramente deu a vida, a luz, tudo. Deus é acima de tudo, a gente não conhece, nunca viu, mas pela Bíblia, por a gente viver aqui, Ele tem de existir, porque senão como nós viveríamos todo dia. E esse povão todo aqui? Ele é um só. Não precisa de um livro, nem nada, para acreditar em Deus, só a Bíblia que Ele deu para gente, né? Acho que é o suficiente” (Mário Jorge, 39 anos).

Para Mário Jorge, a existência de Deus é inquestionável, e a partir dela se explicaria a existência da humanidade.

“Olha, eu não sou muito daquele negócio, não! O problema, como se diz, como é que fala? Acho que não é muito bom, acho que não resolve a gente recorrer. Pode rezar, pedir, mas tem muitos que pede só na hora do aperto, só na hora das dificuldades do trabalho, né? ‘Ah, meu Deus! Me acode, me ajuda.’ Aí, Ele não vai resolver nada. Tem que fazer. (...) Tem é que fazer é procurar a servir a Deus, dar o exemplo para os filhos, para todos, no trabalho; trabalhar direito, porque a pessoa que trabalha tem que ser honesta primeiramente. Tem que ser muito honesto para trabalhar e pedir a Deus assim, fazer oração, rezar sempre que for preciso” (Mário Jorge, 39 anos).

O feirante reproduz os valores socialmente corretos e aceitos pelo seu grupo, o que proporciona ao todo da sociedade a coesão e o equilíbrio necessário à sua sobrevivência.

“Toda religión implica una movilización específica de la memoria colectiva” (Hervieu-Léger, 1996, p.9). Conforme Danièle Hervieu-Léger (1996), as sociedades constroem seu universo simbólico a partir da relação que estabelecem com a natureza e das relações entre as pessoas, construindo neste processo a memória coletiva, fundamento da tradição e do sentido dado à vida. Assim, as sociedades tradicionais constroem a memória estruturando seu universo simbólico a partir de um mito de origem, onde se fundamentam as práticas cotidianas, as estruturas, a organização, e a linguagem. Nas sociedades complexas, onde prevalecem religiões fundadas, as comunidades de fé que daí emergem, buscam o sentido recuperando o

acontecimento histórico de sua fundação. Esse ato é o fundamento da crença do grupo religioso.

Hervieu-Léger afirma que:

“Esto significa que se constituye y se reproduce enteramente a partir del trabajo de la memoria que alimenta esta autodefinición. Al comienzo de toda creencia en la continuidad de la línea de los creyentes. Esta continuidad trasciende la historia. Se comprueba y manifiesta en el acto, esencialmente religioso, que consiste en hacer memoria (anamnesia) de ese pasado que da sentido al presente y contiene el porvenir” (Hervieu-Léger, 1996, p. 10).

A religião se insere, então, neste conjunto de valores essenciais à significação e sentido do viver humano capaz de se refletir nas ações do sujeito, como pode ser verificado na fala de José, 65 anos: não se deve recorrer a Deus só em momento de aflição, a pessoa tem que trabalhar e direito, ser honesta e são valores a serem ensinados aos filhos, assim organizam seu mundo.

“Olha, eu não sou muito daquele negócio, não! O problema, como se diz, como é que fala? Acho que não é muito bom, acho que não resolve a gente recorrer. Pode rezar, pedir, mas tem muitos que pede só na hora do aperto, só na hora das dificuldades do trabalho, né? ‘Ah, meu Deus! Me acode, me ajuda.’ Aí, Ele não vai resolver nada. Tem que fazer. (...) Tem é que fazer é procurar a servir a Deus, dar o exemplo para os filhos, para todos, no trabalho; trabalhar direito, porque a pessoa que trabalha tem que ser honesta primeiramente. Tem que ser muito honesto para trabalhar e pedir a Deus assim, fazer oração, rezar sempre que for preciso” (José, 65 anos).

Percebe-se uma confiança na existência de Deus, como ser onipresente e a partir Dele se explica a existência humana e a exigência de um padrão de comportamento moral coerente com a crença professada. Essa concepção se reproduz na visão da vendedora de calçados fabricados por ela mesma:

“Jesus disse: *andais como eu andei*, às vezes, o católico diz assim: *eu tenho Deus na minha vida, eu tenho Deus no meu coração*, eu não sei que tipo de Deus, porque eu também acreditava. Antes quando eu ia na igreja era na

católica, e dizia que tinha Deus na minha vida, mas não é bem assim não, porque o católico vai na igreja, sai de lá toma cerveja, dança a noite inteira, então não está de acordo com a palavra de Jesus. Jesus não andou em forró, ele não bebia, ele não prostituía, ele não adulterava. Então na minha angústia, quando senti necessidade de encontrar com esse Deus, eu pedi para ele assim: meu Deus que eu venha a conhecer o Deus dos crentes, e foi assim” (Vendedora de sapatos, 35 anos).

Sua fé dá sentido à sua vida, assim aceita e organiza seu mundo conforme os princípios estabelecidos pela religião pela qual faz opção. Conforme Mariano (2000), o pentecostalismo pode proporcionar condições a uma reorganização de vida reforçando os laços familiares, afastando do alcoolismo, aumentando a auto-estima e proporcionando condições de estruturar uma nova identidade subjetiva.

A religião cumpre também a função simbólica de ascensão do status quo social, ao incorporar o indivíduo a uma sociedade de caráter religioso deixando a sua situação de exclusão e marginalização.

3.1. Os Feirantes e o Catolicismo

A Igreja Católica continua presa nas malhas da estrutura burocrática e dentro da manutenção da hierarquia, da manutenção do poder dos bens simbólicos da salvação, do distanciamento dos leigos. E, segundo Pe. Comblin (1998, p. 151), *prisioneira das suas estruturas históricas*, perde em termos de participação e comprometimento dos leigos.

Entre os feirantes católicos é possível avaliar diferentes formas de participação. Há aqueles que são fiéis, participam das atividades da igreja tanto para os sacramentos quanto para os rituais, são engajados e participam de movimentos leigos. Também existem os que recebem os sacramentos e participam

esporadicamente dos cultos e, ainda, aqueles nascidos católicos em famílias tradicionalmente católicas, que se dizem católicos, mas que não participam nas atividades da Igreja e para os quais a Igreja não cobra participação.

Estes últimos quando indagados quanto ao que têm que fazer para ser de sua igreja afirmam que não há cobranças, são livres e não têm exigências quanto à participação e freqüência à igreja, às celebrações rituais e o seguir a doutrina cristã - católica.

Conclui-se que esses não se sentem obrigados a participarem semanalmente da missa. Entre os católicos entrevistados, 60 % dizem ir à missa de vez em quando.

Os depoimentos arrolados a seguir comprovam os diferentes tipos de participação e comprometimento com sua crença entre os católicos. Esse comportamento resulta de uma ação que faz parte da tradição cultural brasileira e, em conseqüência, molda a identidade religiosa do feirante:

- Os fiéis que assistem ao culto eventualmente:

“Acredito em Deus, sou católica e vou à missa duas vezes por mês. Deus para mim é tudo e está acima de todas as coisas, qualquer coisa quando necessitamos, nós só pedimos a Deus, só esquecemos de agradecer” (Aldenísia, 36 anos).

Mesmo não participando assiduamente, a feirante Aldenísia tem sua fé em Deus firme e Ele é solução em suas necessidades. Ao mesmo tempo, reconhece-se devedora, por não estar agradecendo as graças recebidas, ensinamento que recebe em seu processo de aprendizado das regras sociais do grupo no qual está inserida.

Já Francisco não se sente obrigado a participar dos rituais da sua igreja. Sua

decisão individualizada o descompromete com a prática dos rituais de sua fé. A Igreja Católica não tem sanções para os que deixam de participar, o que passa a ser parte do livre arbítrio de cada um.

“Vou a igreja quando tenho vontade, não vou todo o dia, não vou toda semana, porque a gente não é obrigado a ir. A gente tem que ir na igreja mas, é o dia que pode” (Francisco, 47 anos).

“Sou católico não praticante por falta de tempo e de vergonha mesmo, a gente tem que arrumar um tempinho” (Valdivino Filho, 34 anos).

Diferente da situação de Francisco, o feirante Valdivino não participa, reconhece-se devedor e continua sem participar. O feirante em questão trabalha como enfermeiro em dois hospitais e no fim de semana está na feira. O excesso de trabalho o deixa sem tempo. Como não tem cobranças do grupo, opta por deixar de frequentar à igreja.

“Sou católica. Toda vez que passo na porta de uma igreja, se me dá vontade eu entro e rezo. Não vou à missa, rezo no meu quarto, todo flagelo em minha vida eu converso com Ele, como se estivesse vendo Ele na minha frente” (Maria de Lourdes, 67 anos).

Embora a feirante Maria de Lourdes tente ter uma relação íntima com a divindade, não se sente obrigada com sua opção religiosa, vai à igreja quando tem vontade.

- Os que vão às missas semanalmente e participam das atividades da sua comunidade religiosa;

“Vou à missa todos os domingos, meus filhos fazem catequese, participo das festas e tudo o mais que posso ajudar. A igreja é muito aberta, não tem exigência para os fiéis” (Angelita, 31 anos).

Reconhecendo a não exigência de participação, a feirante Angelita opta por ser participante ativa em sua igreja ao mesmo tempo que ensina esses valores a seus filhos.

“Em minha vida sempre tenho seguido princípios religiosos. Trabalho com casais na Igreja. Vou à igreja até duas vezes por semana. Sou carismática católica” (Ranulfa, 32 anos).

Ranulfa é carismática e como tal se envolve com a prática de sua fé religiosa, tem interesse em participar e se envolver com as atividades leigas de sua igreja.

- Os que nascem em família de tradição católica, recebem os sacramentos do batismo, do casamento, mas não se comprometem com as atividades da sua fé religiosa, e na maioria das vezes não se sentem obrigados a participarem e não vêem cobranças por parte da sua igreja.

“Nasci católica, aprendi minha crença com minha mãe, ela era de dentro da igreja, ela tomava conta de igreja, minha família era muito católica, então aprendi a ser católica. Freqüento a igreja, às vezes eu deixo de ir, me angustio, então tenho que ir” (Nanci, 29 anos).

Nanci é católica por ser a religião ensinada por seus pais. Os valores que recebe do grupo familiar estão inseridos em seu modo de agir de tal modo que a levam a *ter peso na consciência*, quando não cumpre com suas obrigações religiosas.

“Sou católica e freqüento a igreja na medida do possível” (Eunice, 53 anos).

Os valores recebidos não são capazes de exigir participação; já esse ato só é feito quando sente vontade, como se fosse ao cinema ou visitar um amigo. Essa situação se reproduz na fala de Francisco:

“Vou a igreja quando tenho vontade, não vou todo o dia ,não vou toda semana, porque a gente não é obrigado a ir. A gente tem que ir na igreja mas, é o dia que pode” (Francisco,47 anos).

Também se constata a igreja como solução de problemas no depoimento de João:

“Sou católico, mas vou à Igreja de vez em quando. A gente procura Deus quando está arrojado, acho que é todo mundo, quando tem um problema diz: oh, meu Deus! Eu faço minhas orações, a igreja não me cobra absolutamente nada” (João Rodrigues, 56 anos).

A participação nos rituais da igreja faz parte da prática do católico, mas João não a cumpre e percebe que busca Deus só nos momentos de necessidade.

“A igreja católica não pede nada em troca, é pela vontade espontânea da pessoa” (Lucivaldo, 30 anos).

A igreja católica não exige desse católico (Lucivaldo) a participação em seus rituais, é livre à participação espontânea, e os fiéis também não se sentem exigidos.

“Acredito que Deus existe. Sou católica, mas vou pouco à igreja, só vou de vez em quando, não gosto muito de ir na igreja, acredito muito é em mim mesma e pedindo para mim está bom. Quando tenho problema recorro a Deus, mas comigo mesma, acho que igreja não me ajuda não, não me sinto bem indo muito a igreja, é muito raro a igreja em que me sinto bem”.

“Faço orações de agradecimento ao levantar e ao deitar, mas comigo mesma” (Jaqueline, 17 anos).

O subjetivismo impera na fala de Jaqueline, que muito jovem passa pelo processo de socialização por pais que já passaram por um processo de secularização e também não vão à igreja, conforme o depoimento de sua mãe:

“Não freqüento nenhuma igreja, eu era católica, hoje eu sou tudo, dá vontade de ir numa religião eu vou, se vai na crente eu vou. Os crentes cobram que eu

vá, eles acham que tenho que ir, porque só lá que Deus está, mas acho que reunindo em minha casa, orando mesmo, acho que está válido. Rezo toda noite, mas não sei explicar o que significa. Quando tenho problema recorro a Deus, mas acho que um amigo também pode ajudar. Há uns tempos atrás, não tínhamos dinheiro, pedi com muita fé, todo dia e tive meu problema resolvido. Acho que quando estou numa boa não vou a igreja, então não adianta ir quando estou numa ruim, acho que estou pedindo em casa valeu, é a maneira de cada um pensar. Na igreja é ótimo, mas se pedir com fé fora dela consegue” (Maria de Lourdes, 46 anos).

Ir a qualquer opção religiosa ou rezar em casa mesmo, tanto faz, não existe uma linha de pensamento a seguir ou princípios norteadores, a igreja já não responde às necessidades espirituais e nem materiais, que podem serem solucionadas fora dela.

“A igreja católica não cobra a minha participação, há dois anos atrás ia sempre à missa, agora vou de vez em quando. Rezo todos os dias, principalmente o Pai Nosso, que para mim é a oração mais importante” (Reginaldo, 21 anos).

A partir dessa fala e das anteriores, conclui-se que, para os católicos, a Igreja está sempre aberta, para todos. Por outro lado, não existem penalidades para os que não cumprem os ritos os sacramentos, não têm também a obrigatoriedade do dízimo e não há filiação à mesma, estão nela porque nascem católicos e nela permanecem até morrer. Por não ter prática religiosa, o católico não perde o *direito* à religião. *Sim, o católico se sente com direito à religião* (Prandi, 1996, p. 267).

A modernidade põe em cheque o catolicismo, quadro que não muda com a pós-modernidade, pois continua o processo de secularização da sociedade, conforme Libânio:

”Proclamou-se o ‘fim do monopólio das tradições religiosas.’ Desta sorte, as experiências religiosas vinculadas a uma Instituição, no caso do mundo Ocidental ao Cristianismo, quer na sua forma católica, quer protestante, perdem plausibilidade. Já não são as Igrejas ou religiões institucionais que

criam necessariamente o espaço da experiência religiosa. Antes, pelo contrário, elas perdem força e deixam o sagrado solto, entregue às vivências pessoais, individuais em processo crescente de privatização e individuação” (Libânio, 1998, p.61).

A sobrevivência das instituições religiosas, frente às transformações sociais pós-modernas dá-se pela capacidade de mudança. Mesmo para aquelas com organização sacerdotal e obrigações hierárquicas legitimadas pela tradição, têm que ser capaz de conseguir a adesão do crente que transita neste espaço.

Entre os que se dizem católicos, alguns feirantes, como, por exemplo, Sebastiana, freqüentam cultos em outras denominações religiosas e pode se dizer que perdem sua identidade católica:

“Baseio minha crença na Bíblia, na igreja. Sou católica, e conheço também a Comunidade Cristã Evangélica, que freqüento de vez em quando, porque me senti bem lá. Gosto da católica, mas senti vontade de conhecer outras também” (Sebastiana, 50 anos).

A feirante Sebastiana, organizando seu mundo conforme seu parecer individual, não importando a denominação religiosa, é livre em sua opção. O sentir-se bem em uma igreja é o que define isso. No Brasil, o campo religioso popular estabelece relações modernas de liberdade e autonomia individual na escolha da pertença definitiva de cada um.

“As sociedades latino-americanas se apresentam neste final de milênio como um campo religioso profundamente transformado e reordenado, onde diferentes formas de expressão religiosa—institucionais e não-institucionais, tradicionais e novas, permanentes e efêmeras, fundamentalistas e performáticas, sectárias e ecumênicas – convivem no mesmo contexto de um pluralismo que parece não colocar limites à diversidade” (Steil, 2000, p. 117).

As transformações impostas pela modernidade colocam o sujeito no centro do universo religioso, ordenando seu mundo de acordo com valores que possibilitem significá-lo e organizá-lo conforme as respostas que necessite no momento que vive. As instituições religiosas tradicionais não desaparecem, perdem sim, seu monopólio da oferta de bens simbólicos.

“A secularização e a diversidade religiosa estão associadas diretamente a um mesmo processo histórico que possibilitou que as sociedades existissem e funcionassem sem precisar estar fundadas sobre um único princípio religioso organizador” (Steil, 2000, p. 116).

Confirma-se essa perspectiva também em Hervieu-Léger quando afirma que:

“... la institución católica reacciona masivamente contra esta amenaza,, mediante la reafirmación teórica y práctica de la centralidad del magisterio romano, y se compromete en operaciones de normalización de las referencias ofrecidas, no solamente a los fieles, sino a la humanidad entera” (Hervieu-Léger, 1996, p. 14).

A Igreja Católica, em crise estrutural, divulga um discurso eclesiástico que atinge apenas aqueles fiéis para quem o mesmo não deixou de normatizar sua vida. Não constitui, porém, oferta de sentido onde prevalecem os direitos à subjetividade individual, mesmo que seja um discurso dirigido a todas pessoas.

Assim, o catolicismo também é atingido em seu interior pela diversidade. Para fazer frente a esse fenômeno, a Igreja Católica renova-se com suas pastorais sociais (da saúde, da terra, etc) e com os movimentos surgidos em seu interior como: as comunidades Eclesiais de Base e a Renovação Carismática Católica. O católico agora deve se preocupar também com os excluídos socialmente, se organizar e lutar em nome de Deus para transformar o mundo em processo de conscientização

coletiva, via ação a um apoio às questões da terra ou em sermões que questionam a atuação dos dirigentes políticos.

Mas isso não engloba todos os padres, nem todos os católicos. Alguns padres, se pudessem, continuariam a celebrar a missa em latim e, por outro lado, outras pessoas, como Leonardo Boff, abraçaram a posição de militância política.

A Renovação Carismática surge nessa onda de conservação, sem preocupação política e coletiva e sim com ênfase no indivíduo, com um culto envolto no trabalho com as emoções e a magia, na realização da cura e a retomada do milagre. *As novas formas de crer* não significam repetição das crenças das religiões tradicionais, mas reinvenção no moderno dos aspectos da tradição, ou seja, “aspectos da modernidade são incorporados e reavaliados pelo popular e a tradição” (Steil, 2000, p.122).

A Renovação Carismática, alternativa da Igreja Católica para trazer de volta ovelhas desgarradas, revaloriza os sacramentos rituais, a oração e o culto mariano. O fundamento de sua crença são os dons do Espírito Santo, que se exteriorizam no transe e no dom das línguas.

Outra alternativa é o surgimento dos padres-espetáculo; trabalha-se de forma coletiva as emoções. Assiste-se ao deslocamento do poder das lideranças leigas para os sacerdotes. Observe-se que a mídia tem-se servido e usado, para dar IBOPE⁴, dos padres cantores.

“Tomando como referência o catolicismo, podemos observar uma ‘reinvenção’ da tradição e uma revitalização de rituais impregnados de emoção, abrindo a possibilidade para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos no seu campo hegemônico. Ou seja, a diversidade atingiu o próprio catolicismo. As opções para expressar o ‘ser católico’ se multiplicaram nestes últimos anos, de modo que as suas possibilidades podem variar das formas mais

⁴ IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa.

tradicionais às mais político-libertárias ou emocional-carismáticas. Alguns podem ser católicos, centrando sua prática no culto aos santos, outros participando de associações religiosas, outros ainda assumindo compromissos, éticos e políticos de caráter libertário. E há também aqueles que se consideram católicos, sem que isto os vinculem a quaisquer compromissos explícitos de ordem religiosos – institucional” (Steil, 2000, p. 117).

Esta situação criada pela própria dinâmica moderna, quando a religião deixa seu papel fundante do social, abre espaço para a emergência de diferentes religiões que, como a religião oficial anterior, irão atuar sobre o conhecimento e a cultura, sobre os significados e símbolos que dão sentido à ação humana.

A crise pela qual a religião católica passa não atinge da mesma forma outras religiões tradicionais, como o islamismo, o hinduísmo e o budismo, que se expandem no Ocidente, motivados pelo excessivo controle do primeiro e o trabalho místico-individual dos dois últimos.

No vazio deixado pelo catolicismo abre-se espaço para as Igrejas Pentecostais e Neo-Pentecostais (entre eles os Carismáticos), que têm crescido em número de adesões principalmente entre as pessoas mais velhas. Segundo Comblin (1998, p.150),

“O pentecostalismo tem rasgos fundamentalistas: volta à tradição dogmática e moral, fortalecimento da comunidade e da autoridade da Igreja. Por certos lados é uma restauração da religião tradicional. Muitos católicos reencontram nas Igrejas pentecostais elementos da sua tradição católica. Várias pessoas encontram nas comunidades pentecostais segurança, proteção contra o mundo agressivo”.

Na medida em que os sistemas de referência são postos em questão, o homem não tem como identificar seus caminhos livremente: “a incerteza opera quando as informações de que dispomos já não se ordenam, mas, ao se multiplicarem, empilham-se, amontoam-se, sem ordem aparente até obscurecer

qualquer compreensão” (Piault, 1999, p.81). Para dar significado a essa situação que é geradora de ansiedade, desenvolvem-se novas fontes na busca de sentido e de espiritualidade contemporâneas.

No bojo das transformações produtivas está o sistema de referência de vida dos trabalhadores, que, como atores, transitam no mundo real do qual não se dissociam.

A revolução das técnicas produtiva reflete-se diretamente nos significados que o indivíduo pós-moderno dá ao mundo e em suas opções religiosas, provocando incertezas, já que as verdades explicativas de seu mundo não mais o fazem. Isso pode ser observado nos depoimentos dos feirantes. A religião da qual tradicionalmente participavam tem suas verdades questionadas e convive com o desinteresse de seus fiéis. Perde, a partir daí, seus seguidores de forma sistemática para religiões que provoquem, segundo Queiroz (1996), “um novo reencantamento” do mundo.

3.2. “Ressurreição de Deus” e novos movimentos religiosos

Em oposição à idéia da *Morte de Deus*, surgida nos momentos de profundas crises mundiais, como por exemplo, as duas guerras mundiais, assiste-se hoje à efervescência religiosa e também a adesão a novas denominações, mas não a revitalização das velhas religiões. Esse processo, segundo Sanchis (2000, p.40), “marca sim, a penetração da modernidade em novos segmentos sociais”.

Muitas são as transformações por que passam a sociedade moderna, provocando, segundo Hervieu-Léger (1996) uma diferenciação da memória social,

resultando em uma pluralidade das instituições e conseqüentemente do pensamento religioso.

Essas transformações fazem com que perca o valor, na sociedade moderna, o sentido da *grande memória* das instituições religiosas tradicionais; por outro lado, é crescente o número de memórias comunitárias, ou seja, *pequenas memórias*, que são referência para a formação de identidades.

“Las crisis de esta memoria social total en el fondo ligada a la emergencia de la modernidade, y acompaña el despliegue histórico de ésta. La afirmación del sujeto autónomo, el avance de la racionalización que disipa los ‘cosmos sagrados’, el proceso de diferenciación de las instituciones, implican el fin de las sociedades memoria. El hecho de que podamos diferenciar una memoria familiar, una memoria religiosa, una memoria nacional, una memoria de clase, etc., indica que hemos salido ya del universo ‘puro’ de la tradición” (Hervieu-Léger, 1996, p. 10 – 11).

Secularização e racionalização resultam de um mesmo processo, pondo em cheque a credibilidade da religião no mundo moderno, a nível regional e também a nível planetário, desmoronando as verdades contidas na memória coletiva e assim ao sentido dado ao mundo antes desse processo (de secularização).

O indivíduo moderno participa de uma infinidade de grupos, e esses por sua especialização, não constróem uma memória coletiva.

A secularização resulta do processo de modernidade que tem como proposta básica o primado da razão e da ciência como sentido da vida humana. Nessas condições Deus é morto e a religião nos moldes anteriores é questionada, ao mesmo tempo em que surgem novos deuses.

“De fato hoje ninguém contesta que a modernidade está povoada de deuses, mistérios, mitos, energias, magia. Ao invés de eclipsar ou expulsar a religião, a modernidade fortaleceu-a, diversificou-a e contribui para a constituição de um pluralismo religioso” (Oro, 1996, p. 62).

Com a modernidade, não se observa o fim dos sistemas religiosos, buscam-se, sim, novas explicações capazes de dar respostas às necessidades sociais.

“... a secularização não consiste no desaparecimento da religião confrontada à modernidade, é o processo de reorganização constante do trabalho da religião numa sociedade estruturalmente impotente de preencher as expectativas que ela deve suscitar para existir como tal” (Hervieu – Léger, apud Oro, 1996, p. 62).

Segundo Hervieu-Léger a decomposição da memória coletiva nas sociedades modernas resulta de algumas tendências como:

a) “la dilatación y a la homogeneización de la memoria” (Hervieu-Léger, 1996, p.11).

Na medida que desenvolve as inovações técnicas proporcionadas pela evolução do capitalismo, desenvolvem-se as formas de comunicação com informações diversas, de diferente homogeneização cultural e provoca descontinuidades que interferem na absorção da informação.

b) Desta homogeneização da memória coletiva surge a segunda tendência: “la fragmentación al infinito de la memoria de los individuos y los grupos” (Hervieu-Léger, 1996, p. 12).

“La fragmentación moderna del espacio, del tiempo y de las instituciones implica la fragmentación del recuerdo, que la rapidez del cambio social y cultural destruye casi en el mismo momento en que es producido” (Hervieu - Léger, 1996, p. 12).

E a crença religiosa moderna neste contexto?

É individualizada, pois está ligada ao compromisso pessoal do indivíduo que se reconhece como participante de uma comunidade e tem o interesse de participar da mesma.

Nesse contexto, as instituições religiosas tradicionais vêm proliferar em seu interior fenômenos neocomunitários e a individualização da crença “que mina los

dispositivos institucionales de regulación de lo creíble...” (Hervieu-Léger, 1996, p. 14).

Pode-se dizer com S. S. Acquaviva que houve um *eclipse da religião* e não a *secularização* ou a morte da religião. Hoje é possível observar um crescente número de religiosidades novas, pentecostais e neopentecostais, que proporcionarão novas opções ao que busca uma alternativa religiosa diferente de sua prática anterior.

Segundo Campos (1997, p.34), “O pentecotalismo, particularmente em sua versão neopentecostalista, participa desse processo de ‘reencatamento’ do mundo e ‘revisibilização’ da religião em nossa sociedade”.

Entre as camadas populares o processo de adesão pentecostal fora do campo da hegemonia católica significa não só o reencantamento com novos valores religiosos e com o mundo, mas sim a penetração da modernidade em novos segmentos sociais.

Nas novas opções oferecidas, o sagrado, na análise dos autores que estudam religião, reveste-se de materialidade, integrando no moderno a prática popular de trazer para seus cultos *símbolos e imagens sensíveis e concretas*. E conforme Françoise Champion e Danièle Hervieu-Léger: “a religião emocional passa a ser um dos sinônimos da modernidade religiosa” (Champion e Hervieu-Léger apud Steil, 2000, p. 123).

Segundo Mariano (1999), para diversos autores como Willems 1967; D’Espinay 1970; Rolim 1985; Bastian 1994, o pentecostalismo é “visto como dotado de diversos traços de continuidade cultural com o catolicismo popular latino-americano” (Mariano, 1995, p. 95).

No Brasil, esse fenômeno é evidenciado enquanto se observa que não acontece o *desencantamento do mundo*, mas sim a expansão das religiões mágicas, ressocializando e reorientando a conduta de acordo com os princípios pentecostais.

“En esta situación todas las instituciones religiosas, mobilizando los recursos de que disponen, se esfuerzan en buscar los posibles beneficios simbólicos de la contradicción en la que se encuentran inevitablemente atrapadas. Lo hacen esforzándose en articular un ecumenismo de valores que ponga en evidencia la proximidad de todos los creyentes” (Hervieu-Léger, 1996, p.15).

Nesse contexto resta às instituições religiosas dois caminhos: a mobilização emocional ou a racionalização cultural:

“La movilización emocional permite trascender los conflictos recreando la conciencia individual y colectiva de la pertenencia en el terreno afectivo. La racionalización cultural permite desdramatizar los conflictos, haciéndolos aparecer como las expresiones valorizadas de una diversidad de sensibilidades y de culturas a las que la institución, en disputa con la modernidad cultural, hace también hacer justicia. En cada caso la institución se dirige a las fronteras donde se juega, posiblemente, la ‘salida de la religión’ de aquellos que considera como sus súbditos: expresión de una creencia sin referencia necesaria a emoción; referencia a una tradición que no implica necesariamente una creencia, en el registro de la racionalización cultural” (Hervieu-Léger, 1996, p. 16 - 17).

3.2.1 Pentecostalismo

Entre as denominações pentecostais, a participação dos congregados nas atividades de sua igreja, é exigida. É uma participação não só as atividades relativas à sua religiosidade, mas que também molda sua identidade religiosa, organizando sua vida a partir dos princípios religiosos que aceita e reproduz.

Adotando os símbolos da crença religiosa, os crentes assumem atitudes que se refletem em sua moralidade e nas suas ações, (observável na feira - reproduzido nos depoimentos dos feirantes). Refletido no vestuário, na predisposição ao não uso de bebidas e fumo e no repúdio às práticas sexuais fora do casamento.

Essa identidade pode ser constatada na afirmação dos feirantes: “Afastei da igreja por problema particular, inclusive o pastor falou que ia orar para tirar meu trabalho, né? Queria eu dentro da igreja, quer dizer isto aí eu não gostei, porque o pastor não pode fazer uma coisa desta” (Mário Jorge, 39 anos).

O sistema de controle das atitudes é observável na ameaça do pastor, e a não participação das atividades é passível de sanção.

A vendedora de sapatos, 35 anos, repudia dança, bebidas e o fumo. Todas as crentes que responderam a entrevista vestiam-se conforme os padrões crentes: saias mais compridas (nunca calças compridas) e cabelos longos e todas trataram esta pesquisadora por *irmã*.

A exigência de participação nas atividades religiosas entre os pentecostais é maior, como também a aceitação dessas, o que exige maior comprometimento com a prática de sua escolha religiosa. Têm um ethos de caráter mais radical, que exige do fiel maior participação na vida da comunidade, vigiam e são vigiados pelos companheiros de fé, tanto na forma de vestir quanto no uso da bebida e do fumo, proibidos aos mesmos, como afirma a feirante vendedora de sapatos, 35 anos: “a pessoa se diz católica, vai à igreja, depois bebe e fuma, então não é cristã”. E outro feirante, (Divino, 18 anos) conta que um amigo seu foi corrompido por *um lobo na pele de ovelha*, porque praticou relações sexuais fora do casamento, portanto pecou, por isto foi advertido pelo Conselho da Igreja.

Observa-se a interferência nas atitudes do indivíduo que é pentecostal, pela comunidade, exigindo um modelo para suas ações e interferindo na formação de sua identidade, e no seu cotidiano. Observa-se que vigiam e são vigiados pelos companheiros de fé. Como pode-se constatar na situação do feirante Mário Jorge, citado acima, que por se afastar de sua igreja foi ameaçado pelo seu pastor de ficar sem trabalho. A pregação da moral cristã entre os pentecostais “é mais respeitada e obedecida por ser praticada numa religião minoritária, cujos integrantes tendem em razão disso a se vigiar e se controlar mutuamente” (Mariano, 1999, p.105).

Mesmo com esse rígido controle sobre seus membros, esses grupos religiosos têm se ampliado e constituem-se em alternativa viável e de sentido para o trabalhador da feira, comprovado pelo grande número de conversos.

“Para os crentes de negócios, os pequenos empresários, os desejosos de se estabelecerem, a nova religião oferece possibilidade de progresso mais ambiciosa: é possível fazer de Deus um sócio nos negócios e prosperar sem limites. Religião muda expectativas, modela comportamentos, altera desejos e frustrações. E também ensina como se relacionar com o mundo. O crente pentecostal sente-se com certeza fortalecido para enfrentar as dificuldades da vida diária, certamente miserável. É alentado para procurar novos empregos, outras fontes de renda” (Prandi, 1996, P. 270).

A linha de ação das Igrejas neopentecostais é de ajuste às demandas sociais das massas, oferecendo soluções para seus problemas cotidianos, reduz as exigências comportamentais e transmite uma mensagem ligada à vivência das mesmas. Segundo Mariano (1999, p.89): “Especializaram-se (os neopentecostais) na prestação de serviços mágico-religiosos de fácil acesso e consumo. Tornaram-se uma espécie de ‘pronto-socorro espiritual para sanar infortúnios físicos, afetivos familiares, financeiros”. Esse aspecto é notado na pesquisa de campo, onde diversos feirantes dizem ter solucionado seus problemas em igrejas pentecostais.

3.2.2. Neopentecostalismo

Dentre neopentecostais se destaca a Igreja Universal do Reino de Deus, que surge mais recentemente, fundada em 1977, pelo Bispo Edir Macedo, com proposta de solucionar problemas pessoais e financeiros, fazer curas e exorcismo.

“Creio que a ‘guerra religiosa’ se coloca basicamente a nível institucional, de conquista de território e de ‘almas’. Mesmo em relação à Igreja Universal do Reino de Deus e sua luta contra os cultos afro-brasileiros, mais do que uma lógica de exclusão é a lógica da inclusão que preside as ações. Muitas análises da IURD têm mostrado que grande parte do seu sucesso se deve à incorporação da linguagem e do panteon afro-brasileiro em seu universo discursivo” (Steil, 2000, p. 127).

Na luta por conquista de espaço no campo dos bens simbólicos da salvação, esta igreja busca acomodar à sociedade e à cultura de consumo, adaptando-se às demandas mágicas (emocional) dos estratos populares. Sua luta, conforme Mariano (1999) é “o Diabo, a carne e o mundo” (Mariano, 1999, p.100).

“Sua disposição é a de tomar posse para Deus, por meio da guerra espiritual e da ação concreta, das coisas de que o Diabo por muito tempo governou. Quer ter vez e voz ativas. Anseia por respeitabilidade social, poder político e econômico. Ambiciona, sem culpa moral, consumir, ganhar mais dinheiro, conquistar um lugar ao sol. Deseja que sua distinção religiosa seja reconhecida e valorizada pelos outros como integralmente positiva” (Mariano, 1999, p. 102-103).

É em resposta a essas necessidades dos leigos que a IURD organiza seu discurso. Logo a Igreja Universal se vê envolta em críticas da mídia, acusada de charlatanismo e de ser mercenária, mas mesmo assim parte em busca de novos espaços sociais e de aumentar o número de seus seguidores. No mercado dos bens simbólicos da salvação, a gratuidade da religião vai desaparecendo à medida em

que a religião vai deixando de ser entendida como pública, exigindo um pagamento dos que querem fazer parte dela.

“As igrejas pentecostais adotaram a estratégica de ajustar-se às demandas sociais das massas interessadas na resolução ou mitigação de seus problemas cotidianos. Especializaram-se na prestação de serviços mágico-religiosos de fácil acesso e consumo. Tornaram-se uma espécie de ‘pronto-socorro espiritual para sanar infortúnios físicos, afetivos, familiares, financeiros. Para isso, vulgarizaram sua mensagem e diminuíram suas exigências comportamentais, tornando menos dramática a conversão” (Mariano, 1999, p.105)

Nas sociedades ditas pós-modernas que trazem consigo em um primeiro momento desarticulação dos seus modos de vida, colocando as pessoas frente à situações de incertezas, pobreza, violência, assiste-se ao surgimento de religiões que combinem práticas vistas mágicas, como é o da Igreja Universal do Reino de Deus. “Isto tudo cria oportunidade para o emprego de rituais que reduzem as incertezas e restauram nos indivíduos a crença de que o mundo pode deixar de ser não-manipulável e arbitrário” (Campos, 1997, p.42).

As características centrais da Igreja Universal são o batismo com o Espírito Santo, que se torna visível através de “coisas” falar em línguas estranhas, o exorcismo, a cura divina, nos dons espirituais e a liderança carismática que aparece como representação da continuidade da revelação divina.

“Todavia, uma das razões do sucesso numérico do neopentecostalismo – cuja influência sobre o campo evangélico só fez aumentar nos últimos anos – reside justamente na capacidade de se contextualizar, de se flexibilizar, de se acomodar, de se secularizar, adaptando sua mensagem aos anseios das massas pobres e marginalizados. Seu sucesso, portanto, radica no declínio do compromisso com crenças puritanas, no abandono (ainda parcial, mas crescente) de práticas ascéticas, na perda, enfim, da distintividade da conduta e aparência dos adeptos” (Mariano, 1999, p. 106).

A IURD trabalha com rituais massivos, em grandes santuários ou concentrações nos estádios de futebol, às quais acorrem grande número de crentes. As igrejas são gerenciadas conforme a administração moderna; em torno das mesmas desenvolvem-se empresas subsidiárias, como produtoras, gravadoras, agências de turismo, editoras, livrarias, jornais, produzindo produtos religiosos. Seus templos sagrados se localizam em locais que antes eram profanos, como: casas de shows, cinemas, teatros, supermercados, garagens e fábricas.

A IURD busca expansão e espaço, enquanto possuidor de um canal de televisão – TV Record – que lhe facilita o trabalho com a emoção coletiva. Inserida no mercado capitalista, funciona como comerciante de bens da salvação. A religião é transformada em mercado da fé. Sua congregação se constitui de pessoas que transitam entre diferentes religiões e essas não têm definido com clareza seu pertencimento à congregação.

“A comunicação eletrônica Pentecostal, distribui para o consumo individual os diversos modos de ‘reterritorializar’ o sagrado, onde são resignificados seus rituais, que levam à solidariedade e sociabilidade religiosa.

“Assim há um território do sagrado Pentecostal, que não é mais sedentário, se move pelas ondas da TV, percorre ruas das cidades, através das mentes de seus adeptos e simpatizantes. É difícil, agora, a delimitação de suas fronteiras físicas para a realização de uma cartografia da comunidade de fé com suas redes de sociabilidade” (Gouveia, 1999, p.120).

Com a comunicação eletrônica, a identidade religiosa é cunhada à distância, isto é, no universo virtual os corpos são interconectados, e dão a ilusão de que o fiel vive a religião e atende a suas necessidades religiosas, como nos depoimentos a seguir e serve também à igreja no convencimento do fiel quanto a si como representante dos bens da salvação.

“Está tendo muitos evangélicos, acho que é pela divulgação, televisão, rádio. Antes as pessoas tinha o preconceito e não via rádio e televisão. Tem o programa na Universal, de madrugada, que é muito bom, mesmo que eu não concorde com a Universal, as pregações são boas, eu escuto, não tem nada a ver. Acho que eles pedem dinheiro demais. Minha filha ouviu rádio o dia inteiro, muito alto, escuta a rádio Aliança, acho que é evangélica” (Valdira, 46 anos).

Para Valdira é suficiente ouvir as pregações eletrônicas e mais ainda o fato da filha estar ouvindo. Em seu entendimento isso a desobriga de participar dos rituais de sua igreja, para os quais não tem disponibilidade de tempo, devido ao trabalho.

“No momento não estou freqüentando nenhuma igreja. Ouço pregações pela televisão, minha mulher ouviu bastante. Ouvimos a pregação feita pelo pastor da Igreja Universal da Graça, às 5 da manhã no canal 13. Tem também a Igreja Adventista – pastor Bulhão, também da Comunidade Cristã Evangélica, não vou nessas Igrejas, só escuto a pregação” (José Olah, 64 anos).

José também participa via televisão e rádio, não freqüenta igreja e se sente liberado pelo fato da mulher *ouvir bastante*.

Neste momento de crise profunda, falências, as Igrejas (não só a IURD) fazem chamadas em comercial de televisão, prometendo solucionar os problemas financeiros e também conjugais. Os bens simbólicos são consumidos, como forma de mobilidade social, solucionando seus problemas econômicos, e na perspectiva de prestígio social, assumem uma prática de vida religiosa que interferem no dia a dia iurdiano e reordenam seu projeto de vida.

Este discurso atinge em especial àqueles que não encontram respostas em outras religiões, como uma feirante faz seu depoimento dizendo: “minha irmã resolveu seus problemas na Igreja Universal do Reino de Deus” (Aldenizia, 36 anos). A IURD trabalha com rituais massivos, em grandes santuários ou concentrações nos estádios de futebol, às quais acorrem grande número de crentes.

Confirma-se teoricamente em Libânio:

“Os novos sentimentos religiosos freqüentemente engajam-se de maneira competitiva nesse mercado de bens de salvação. Em todo caso os indivíduos constróem seus sistemas de *significância última*, sincretista e vago, não segundo modelos oficiais, mas segundo seus interesses” (Libânio, 1998, p. 71).

Os feirantes transitam para uma Igreja que fala em uma linguagem clara e compreensível para esses indivíduos e que não lhe cobra atitudes diferenciadas em suas ações, como no vestir distintos do não-crente. Com menos proibições, ou seja, respondendo a seus interesse, ficam nessa, então.

Charlatanismo ou não, a Igreja Universal tem aumentado o número de adeptos e crescido aproveitando-se das situações de vida das pessoas e cooptando principalmente aqueles que estão indecisos com relação a sua fé religiosa e em busca de sentido e explicações de mundo. Esta Igreja surge como *salvação* ou *saída* simbólica de sua situação de vida, que é de exclusão social.

3.3. Trânsito: por que e como?

“Antes de provocar o desmoronamento do sistema-mundo, instaurando, uma nova ordem-desordem mundial; a Pós-Modernidade, com seu caráter de absoluta transitoriedade, minou grandes sistemas religiosos tradicionais, em especial, o catolicismo, provocando um fenômeno migratório, em busca de novos credos e novas formas de expressar o sagrado” (Queiroz, 1996, p. 15).

Diante das transformações na visão de mundo, forma-se um constante trânsito entre as diversas religiões. Essas são oferecidas como se fosse um mercado, inclusive com direito à propaganda em rádio e televisão, como por exemplo (analisado no item anterior), a Igreja Universal de Reino de Deus pela Rede

Record, da qual é proprietária, e a propaganda da Igreja Apostólica Comunidade Cristã veiculada no SBT. Também são feitas chamadas com carros de propaganda volante nas ruas da cidade de Goiânia, principalmente pela Igreja Universal.

Os fiéis transitam ao mesmo tempo por distintas religiões, circulando entre as mesmas conforme atendam ou não a seus interesses particulares, a que pode ser entendida através do pensamento de Oro (1996):

“Neste sentido, três concepções, mais ou menos conscientes segundo as pessoas, estão presentes nessa elaboração: a) complementariedade entre os diferentes sistemas religiosos a que recorrem; b) a maior proteção transcendental resultante do maior número de sistemas religiosos e que circulam e c) as instituições particulares não esgotam as forças sagradas (o que revela insatisfação com a instituição religiosa de origem). Mas, estes raciocínios supõem dois pressupostos: a convicção dos migrantes religiosos na positividade de todas as religiões enquanto produtoras e garantidoras de eficácia e de sentido, e a existência de liberdade de cultos neste país (cada vez menos) católico” (Oro, 1996, p. 64).

Muitos feirantes permanecem fiéis a uma forma tradicional de culto, principalmente na religião em que nasceram. Alguns, entretanto, experimentam novas opções, tornando-se nômades. Isto pode ser evidenciado na entrevista de Angelita, 31 anos, uma vendedora de roupas:

“Acredito que toda religião que fala de Deus é muito importante, não importando se é Testemunha de Jeová, Católica, mas é a fé. A fé é o mais importante, a forma que a pessoa busca a Deus é muito bonito e é muito importante na vida de todo mundo. Acho que se todo mundo tivesse consciência de que Deus realmente é o todo poderoso que nos fez, a vida seria diferente. Eu tenho três filhos, amo meus filhos e tento passar para eles a importância de Deus na vida. Às vezes, as pessoas até me criticam, falam: 'não! Isso é bobeira, Deus não existe!' Mas eu não mudo a minha opinião, é igual a não mudar de religião, pelo menos é o que penso, eu não mudo, por enquanto eu confio em Deus, acredito Nele, mas religião eu não pretendo mudar” (Angelita, 31 anos).

O catolicismo ainda é referência para Angelita, realizando a prática de sua fé e mesmo com o seu grupo criticando-a, persiste em sua fé em Deus e na realização de sua escolha religiosa e transmite esses valores para seus filhos.

As opções para as pessoas são várias. Se não se mantém fiel à religião na qual se nasce, pode-se eleger uma outra: “A religião que se professa hoje já não é aquela na qual se nasce, mas a que se escolhe” (Prandi, 1991, p.5).

Essa vendedora de roupas, citada a seguir, mantém-se fiel a sua religião, como podemos ver em seu depoimento:

“Já pensei em mudar de religião, inclusive freqüentei algumas, a Adventista de Sétimo Dia, a Testemunha de Jeová, mas cada uma tem uma coisa que eu não vou seguir, por exemplo a Testemunha de Jeová tem aquele negócio de não receber sangue, se eu não aceito, não posso seguir, o Adventista de sétimo Dia tem esse negócio de não trabalhar sábado, todo dia é santo, todo dia foi Deus que deixou. Porque não trabalhar num dia se a gente tem necessidade disto, cada uma tem alguma coisa, se você vê que não vai seguir é melhor não seguir esta religião. E acho que Deus não está dentro da igreja, ele está dentro da gente, deve segurar na mão de Deus com fé e esperança e se considerar filha dele” (Eunice, 53 anos).

No mercado de bens simbólicos da salvação, Eunice avalia as regras estabelecidas para os seguidores de diversas religiões e faz a escolha que seja adequada à sua vida, evidenciando alguns elementos comuns às modernas formas de crer, que se manifestam de forma diferenciada de acordo com os sujeitos e os contextos sócio-culturais.

“Aqui vale destacar: em primeiro lugar, a privatização do sagrado, isto é, o pluralismo religioso no interior dos indivíduos, é perfeitamente compreensível e adequado ao contexto de uma modernidade que se caracteriza pela centralidade e exacerbação outorgada ao indivíduo; em segundo lugar, a privatização da religião expressa, ao menos simbolicamente e de alguma forma, o desejo de autonomia dos sujeitos em relação às instituições; e, em

terceiro lugar, a privatização religiosa traz consigo a noção de consumo religioso, segundo as necessidades de cada um, numa situação de mercado religioso. Este consumo pode ser pago, como ocorre nas religiões afrobrasileiras e, sobretudo, no pentecostalismo”

(Prandi apud Oro, 1996, p. 64).

Na fala da baiana, que vende acarajé, cocada, etc. verifica-se essa questão:

“Minha religião é a católica. Freqüento a igreja católica, freqüento a igreja de crente, freqüento tudo, mas só na paz de Deus. Todas igrejas que minhas amigas freqüentam, me convidam, eu tó lá, eu sou desse jeito, porque aonde você for e receber a palavra de Deus não precisa de mais nada. Não sou crente ainda, porque não estou preparada, não adianta passar para uma lei, sem estar preparada, isto é misturar farinha com terra. Para participar de uma lei tem que ser limpa sem nada, misturar uma coisa com outra não compensa. O dia que eu for crente, vou deixar todas as outras coisas de lado e seguir só a Deus. Por enquanto não estou preparada para isso ainda” (Sônia, 30 anos).

Nessa fala fica evidente como os grupos sociais exercitam e experimentam a sua religiosidade no contexto da modernidade. Moldam sua religião fazendo *bricolagem*, conforme Sanchis (2000), juntando elementos de diferentes tradições, montando sua fé religiosa, de acordo a suas experiências e aspirações do momento, independentemente do controle institucional. “... qualquer um pode mudar de uma (religião) para outra sem que o mundo caia” (Prandi apud Oro, 1996, p. 63).

“... cada um pode também estruturar o seu próprio universo de representação simbólica sem que isto provoque dramas de consciência ou problemas de ordem ética. Até certo ponto, neste contexto, a ética é ditada pelo movimento do coração” (Oro, 1996, p. 63).

O indivíduo pós-moderno se vê isolado em um mundo de profundas mudanças, onde as instituições civis e religiosas, que lhe davam sentido e segurança, já não lhe dão respostas. Busca o sentido em algo ou alguém, ou em

uma religião, e a oferta é muito grande, e sem vínculo da tradição, da autoridade moral, sem filiação, transita à vontade, sem constrangimento e sem vínculo permanente. Pode-se confirmar isso, utilizando uma formulação de Queiroz:

“Conseqüência dessa situação de profunda angústia é o mergulho do homem em si mesmo, no seu eu. Ao lado da falência da comunidade, cresce o isolamento psíquico do indivíduo. Das profundezas de sua incomunicabilidade, ele busca ansiosamente alguém a quem se apegar, que lhe dê pelo menos sentido transitório de sua viagem pelo planeta e o conduza a algum lugar, que não é o céu, nem o paraíso, mas participação, simplesmente o encontro consigo mesmo e com algum sentido. Porém, não há mais um único sentido. Há infinitos. Não há mais centro. Nem meta. Só o cotidiano. Nada melhor do que a constatação do sagrado para lhe oferecer esta aura espiritual mutável, transitória cotidiana. Nesta constelação, ele viaja à vontade, de um planeta a outro, sem constrangimento porque sua participação é branda, desprovida do antigo sentido de filiação e engajamento. Tudo é a curto prazo” (Queiroz, 1996, p. 19).

Os fiéis buscam uma experiência religiosa que os envolva, entre abraços, risos, lágrimas, transe ou êxtase, de forma individual ou coletiva.

“*Comunidades emocionais* mantém em relação à modernidade: por um lado são uma protesto simbólica frente à dificuldade da sociedade moderna de dar conta de suas promessas de progresso (social, econômico, ético) e por outro, a expressão de uma visão moderna de uma religião móvel, pouco dogmática, autônoma, fundada sobre as experiências de indivíduos buscando realizações pessoais” (Mallimaci apud Oro, 1996, p. 69 -nota).

Dentre os entrevistados é possível observar que:

Nasceu – evangélico	9,76%
Nasceu – católico e mudou	29,27%
Nasceu – católico e não mudou	56,09%
Não informou	2,44%
Não tem religião	2,44%

Observa-se que 9,76% nasceram nas igrejas evangélicas, 29,27% nasceram católicos e mudaram de denominação. 56,09% nasceram e permanecem católicos, dentro das situações já citadas em sua maioria não são praticantes, destes 30,43% são praticantes. Não temos informações de evangélicos que tenham voltado a ser católicos.

As razões para a mudança são de ordem prática e individual e são aceitas como normal pelo grupo social.

Muitas situações de vida como a estrutura familiar e profissional, as experiências afetivas, as condições de saúde, o reconhecimento social e identidade são responsáveis pelo trânsito. Esse se dá em um momento conturbado da vida do crente, como a vendedora de sapatos (já citada), que busca resposta em outra religião, não a de seu processo de socialização e faz uma mudança radical em sua vida, muda não só de religião, mas também de cidade e de atividade de trabalho. A nova religião reduz as incertezas, compensando a carência de resposta a sua necessidade material, além de organizar seu mundo. Na medida em que abominam o gasto com o supérfluo, podem organizar sua vida financeira.

Outros feirantes transitam ainda por uma questão de saúde. As religiões que trabalham com a cura o fazem, alegando o corpo como lugar de sofrimento e de

salvação e confundindo o sagrado com questões terapêuticas. Essa função pode ser vista na fala da feirante, que vende artigos de couro:

“Sou evangélica, e freqüento a Universal e antes freqüentava a Igreja Católica, mudei porque eu não vi mudança na minha vida. Fui professora de catequese, freqüentava a igreja. Minha irmã ficou muito doente e nós fizemos uma corrente, e encontramos a cura lá. Se a gente busca e encontra a resposta positiva lá, é lá que temos que ficar. Então estou lá, minha mãe também” (Clícia, 19 anos).

Clícia assume o discurso da Universal e o reproduz, embora tenha transitado por questões que não envolvam o questionamento dos bens simbólicos da salvação. Ao trabalhar com a cura, trabalha com o papel do corpo como lugar de sofrimento e de salvação.

A referência religiosa é importante para o indivíduo, já que a religião serve como significação indispensável, que cura o corpo e traz tranquilidade ao espírito afligido do sujeito, impondo-se como um sistema de sentido. Esta significação do mundo é abalada quando ocorre a crise das instituições tradicionais produtoras de sentido, forçando o sujeito a busca de alternativas entre muitas opções, que lhe parecem verdadeiras.

“Os crentes hoje, quer estejam no campo das religiões ‘nova era’, quer estejam nos cultos populares, se deixam mobilizar muito mais pelo sensível e pela emoção do que pelos dogmas e verdades da fé” (Steil, 2000, p. 123).

O monopólio dos bens simbólicos da salvação não é mais privilégio apenas das religiões tradicionais em particular, a católica, e, segundo Brandão, não é um fenômeno apenas institucional, mas também do sujeito da fé:

“O trânsito tão descrito e discutido entre nós de uma situação social de hegemonia religiosa – em nosso caso, a católica – para um campo religioso regido pela lógica e a retórica do mercado dos bens simbólicos, não deve ser compreendido apenas como um fenômeno institucional. Ele é também uma

questão relativa ao sujeito da fé e, de algum modo, traduz o suposto muito pouco sectário de que mesmo quando se considera que todas as religiões legítimas do campo visível da fé são ativa ou potencialmente dotadas de verdade, valor, virtude e valia (isto é 'poder' na concepção popular) cada uma delas divide com as outras parcelas de um mesmo todo de tais atributos. Verdadeiras todas, nenhuma delas esgota a plenitude da verdade.” (Brandão, 1994, p. 28).

Enfim, para realizar-se individualmente, o sujeito transita entre os diversos sistemas de sentido, que lhe organizem o viver e vão ao encontro de seu sistema cultural.

A religião é oferecida ao consumo individual. Entre os motivos dessa individualização da prática religiosa está a concepção de que a religião não é o único sistema a explicar e justificar a vida, o que é feito também pelo conhecimento laico-científico.

Conforme Sanchis, assiste-se a um movimento na questão religiosa de forma a questionar sua legitimidade no pensar das pessoas, racionalizando o universo cósmico, de modo a que as pessoas o vejam como ele é. este movimento no Brasil reflete “mudanças de rumo” ou permanências reinterpretadas do religioso.

“No fundo, ninguém está mais muito interessado em defender nenhum status quo religioso” (Prandi, 1996, p. 260).

Confirma-se a questão com a afirmação de uma entrevistada, vendedora de roupas feitas, que faz curso na Testemunha de Jeová e é Católica praticante:

“Freqüento a igreja católica, mas também faço estudo bíblico com as testemunhas de Jeová. Freqüento a igreja católica porque venho nessa religião desde o berço. Faço estudo bíblico, porque acho muito importante saber manusear, saber o que está escrito realmente na Bíblia, então é muito profundo, o pessoal da Testemunha de Jeová está aprofundando muito, explica bastante. Não mudo de religião e nem pretendo mudar, continuo sendo católica. Vou à missa todos os domingos, meus filhos fazem

catequese, participo das festas e tudo o mais que posso ajudar. A igreja é muito aberta, não tem exigência para os fiéis” (Angelita, 31 anos).

Angelita faz sua escolha individual de forma a atender seus interesses. É católica praticante e não se constrange em fazer estudos bíblicos em outra denominação, como Sandra, que organiza sua ação de forma sincrética. E também outra feirante, vendedora de roupas feitas, que é ex-católica e hoje é Kardecista-Umbandista:

“Sou espírita – Kardecista e Umbandista e antes era católica , mudei de religião há mais de dez anos, porque me senti melhor, e me encontrei” (Sandra, 22 anos).

Na busca da renovação de experiências místicas “o religioso alternativo brasileiro é também um andarilho” (Soares apud Brandão: 1994, 30), que vaga com naturalidade entre as diversas opções religiosas e com maior fidelidade a sua nova opção espiritual. Entre os entrevistados, 29,7% afirmam que mudaram de religião e que a nova opção religiosa dá sentido à sua vida, ao seu trabalho e à sua adesão definitiva. E essa nova opção passa a integrar e nortear sua moral e valores, na qual o indivíduo se reconhece, porque para ele faz sentido, o que pode ser evidenciado pela colocação de uma das entrevistadas vendedora de sapatos:

“O único e exclusivo caminho a seguir é só Jesus. Quando eu era católica eu não tinha essa coisa, não tinha comunhão com nada, não é pela religião, creio que eu mesma só consegui me desenvolver espiritualmente depois que eu passei a ser crente. O relacionamento conjugal, tudo é muito difícil, e onde eu consegui foi através desta religião, hoje eu tenho conseguido conquistar os bens materiais e principalmente os espirituais. E tenho, o mais importante de tudo: é criado os meus filhos dentro de uma doutrina cristã. Porque eu tenho quatro filhos e neste mundo de hoje se eu não criar meus filhos dentro da igreja, o mundo é que vai criar eles, e aí como é que vai ser, né? Não pode ser. Eu tenho uma responsabilidade muito grande. O pão é importante, mas a religião afirma nossa moral, se você tem uma religião que te dá bons

princípios você é diferente. Porque na bíblia fala: 'ensina a seu filho o caminho que ele deve andar, e assim quando crescer jamais se desviará dele', então estou ensinando meus filhos" (Suzana, 39 anos).

Suzana transitou em busca de um sistema que referenciasse sua ação, buscando valores dentro de uma visão de mundo que lhe permitisse organizar sua vida dando sentido, ou seja, *um começo e um fim*.

"Toda perspectiva religiosa tende para certa visão do mundo, na medida em que ela é necessariamente esperança, posicionamento de um começo e de um fim, concepção e proposição, sob qualquer forma que seja, de um remate" (Piault, 1999, p.79).

Essa busca de *um começo e um fim* confirma-se pela pesquisa entre trabalhadores da Feira Híppie. Em torno de 50 % dos entrevistados buscam novas religiões, que dão qualidade e sentido ao seu mundo, definindo assim, suas explicações de mundo e da sociedade em geral. Deve-se considerar que em torno de 33 % dizem terem mudado de religião e 20 % se dizem católicos, sua religião de origem, mas freqüentam cultos em outras igrejas, conforme as afirmações abaixo do vendedor de sapatos:

"Freqüento a igreja católica, mas estou afastada da mesma e no serviço todo dia de manhã tem culto evangélico, porque o pessoal com qual trabalho é evangélico" (Carlos César, 34 anos).

Para o feirante, o estar participando de um culto evangélico em seu trabalho é suficiente para dar resposta às suas necessidades espirituais, mesmo sendo católico. Também participar do ritual de outras denominações não é problema para a vendedora de produtos *IN Natura*:

“Sou católica, mas conheço também a Comunidade Cristã Evangélica, a qual frequento de vez em quando, porque me senti bem lá. Gosto da Católica, mas senti vontade de conhecer outras religiões também” (Sebastiana, 50 anos).

Novamente se pode observar a *bricolagem* entre as diversas opções religiosas, montando sua participação de acordo com seus anseios individuais. Isto não significa mudança de religião, mas conhecer novas formas da religião e experienciar novos sentimentos.

Deve-se dar ressalva à questão observada nas entrevistas de que os *crentes*, entre eles 20 %, têm como referência de sua ação *A Palavra* da Bíblia, negaram de início já terem sido católicos. Na medida em que são questionados, contudo, principalmente as pessoas em torno de 30 e 40 anos, terminam por dizer que já foram católicos. A rejeição da crença anterior é evidente em suas colocações, como: *o católico não tem prática cristã*, dizem os conversos. E a nova religião, a qual aderem, traz mudanças significativas em sua vida cotidiana, conforme Prandi: “O converso só adere à religião quando ela traz alguma mudança importante para sua vida cotidiana, reordenando necessidades afetivas, e muitas coisas que estão longe de se caracterizarem como motivações religiosas” (Prandi, 1999, p. 14).

Confirma-se isso na fala de uma feirante que alega sua vida financeira e familiar desestruturada e que teve mudança a partir do momento em que a mesma se converteu e assumiu a nova religião.

“Me converti há quatro anos, antes minha igreja era o mundo. Vi a necessidade de em minha vida buscar o Senhor. Porque era uma vida muito destruída, muito angustiada, muita depressão, muita solidão, família destruída, querendo andar no caminho do erro e eu vi a necessidade de buscar Deus na minha vida nesta hora. Um dos pontos importantes na minha conversão foi a questão financeira, porque cheguei a perder tudo o que eu tinha, fiz um negócio errado e perdi tudo. Aí vim de Brasília e descobri Goiânia e a Feira Hippie, e tiro o sustento de minha família daqui. Dizem que

a nossa fé vem pelo ouvido, e foi ouvindo das coisas de Deus, que passei a acreditar nesse Deus maravilhoso. Quando me converti uma das primeiras coisas que aconteceu na minha vida foi quando eu folhee a Bíblia pela primeira vez, lá estava: ‘conhecereis a verdade e ela vos libertará, se o filho do Homem vos libertar verdadeiramente sereis livre’. Aí eu busquei, então é aqui que eu quero conhecer esse Deus que a Bíblia fala esse Deus de grande feitos e eu quero ver esses feitos em minha vida” (vendedora de sapatos, 35 anos).

A feirante, ao tomar posse desse conteúdo, define novo comportamento para sua vida, fundamentando sua ética moral subordinada à questão da salvação. A fisionomia do *novo ser* é definida por uma moral que reproduz no discurso a marca do crente. Conforme Brandão:

“Agora aqui a questão da crença, da opção de sentido e do trabalho pessoal de purificação assim como as estratégias de apropriação individual dos poderes simbólicos da ‘força da fé’, tornada religião, constituída como igreja, saltam da própria igreja para o fiel, da comunidade de crença para o sujeito da fé, da família para a pessoa do familiar, enfim, da vivência religiosa herdada ou convertida, mas sempre devida pelo sujeito a alguma instantânea coletiva externa a ele, para a experiência polissêmica, exclusiva ou transeunte de sistemas únicos, conjugados organicamente ou ‘bricolados’ subjetivamente vividos como um direito individual de escolha, construção, envolvimento e trânsito” (Brandão, 1994, p. 34-35).

A participação em sua fé envolve os crentes em todos setores de sua vida. Apropriar-se dos valores e princípios de uma determinada denominação religiosa permite a eles participar e ter nova compreensão do mundo e se reflete em seu comportamento e na sua identidade profissional e familiar.

Esses aspectos evidenciam-se na fala do vendedor de redes e chapéus, quando conta sua conversão:

“Faz três anos que sou evangélico-presbiteriano e presidente da UPA - Jovem, antes era católico. Inclusive eu ignorava e os criticava no meu pensamento, eu achava que a religião certa era a católica, mas hoje eu acho

que a lei certa não é dos católicos nem dos evangélicos, mas sim andar nos caminhos de Deus, sem isto a gente não é nada. Na minha conversão, conheci uma pessoa que queria comprar um chapéu, mas não tinha dinheiro, então eu confiei nela, dei meu endereço a ela, e ela foi em minha casa para pagar. Aí, formou uma amizade entre nós, e ela foi me convidando para ir até sua igreja. Fui, me lembro até hoje, na quarta vez me converti. Comecei a ir e senti que Jesus já estava me preparando há muito tempo para isto. Baseio minha fé na bíblia, pessoa falar para a gente não adianta. Sou novo na fé ainda, mas estou dando discipulado para jovens. Praticamente renasci, sou jovem, mas sou assim nem todos os grandes possuem essa sabedoria. Pego a minha bíblia e procuro entendê-la acredito na Palavra. Todos os meus problemas eu divido com Ele, Ele é quem pode nos ajudar” (Divino, 18 anos).

Divino transita enquanto a nova opção requer sua participação direta em sua divulgação dos bens simbólicos da salvação; compromete-se e reproduz o discurso evangélico, e sente-se bem enquanto presidente da UPA – Jovem (embora quando indagado o significado da sigla, não foi capaz de dizer o significado – diário de campo).

Foi possível observar no campo muitos jovens nascidos em famílias que tinham transitado seguindo a nova opção de seus pais. Constata-se que os feirantes transitam sem constrangimento entre os diversos sistemas religiosos de sentido.

Como os feirantes não estão incluídos no sistema formal de relação trabalhista, a feira constitui alternativa de trabalho. Conclui-se que, para muitos, o mudar de opção religiosa vem junto com a mudança para o trabalho na feira.

3.4. Opções religiosas do Feirante

O sujeito social e atores culturais têm ao seu dispor diversos sistemas simbólicos e de sentido, na maioria das vezes próximos e originários de um tronco comum, o cristianismo no caso dos feirantes, e que respondem à necessidade dos indivíduos de explicitar sua atuação no sentido de valores e organização do cotidiano. Um exemplo é o feirante que diz:

“Tem é que fazer é procurar a servir a Deus, dar o exemplo para os filhos, para todos, no trabalho; trabalhar direito, porque a pessoa que trabalha tem que ser honesta primeiramente. Tem que ser muito honesto para trabalhar e pedir a Deus, fazer oração e rezar sempre que for preciso” (José Rodrigues, 65 anos).

A partir dessa fala percebe-se que o sentimento religioso tem dado sentido à sua conduta, organizando seu mundo e desenvolvendo valores que norteiam sua vida, seu trabalho e a educação de seus filhos.

E outra feirante afirma que:

“Congrego na Deus é Amor. O pessoal fala que a doutrina da Deus é Amor é muito rigorosa, mas eu acho que é só uma doutrina santa, não exige mais do que fala na Palavra de Deus, porque a doutrina é confirmada dentro da Palavra, então eu aceito e lá encontro verdadeiramente com o Senhor Jesus” (Vendedora de sapatos, 35 anos).

Confirma-se nessas falas a questão centrada nos valores trabalho – honestidade, oração e crença na doutrina posta em prática pela opção religiosa dos feirantes.

Pela amostra obtida, pode-se confirmar a diversidade religiosa que é o universo da feira Hippie:

Católica	56,09%
Carismática	2,44%
Assembléia de Deus	14,63%
Igreja de Deus	2,44%
Ministério Comunidade Cristã	2,44%
Kardecista e Umbandista	2,44%
Deus é amor	4,88%
Luz para os povos	2,44%
Presbiteriana	2,44%
Congregação Cristã do Brasil	2,44%
Universal	2,44%
Adventista do Sétimo Dia	2,44%
Nova Era	2,44%
Não tem Religião	2,44%
Católico que freqüentam outras igrejas	12,20%

A religião que predomina entre os feirantes entrevistados é a católica com 56,09%, seguida pelos evangélicos com 21,95% (Evangélicos – Assembléia de Deus, Luz para ao Povos, Presbiteriana e Igreja de Deus). E 9,76% nas outras denominações: Deus é Amor, Adventista do Sétimo Dia.

Os feirantes católicos entrevistados freqüentam pouco a sua igreja, considerando que 69,57% declaram freqüentar a Igreja esporadicamente. E observamos que a maior parte dos evangélicos pesquisados, 72,73 %, freqüentam e participam de sua igreja. Mesmo considerando que essas denominações têm maior controle sobre seus membros e sua congregação é numericamente menor, há entre eles os que não participam, justificando-se pelo excesso de trabalho.

“Acredito em Deus. Eu passo para a religião evangélica, Assembléia de Deus, mas não vou e vai indo eles me cortam e eu fico só neste serviço aí. Não fico nem em um nem em outro. Já fui católica, mas me considero evangélica, só não estou indo à igreja. Eles esquecem da gente, não estão nem indo lá em casa. Foi uma vez, duas, mas vai indo, acho que eles até cansam, sabe, coitados! Chego na igreja e fico dormindo, o som chega a estar estrondeando e eu lá dormindo, por estar muito cansada. Trabalho de segunda a segunda. Começo oito ou nove horas e termino entre onze e meia e uma da manhã, todos os dias, estou esgotada de cansaço. Esses dias, inclusive, estive doente” (Valdira, 46 anos).

Entre os católicos, 12,20% fazem curso em igrejas não-católicas ou vão às diversas denominações evangélicas convidados por amigos.

Conhecendo sua opção religiosa, torna-se interessante avaliar a prática dos rituais de sua fé constatando-se que:

Católico - Sim	30,43
Não	69,57
Evangélico – Sim	72,73
Não	27,27

A grande maioria dos feirantes católicos não participa das atividades de sua igreja, o que não acontece com os evangélicos, pois são mais participantes. Os espíritas, os das Igrejas Deus é Amor, da Comunidade Cristã e da Universal pesquisados participam de sua instituição religiosa.

A amostra da pesquisa entre os feirantes torna evidente que o trânsito religioso é grande, principalmente do catolicismo para outras denominações, inclusive negando a prática dos católicos enquanto afirmam:

“Mudei de igreja devido a minha comunhão com Deus, porque participava e missa, mas não tinha um encontro com Deus. Quando eu passei a ser crente, eu consegui ter um relacionamento íntimo com Deus, falar com Ele, Ele me ouvir, no desespero senti a necessidade de buscar uma igreja crente e nunca mais sai” (Suzana, 32 anos).

E também, na afirmação de outra feirante, já citada no capítulo anterior, que de início nega ter tido qualquer outra religião:

“Antes, quando eu ia na igreja era na católica, e dizia que tinha Deus na minha vida, mas não é bem assim não, porque o católico vai na igreja, sai de lá toma cerveja, dança a noite inteira, então não está de acordo com a palavra de Jesus” (vendedora de sapatos, 35 anos).

Suzana e a vendedora de sapatos não encontraram na religião católica a resposta às suas necessidades e criticam o pouco envolvimento dos católicos na vida e na prática de cada um.

É evidente na pesquisa que os trabalhadores que trabalham em uma mesma categoria profissional têm uma imensa diversidade religiosa, transitando entre os diversos domínios simbólicos e os sistemas de sentido, que são muitos à livre escolha, para a adesão individual. Estas vão variar de religiões tradicionais, fechadas até os campos símbolos do espiritualismo ecológico, onde o sujeito possa ter suas experiências individuais.

Evidencia-se que o progresso da ciência, a mudança nas condições de vida e de trabalho no mundo pós-moderno, ao invés de enfraquecer, faz com que as pessoas busquem os sistemas simbólicos que lhes oferecem sentido e dentro dos quais lhes fornecem explicações de mundo e das suas práticas sociais.

Observa-se pelos depoimentos dos feirantes que as verdades religiosas básicas e as ações para pertencer à religião alteram-se muito pouco, como a oração, 100% dos entrevistados afirmam que rezam ou oram ao acordar e deitar e que o fundamento de sua crença é a Bíblia.

O transitar de uma religião à outra faz diversificar a demanda pelas religiões e faz surgir ofertas também diversas, o que pode ser reforçado com a colocação de Prandi:

“Tanta oferta, que é crescente, depende da demanda grande e diversificada. Aquilo que se entende por religião deve contemplar necessidades, gostos e expectativas que escapam às velhas definições da religião, surgindo às mais inusitadas formas de acesso ao sagrado e sua manipulação mágica, como ocorre com muita propriedade no vasto e pouco definido universo do esoterismo” (Pandi, 1999, p. 3)

Mas também Valle e Sarti reforçam a discussão:

“A história do pentecostalismo brasileiro é mais recente, mas ainda assim já podemos identificar, com Paul Freston, três grandes ondas. A primeira delas (Assembléia de Deus) formará comunidades rigorosas na vivência da fé, como no caso das CEBs (ainda que o objeto do compromisso raramente coincida nos dois casos) , enquanto a segunda (Deus é Amor, por exemplo) estará mais próxima do polo ‘igreja’ (tal como a Renovação Carismática Católica). Já a terceira onda, a do pentecostalismo Autônomo (Universal do Reino de Deus, por exemplo), terá o trinômio cura- exorcismo- prosperidade como alicerce de seu ‘individualismo coletivista’, nos termos de Bittencourt” (Valle e Sarti, 1996, p. 10)

Daí resulta que, nesse mercado brasileiro, velhas religiões procuram se adaptar, como a religião católica que vê sua supremacia abalada, principalmente a partir dos anos 50, com a expansão dos ramos pentecostais e afro-brasileiros. Muitas mudanças para adequá-la ao mundo moderno foram efetivadas pós Concílio Vaticano II como forma de adequar seus ritos e doutrina para uma nova relação com a sociedade.

É importante situar também as religiões afro-brasileiras (Umbanda, Candomblé, Macumba) que se desenvolvem nos setores populares excluídos e pouco integrados ao mercado de trabalho.

Ao se transportar para o Brasil, homens e mulheres, na condição de escravos, também foram transportadas suas raízes culturais e religiosas. E aqui sua religião se mescla ao catolicismo, espiritualismo, superstições e magia e até mesmo com o protestantismo.

Na Feira Hippie foi possível constatar essa mescla sincrética, onde a feirante (e o grupo que trabalha em sua banca) diz ser Kardecista-Umbandista, conforme afirma a feirante Sandra:

“Sou espírita-Kardecista e Umbandista e antes era católica, mudei de religião há mais de 10 anos, porque me senti melhor, me encontrei”.

Muitas ações e atitudes populares desenvolvidas a partir das religiões afro-brasileiras são praticadas inclusive por pessoas com religião definida, refletindo no cotidiano esses aspectos culturais, como, por exemplo, ao ser questionada, a feirante, que não deseja que algo ruim aconteça, bate na madeira, acompanhando o gesto com a palavra *isola*.

Esses cultos sofrem rejeições e são questionados pelas expressões religiosas, como o catolicismo e o protestantismo. A feirante Sônia – 30 anos, vestida com roupa clássica de baiana, com colares de contas, quando inquirida, disse: “Eu não mexo com isto não, os colares fazem parte do traje de baiana, sou é católica mesmo” afirma ainda que é *limpa*, repudiando radicalmente as religiões afro-brasileiras. Indagada porque do ramo de arruda encaixado na touca, ela disse: “Isto é para afastar a inveja, o mau olhado”. Quanto ao colar, recusa terminantemente que representem seus orixás dos cultos afro-brasileiros.

Embora José Ollah incorpore aspectos do discurso da Nova Era, não é representativo o número dos que fazem essa opção:

“Oro, sem ter para isto um momento determinado. Quando acordo, mentalizo em agradecimento pela noite de repouso, pelo meu conforto e peço proteção. Agradeço em reconhecimento de que não estamos sozinhos no universo e confio e tenho fé de que quando precisar de uma ajuda extra, ela virá, basta pedir e fazer a nossa parte, procurando da melhor forma possível. E o que não conseguirmos, pedimos por acréscimo que Deus nos ajude e possamos realizar até as coisas impossíveis. Todas as coisas no mundo são sobrenaturais e marcantes, como por exemplo o ar que respiramos, que considero sobrenatural” (José Ollah, 64 anos).

José Ollah reproduz algumas das expressões da Nova Era, considerando a relação homem-natureza, a compreensão da posição do homem no universo, mas não pratica sua opção. A Nova Era tem como proposta ideal a auto-realização do homem a partir do desenvolvimento de suas possibilidades, de seus próprios dons e

de sua consciência. Dá ênfase à autonomia individual e ao equilíbrio da natureza, de forma que estejam integrados homem-homens e homem-natureza, na busca de atingir *o holon, a totalidade, a plenitude*. Seus fundamentos estão na cultura e religiosidade pós-moderna, envolvendo-se no misticismo, no expressivismo psicológico e entremeado de motivos ecológicos, conforme Carozzi (1999).

3.5. Como o feirante representa Deus?

Para grande parte dos trabalhadores da feira, *Deus é tudo*. Indagados sobre o que é tudo, dizem: é a natureza, as coisas do mundo e a sua própria existência.

A representação de Deus é medida por uma ideologia confessional, o que aparece nas situações clássicas dadas à pergunta, quando você ora ou reza? A isso, em torno de 90% de entrevistados respondem que o fazem, ao deitar, ao levantar, às refeições, como o ensinado pelas diversas religiões, principalmente no catolicismo.

“No caso típico do cristianismo ocidental, católico ou protestante, essas representações de Deus, ora muito próximas, ora distantes umas das outras, construíram um universo de sentido muito sólido, mas que começa a ser outra vez abalado por novas configurações. Tanto de um lado como de nossa cultura tem oscilado entre Deus-milagre e Deus-razão, correndo as variações na esteira das circunstâncias sociais e culturais. Assim temos tido o Deus do altar e o Deus da consciência, o Deus do indivíduo e o Deus da cristandade, o Deus majestático e irado e o Deus benevolente, Deus morto e Deus vivo, Deus próximo e Deus distante. Como se configura Deus na efervescência religiosa de nosso tempo” (Mendonça, 1997, p. 9).

A ligação a uma denominação religiosa, a seus dogmas, às suas formas de ver e explicar o mundo e às suas prescrições com relação a comportamentos desejáveis faz com que as pessoas se comprometam com sua opção religiosa.

Como exemplo, cita-se aqueles que dizem que a religião em que hoje estão é responsável pelas mudanças em sua vida, que vieram para a feira junto com a mudança de religião e percebem que não só sua situação financeira mudou, mas sua vida e suas atitudes também mudaram, e também sua religião.

O trânsito religioso é evidente. Muitos feirantes (29,27%) mudaram da religião católica para outra que lhes dê significado e organize seu cotidiano.

Ligados a uma religião, o feirante tem sua fé religiosa extremamente forte, com exceção de um, que depois de *pôr Deus à prova* diz não acreditar em Deus:

“Tenho minhas dúvidas se Deus existe, severas dúvidas: porque existe uma idéia que você pode colocá-lo à prova. Fiz uma prova, recentemente passei por uma experiência angustiante e muito séria e tive a oportunidade de exaustivamente colocá-lo à prova e para minha surpresa, desagradável, constatei que tudo que busquei veementemente não fui atendido; aliás, não foi nem para mim, busquei para minha filha e não fui atendido. Então depois dessa experiência amarga, se tinha pouca fé agora não tenho nenhuma. Não quero cometer mais um equívoco, tudo na minha vida tem que ser feito com seriedade, não vale a pena você brincar ou simular diante de uma coisa tão seria, tão bonita que é aquilo que eu aprendi de Deus, Deus é bonito, é belo, é generoso, é grande pai, Ele atende, Ele está nas horas mais difíceis, e se você pede com muita fé, se tem um propósito nobre, é atendido tudo isso é grandioso, é belo. Então continuo chamando Deus de belo porque foi assim que eu aprendi, mas Ele não me mostrou como tal” (Glaúcio, 49 anos).

Na realidade observa-se que a identidade deste feirante está abalada. A não resposta as suas necessidades coloca em cheque os bens simbólicos que traz em seu interior e leva a perda do sentido dado a seu mundo.

Este Deus, para muitos feirantes, é representado como ausente, que não dá resposta quando alguém necessita. Mas aparece, por outro lado, as bases de sua formação religiosa, neste último momento, em que o cita como *belo, generoso, grande pai*, e contraditoriamente diz que não tem mais fé.

Em contraposição existem aqueles para quem Deus aparece como pai *demiurgo*⁵: ausente intermediado por outras pessoas, enquanto afirmam que se ligam a uma religião para encontrar Deus e que Ele sempre onipresente, tudo sabe, tudo vê, mas não se apresenta.

Deus é representado como *pastor*, socorrendo quando solicitado e concedendo bençãos:

“Acredito que Deus existe porque em tudo que fazemos tem uma obra Dele. Deus para mim é tudo, é vida, saúde, amizade, humildade, o carinho para com o próximo, em tudo Ele está ali colocando sua mão. Acredito que Ele existe, porque tudo que faz na vida das pessoas, às vezes acontece uma coisa desagradável, mas você sabe que terá um retorno feliz, porque Deus sempre está por trás” (Ranulfa, 42 anos).

Nesta representação, Deus é presente e a abençoa em suas ações, lhe dá segurança e proteção.

Deus como *Gênio da lâmpada mágica de Aladim* aparece nas falas: “quando tenho necessidade, recorro a Deus e Ele sempre me atende”. E também: “... sempre recorro a Deus ao sair de casa, ao estar no trabalho, peço sempre sua ajuda, tenho tido muita sorte acredito que Deus me ajuda” (Eunice, 53 anos). Deus também resolve os problemas em um ato mágico, dando sorte de enfermidades. Ou ainda: “Deus curou meu filho, os médicos não o fizeram, Deus fez” (Eunice, 53 anos).

Na representação de Deus de muitos, Ele aparece como *juiz severo*, exigindo conduta correta e atribuindo castigo aos infratores, e entrar em seu reino não é fácil, a não ser com determinada conduta.

“... após a morte as pessoas têm que passar por duas portas: uma larga e uma estreitinha. Para entrar na estreitinha é difícil, é o mesmo que estar andando na corda bamba, a larga que é a porta da perdição, é ampla, tem

⁵ Deus demiurgo, pastor, gênio da lâmpada de Aladim, etc. são denominações usadas por Petrelli (2000), ao discutir a representação de Deus na visão das pessoas.

folga, luzinhas, bonitinha, entra-se fácil, a pequena é difícil. Então o que eu penso: ir para o reino do céu onde Deus está guardando sua cidade para nós não é fácil, para isto temos que orar sempre e respeitar o que Deus determina” (Rafailton, 24 anos).

Segundo esse depoimento, a conduta que não é correta é julgada e condenada.

Pode também ser Deus *pedagogo, filósofo cientista*: é sábio, que espalha o bem para seus filhos.

“Deus é muito maravilhoso para quem serve ele, Deus faz muitas coisas na vida das pessoas, a salvação, a libertação de enfermidades. Deus já me curou de muitas enfermidades, libertou meu esposo” (Joana, 40 anos).

A solução de problemas é dada por Deus, que tudo sabe e tudo soluciona, como também na fala da vendedora de sapatos:

“Quando comecei a ir para a igreja, a servir a Deus, minha vida mudou totalmente. Quando eu era do mundo não tinha nada, bebia, no outro dia amanhecia com a cabeça doendo. Hoje não, tenho outra cabeça” (vendedora de sapatos, 35 anos).

Em outra situação, Deus dá alternativa de vida: ao ter Deus como parâmetro em sua vida, a feirante a reorganiza, diferente da feirante abaixo:

“Acredito que Deus existe, porque existe, de tanto o povo falar, eu acredito. Às vezes acontece cada coisa, que tem que ser por Deus mesmo para ajudar. Deus é pai de todos, criador de tudo que tem no mundo” (Lucélia, 23 anos).

Esse feirante crê em Deus porque os outros falam que existe, mas confia em que é pai e que as coisas sobre o mundo vêm de Deus.

O *Deus totêmico*, que exige louvor e agradecimentos, poderoso, controla todas as coisas sobre o mundo, se há alguma transgressão o infrator será castigado:

“se não nesta vida, na outra”, “se não se fizer o bem estará indo contra Deus, então será punido...” (Diário de campo).

O Deus juiz severo que pune as infrações, poderoso e que cobra atitudes.

“Deus representa tudo, porque sem Ele querer não cai nenhuma folha da árvore, tudo que acontece é pela vontade d’Ele, não pela dos homens” (Maria de Lourdes).

Pela resposta obtida à questão: o que Deus é para você? A grande maioria respondeu que *tudo*, evidenciando o desvelamento de Deus sobre o homem, e a crença em seu poder ilimitado. Essa resposta torna claro que todos crêem, confirmando a fé do brasileiro: Deus é tudo, e também fé no Espírito Santo e na alma imortal. O *desencanto* do feirante que o faz buscar novas religiões não é com Deus, e sim com sua fé religiosa.

A grande maioria dos feirantes reproduz a idéia de que Deus é pai e esta é uma verdade que não é questionada, exceção feita a Glaúcio. Deus aparece como pai: *Deus é o pai de todos, criador de tudo que há no mundo.*

Deus também é representado como curandeiro e isto aparece em colocações como:

“Tenho muitas provas da existência de Deus, estive entre a vida e a morte, meu filho estava desenganado, e eu busquei a Deus, e meu filho é hoje um homem forte e trabalhador. Quem mais podia fazer essa obra a não ser Deus? Qual é o homem apesar de toda ciência é capaz de fazer o ser humano? Não existe, só Deus. Deus é universo” (Eunice, 53 anos).

Segundo esse depoimento, a fé em Deus cura onde o conhecimento científico não o foi capaz de fazer.

Essas são algumas das representações de Deus para os feirantes encontradas na pesquisa de campo. A fé, o temor, o amor e respeito filial têm integrado e dirigido o seu comportamento.

Embora fatores como as articulações políticas, os planos econômicos concorram em grande parte para reforçar determinados comportamentos, sentimentos, emoções, crenças, pode-se afirmar que a forma como as pessoas representam Deus está ligada a seu processo de socialização, ou seja, à forma como os padrões culturais produzidos socialmente são assimilados e integrados em seu comportamento.

Muitos feirantes têm sua posição religiosa e fé inabalada, principalmente aqueles que praticam sua crença religiosa, e crêem com convicção na existência de Deus e Nele fundamentam seu viver. Seu comportamento é seguro, refletindo diretamente na sua concepção de Deus, e na imagem que faz Dele. Deus lhe indicou o trabalho na feira; Deus lhe deu o dom de ser pintor, escultor ou artista, esse é o Deus bom, pai, pastor, amigo. Mas Deus, por outro lado, também pode ser padrasto, quando o feirante não vende bem ou quando tem sua situação instável.

Ligada diretamente a seu trabalho está também a participação do feirante na prática de sua opção religiosa já que a mesma interfere em sua relação com o sagrado, pois os feirantes argumentam que trabalham muito, estão cansados, ou o tempo não dá pára participar dos cultos ou missas.

Sua crença religiosa, nova ou não, é fator decisivo na sua atitude e pensamento com relação a Deus e à imagem de Deus.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas simbólicos surgem na própria sociedade e se constituem como legitimadores de diferenciações sociais, servindo como forma de inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção na estrutura social.

Como sistemas simbólicos, as instâncias religiosas vão organizar e fazer uso dos bens de salvação no sentido de integrar ao modo de vida o habitus (termo criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu) religioso norteador de seus pensamentos, percepções e ações, adequados à visão política do mundo social.

A religião, como muitos sistemas simbólicos, cria justificativas para as causas e razões das injustiças e privilégios sociais e explicadores do existir em determinada posição social.

No caso dos feirantes, suas falas expressam resignação e renúncia, em função da promessa da salvação, compensando assim, através do simbólico, as carências presentes na realidade sócio-econômica por eles vivenciadas.

Neste mundo de símbolos e significações, como se fosse em um mercado, é oferecido um leque de alternativas religiosas, dentro das quais os sujeitos sociais podem fazer sua livre escolha, transitando entre os diversos sistemas religiosos de sentido. Nessa busca, tornam-se andarilhos, transitando entre os diversos sistemas de sentido.

Esse trânsito se explica pelas mudanças impostas pela modernidade e pós – modernidade, onde alguns sistemas religiosos de sentido ganham espaço e se afirmam enquanto outros o perdem.

Quanto ao trabalho, o sistema econômico impõe novas idéias: velocidade, transitoriedade e descartibilidade, transformando as relações de trabalho. O resultado desse fenômeno é que pessoas, que tinham posições definidas quanto ao mundo e também uma situação financeira estável se vêem às voltas com novas situações que lhe fogem do controle. Têm que solucionar seus problemas por conta própria; daí se explica a busca de alternativas tanto quanto ao trabalho em relação a religião.

Nesta conjuntura, instituições tradicionais que tinham suas verdades aceitas e legitimadas, como o catolicismo, perdem de forma sistemática seus seguidores para religiões que provoquem, segundo Queiroz (1996), *um novo reencantamento do mundo*.

Essas são alterações provocadas pela pós-modernidade que produz profundas mudanças na ordem social e afeta as pessoas no seu dia-a-dia, provocando o *desencaixe* das relações sociais, para uma esfera maior que a

vizinhança tornando-se global e provocando transformações nos hábitos e nas práticas sociais.

O capitalismo desenvolve-se na modernidade, expandindo-se de forma global, não se limitando aos espaços territoriais dos diversos países. Em sua expansão revolucionária, a produção, buscando alternativas de produção rápida, eficiente barata e produtiva e avança de forma arrasadora sobre as relações de trabalho, com a exclusão dos trabalhadores mais velhos, menos qualificados e com poucas chances de se reciclar conforme os moldes atuais de administração capitalista.

Essas transformações na administração capitalista fazem desaparecer os empregos de tempo integral e estáveis. À população economicamente ativa resta a procura por atividades que lhes possibilitem ganhar o suficiente para seu sustento e de sua família, e, conforme constatado na pesquisa de campo, a saída mais viável são as feiras livres; e, no trabalho em questão, a Feira Hippie em Goiânia.

A resposta do trabalhador para construir sua identidade no contexto de precarização e exclusão faz parte do pensamento cristão moderno, surgindo propostas como redução do tempo de trabalho, desenvolver atividades que possam absorver a mão-de-obra ociosa e ainda conjugar o preceito cristão da caridade, nas formas de ajuda mútua, solidariedade e assistencialismo nas diversas opções religiosas.

No entanto, as desigualdades são criadas e recriadas, já que a economia não absorve a população ativa. Surge uma *nova pobreza* no momento atual de desenvolvimento do capitalismo. No geral, integrantes da classe média, expulsos do mercado formal do trabalho e com pouca chance de reinserção no mesmo.

Para estes há a vivência do processo de deteriorização das condições econômicas e sociais, com o rebaixamento do status relativo e a impossibilidade de continuar a ter o mesmo padrão de vida e consumo de antes.

A atitude do desemprego pode ser expressa na afirmação de Cattani (2000): “O futuro é incerto e inseguro, o que se reflete em seu comportamento, com os vizinhos, deteriora sua auto – estima e passa a ter pouca participação política, inclusive nos sindicatos. A criminalidade e a violência podem inclusive lhes parecer normal”.

O capitalismo expressa e institucionaliza seus valores, impondo seus interesses e integrando o mundo em uma órbita que proporcione maior riqueza para os detentores de capital. Para isto interfere na cultura, na história e na formação das identidades. Esta situação resulta também em movimentos sociais de reação na defesa de Deus, da nação, da etnia, da família e em outras categorias do viver humano ameaçado pelo avanço dessas transformações.

Entre essas transformações, estão as formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, terceirizado, vinculado à economia informal, que têm como característica a regressão dos direitos sociais, péssimas e precárias condições de trabalho, etc.

No Brasil de hoje, conforme comprovada pela pesquisa, aumenta a indiferença às instituições religiosas e aos poderes eclesiásticos tradicionais. Surgem novas demandas sociais e novos desejos de participação são expressos. Busca-se nas igrejas a resposta a novos ideais e interesses. Requisita-se das mesmas que se transformem em *pronto-socorro* espiritual e até material, solicitando a cura do espírito e do corpo.

Essa tendência religiosa é própria do homem e mulher pós-moderno que faz um trânsito constante, sem se converter, troca de uma religião para uma nova opção com facilidade, buscando a que julga mais adequada para escolher e definir sua identidade. Nesta busca procura e experimenta, entre diversas religiões, uma que lhe dê respostas e ajustamento de sua vida moral e financeira.

O feirante pesquisado tem sua religiosidade sempre fundada no *temor de Deus, Deus pai, Deus tudo*, também Deus solução de problemas, de cura dos nossos males, de consolo ou compensação.

Constatou-se na feira não o fim do sagrado, mas sim um sagrado privatizado e individualizado, de acordo com as necessidades e interesses de cada um.

Com poucas exceções, entre os entrevistados, como Ranulfa e a vendedora de sapatos, que disponibiliza parte de seu tempo para as atividades da igreja, a instituição conta pouco com a dedicação dos feirantes. O valor da instituição igreja é dado enquanto responde a seus desejos, demandas e expectativas.

Isto resulta em situações ecléticas, em diversas combinações religiosas, desde que satisfaçam seus anseios, como é o caso das feirantes que dizem que vão à diversas igrejas desde que convidadas pelas amigas, ou outra que escolheu a opção que lhe exigia menos ou que as exigências fossem adequadas a seu viver.

Conclui-se que este trânsito é coerente com o mundo pós-moderno, onde o dominante e atraente é o rápido, o transitório e o volúvel. São valores competitivos, consumistas, pouco ligados a Deus e sem ética. Isto vem em escala globalizada, proporcionada por uma rede de informações interconectadas mundialmente, que provoca a homogeneização das culturas mais diversas.

Assim, o universo espiritualista no capitalismo entra na órbita do mercado e também comercializa os produtos espirituais. Forma-se um *mercado da fé* colocado

à disposição dos fiéis e estes optam por um deles. O feirante busca uma religião que preferencialmente trabalhe com a emoção e que lhes prometa solucionar seus problemas, como ficou evidenciado no campo, onde um feirante diz não estar bem em uma opção, então buscou outra; ou na fala da feirante que foi curada ou alguém da família o foi.

Mas para o que transita, a sua fé em Deus é inabalada, e o que se questiona, então, é a incapacidade do sistema simbólico tradicional de dar respostas às suas necessidades. O respeito e o temor a Deus envolvem a sua vida e, para a maioria dos feirantes pesquisados, *Deus é vida e Deus é pai*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni A. P. A Sociologia e as Transformações do Mundo do Trabalho – Uma Perspectiva Histórica Crítica. Conferência proferida no Seminário: as Perspectivas da Sociologia para o Terceiro Milênio em 11-11-98. UCG Goiânia.

ALVES, Rubem. Protestantismo e Repressão. S. Paulo. Ática. 1979.

ANTONIAZZI, Alberto. O Sagrado e as Religiões no Limiar da Terceiro Milênio. In: A Sedução do Sagrado. O Fenômeno Religioso na Virada do Milênio. Petrópolis, Vozes: 1998, pp. 11 – 19.

ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho. São Paulo: Boitempo , 1999.

_____. Adeus ao Trabalho? Ensaios sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica de religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

Bíblia de Jerusalém. Paulus, 1994. São Paulo.

BOBSIN, Oneide. *Trabalhadores Protestantes Urbanos: Religião e Ética do Trabalho*. Tese de doutoramento. PUC- SP, 1992.

BOFF, Leonardo. *Nova Era: A Civilização Planetária*. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A crise das Instituições Tradicionais Produtoras de Sentido*. In: *Misticismo e Novas Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 23 – 66.

CALVEZ, Jean – Yves. *A Economia, o Homem, a Sociedade- O ensinamento social da igreja*. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 1995.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997. 2ª edição.

CAROZZI, María Julia. (Org). *Introdução*. In: *A Nova Era no Mercosul*. Rio de Janeiro. Vozes. 1999, p. 8 – 26.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Trad.: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CATÃO, Francisco. *Religião e Trabalho*. São Paulo: FTD, 1991.

CATTANI, Antônio David. *Trabalho e Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COMBLIN, José. O Cristianismo no Limiar do Terceiro Milênio. In: A Sedução do Sagrado. O Fenômeno Religioso na Virada do Milênio. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 143 – 160.

CNBB. A fraternidade e os desempregados: Sem trabalho... por quê?: texto – base São Paulo. Ed. Salesiana. Dom Bosco, 1999.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

DOWBOR, Ladislau. IANNI, Octavio. RESENDE, Edgar (Orgs.) Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. As Conseqüências da Modernidade. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GUTIÉRREZ, Gustavo e outros. A Laborem Exercens e o Evangelho do Trabalho Humano. São Paulo: Loyola, 1989.

IANNI, Octavio. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Daniéle. Catolicismo: El Desafío de la Memoria. In.: Sociedad y Religión. Sociología, antropología e Historia de la Religión. En el Cono Surtrad. Buenos Aires. Argentina. Noviembre 1996. N.º 14/15 p. 9 – 28.

LEAL, Francisco. Neoliberalismo x Desemprego. Goiânia: UCG, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. O Sagrado na pós-modernidade. O Fenômeno Religioso na Virada do Milênio. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 61 – 78.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. S. Paulo: ANPOCS, 1996. Autores Associados

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos e Filosóficos: 1º Manuscrito (parte final). In: FERNANDES, F. (Org.) MARX e ENGELS: História. SP: Ática, 1983.

MARX, Karl e ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo. Hucitec, 1986.

MAZUCCO, Vítório. A Espiritualidade do Trabalho. In. Trabalho: Dignidade e Beleza. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 9 – 36.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Prefácio. In.: Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal. Rio de Janeiro: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997. 2ª edição.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: Textos em Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOSER, Antônio. Os Ensinamentos Sociais da Igreja: Reflexões a partir de um Centenário. In. Trabalho: Dignidade e Beleza. Petrópolis: Vozes, 1991.

PARKER, Cristian. Religião popular e Modernização capitalista. Trad. Altílio Brunetta Petrópolis. Ed. Vozes, 1995.

PENZO, Giorgio e GIBELLINI, Deus na filosofia do Século XX trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo. Loyola. 1998.

POCHMANN, Márcio. O Emprego na Globalização. São Paulo: Boitempo, 2001.

PRANDI, José R. Religião, Biografia e Conversão: Escolhas Religiosas e Mudanças da Religião. Trabalho apresentado na IX Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Rio de Janeiro: IFCS / UFRJ, 1999.

QUEIROZ, José J. As Religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade. In: Interfaces do Sagrado em Véspera de Milênio. São Paulo: PUC / Olho d'água, 1996, pp. 9 – 22.

RABELO, Francisco Chagas Evangelista (Coord.) e AMARAL, Ernesto Friedrich de Lima. Formas Culturais e Percepção Social dos Freqüentadores de Feiras de Arte e Alimentação de Goiânia. Goiânia: UFG, 1999.

SILVA, Benedicto. (coord.). Dicionário de Ciências Sociais. Rio Janeiro: FGV – MEC, 1987.

SILVA, Valmor da. Segunda Epístola aos Tessalonicenses. Não é o Fim do Mundo. Petrópolis: Vozes, 1992.

SINGER, Paul. Globalização e Desemprego – Diagnóstico e Alternativas. São Paulo: Contexto, 1999.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernismo e tradição. Transformações do campo religioso. P 115 – 129.

VALLE & SARTI. In: Nem Anjos Nem Demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996.

WACH, Joachim. Sociologia da Religião. Trad. Attílio Cancian São Paulo: Paulinas, 1990

WEBER, Max. Economia e Sociedade. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 1991.

_____. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1996.

REVISTAS E PERIÓDICOS:

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: Uma visão global. In.: Religião e Sociedade. Vol:21. Rio de Janeiro: ISER, 2001. P. 9 – 23.

DORIAN, Amanda. Feirantes aceitam desocupar Rua 44. O Popular. Goiânia. 23-02-2001.

FRIGERIO, Alejandro. El futuro de las Religiones Mágicas en Latinoamérica. In.: Ciências Sociales y Religión. RS. Ano 1, n.º 1. 1999. p. 51 – 88.

GEFFRÉ, Claude e JOSSUA, Jean-Pierre. Interpretação Teológica da Modernidade em Discussão. Petrópolis: Vozes. Concilium / 144 – 1992 / 6: pg. 3 – 7 (783 – 787)

GOUVÉIA, Eliane Hojajj. Comunidades Eletrônicas de Consolo. Ciências Sociales y Religión. R. S. 1999, p. 115-129.

MARIANO, Ricardo. O Futuro não será Protestante. In.: Ciências Sociales y Religión. Año 1, n.º1p. 87 – 114.

MÍGUEZ, Daniel. Conversiones Religiosas, Conversionés Seculares. Comparando las Estrategias de Transformacion de Identidad en Programas de Memorias e Iglesias Pentecosttales. In: Ciências S – Ano 2 n.º 2 R.S. 2000

ORO, Ari Pedro. Considerações sobre a Modernidade Religiosa. In: Sociedad y Religión. Sociología, antropología e Historia de la Religión. En el Cono Surtrad. Buenos Aires Argentina. Noviembre. 1996. Nº. 14/15.

PETRELLI, Rodolfo. Deus: O Mágico do Universo ou o Parceiro da Humanidade? In. Fragmentos de Cultura. Goiânia. IFITEG, SGS / UCG 2001 p. 173 – 177.

PIAULT, Marc Henri. Rio Zona Sul – Percurso de Crenças e Identidade. In: Religião e Sociedade. Vol. 20. N.º 2. Rio de Janeiro – ISER. 1999

REIMER, Haroldo. Comentários Qualificação. UCG. Junho de 2001.

SANCHIS, Pierre. Desencanto e formas contemporâneas do religioso. In: Ciências Sociales y Religião / Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur. Año 3, n. 3 (2001). Porto Alegre. 2000. P. 27 – 43.

SANTANA, Mariza. Informais movimentam R\$500 milhões. O Popular: Goiânia, 27-06-1999.

SANTOS, Eurico. González Cursino dos. Magia e Cultura, Colonia brasileira – Reflexões Metodológicas no Espírito de Max Weber. In.: Ciencias Sociales y Religión. RS. Ano 1. N.º 1 1999.

SITE UTILIZADO:

IBGE: www.ibge.gov.br - PNAD-1997 e 1999.

6. ANEXOS

ROTEIRO DA ENTREVISTA

A religiosidade entre trabalhadores da feira hippie de Goiânia.

- 1 – Desde quando você trabalha nessa atividade? _____.
 - 2 – Por que você escolheu essa atividade?
_____.
 - 3 – Quando deixou o último emprego com carteira assinada? Por quê?
_____.
 - Pretende procurar emprego de carteira assinada? _____.
 - 4 – Há outras pessoas de sua família que trabalham nesse ramo? _____
 - 5 – Você é dono do ponto? _____.
 - 6 – Você gosta deste trabalho ou gostaria de deixá-lo?
 - 7 - Quando você tem algum problema a quem recorre? (à família, a um colega/amigo ou à religião). _____.
 - 8 – Acredita que Deus existe? _____.
 - 9 – O que Deus é para você? _____.
 - 10 – Como nasceu a sua experiência com Deus? _____.
 - 11 – Como você conversa com Deus? _____
Por quê? Quando? O que significa para você? _____.
 - 12 – Qual Igreja você frequenta? _____.
 - 13 – Você sempre frequentou essa Igreja? _____.
Se mudou de Igreja, por que? Quando? _____.
 - 14 – Para pertencer a essa Igreja, o que você tem que fazer? _____.
-

ENTREVISTAS –

FEIRA HIIPPIE

1- Mário Jorge Evangelista de Sena, 39 anos (vende objetos de madeira- cofres, oratórios)

Não é dono do ponto, pertence ao cunhado. Vende também na feira da lua, e trabalha com artesanato de madeira desde 1981. Há dois anos trabalha sem carteira assinada, mas prefere trabalhar com artesanato.

Freqüentava a igreja Assembléia de Deus, acredita na existência de Deus, “ Deus é o único, superior que tem, ele criou o céu e a terra e tudo que existe no mundo, né? Então Deus é amor, Deus quer que o ser humano tenha amor pelos outros, é o que não tá tendo hoje, né?”

Sua visão da existência de Deus se baseia no seguinte: “ tem pessoas que só pretende maldade para com os outros, e tem pessoas que gosta de fazer a bondade né? Então do meu lado é o da bondade”. Sua fé é fundamentada na bíblia.

Quando tem um problema pede a Deus, ora a Deus. Porque crê que ele existe, “que ele pode superar os meus problemas”.

“Afastei da igreja por problema particular, inclusive o pastor falou que ia orar para tirar meu trabalho, né? Queria eu dentro da igreja, quer dizer isto aí eu não gostei, porque o pastor não pode fazer uma coisa desta”.

“Rezo ajoelhado na hora de levantar e de deitar e devemos rezar todos os dias, não é só quando tem problemas. Orar significa clamar a Deus, ter um contato com Deus”.

2 - Suzana Fagim Flores Cabral – 32 anos- Roupa de Mulher

Ponto próprio, há dois anos. Sempre trabalhou autônoma, costurava tinha facção e resolveu fazer feira para si própria.

Freqüenta a Igreja de Deus no setor Criméia Leste, há seis anos. Antes era católica. “Nesta Igreja consegui ter comunhão verdadeira com Deus”.

Para ser desta igreja “tem que ler a bíblia, ir aos cultos e principalmente andar conforme a palavra de Deus, porque Deus nos ensina a fazer o que e o que está dentro da bíblia, desde que eu siga o que esta na bíblia, estou seguindo essa minha religião”.

“Deus é tudo. Tudo que eu tenho hoje é Deus. O que eu tenho é por Deus. A minha fé, os meus bens que são dados por ele, então Deus é tudo que eu tenho”.

Seu fundamento da fé é a bíblia. Quando tem problema procura a Deus “porque só ele que pode resolver e tem resolvido meus problemas”.

O que fez mudar de igreja é a “comunhão com Deus, porque ia participava de missa, mas não tinha eu um encontro com Deus. Quando eu passei a ser crente, eu consegui ter um relacionamento intimo com Deus, falar com ele, ele me ouvir” no desespero sentiu a necessidade de buscar uma igreja crente e nunca mais saiu.

“Eu oro , reza são palavras repetidas, na oração fala diretamente com Deus, não repetindo o que fala. Falar com Deus é através da oração. Oro em todos os momentos, ao acordar na cozinha, no trabalho, muitas vezes acordo orando. A oração significa comunhão intima com Deus. Quando se quer uma coisa com uma pessoa tem que falar, e quando eu preciso de alguma coisa com Deus, principalmente agradecendo o que ele faz é falando com ele.”

“O único e exclusivo caminho a seguir é só Jesus”.

“Quando eu era católica eu não tinha essa coisa, não tinha comunhão com nada, não é pela religião, creio que eu mesma só consegui me desenvolver espiritualmente depois que eu passei a ser crente”.

“O relacionamento conjugal, tudo é muito difícil, e onde eu consegui foi através desta religião, hoje eu tenho conseguido conquistar os bens materiais, principalmente os espirituais. E tenho o mais importante de tudo, é criado os meus filhos dentro de uma doutrina cristã. Porque eu tenho quatro filhos e neste mundo de hoje se eu não criar meus filhos dentro da igreja o mundo é que vai criar eles, e aí como é que vai ser, né? Não pode ser. Eu tenho uma responsabilidade muito grande. O pão é importante, mas a religião a nossa moral ela é muito firmada à religião, se você tem uma religião que te dá bons princípios você é diferente. Porque na bíblia fala, ensina o seu filho o caminho que ele deve andar, que ele ao crescer jamais se desviara dele, então estou ensinando meus filhos”.

3- Angelita – 31 anos - Roupas

Aluga o ponto, não é dona dele, tem oito meses que trabalha nessa atividade. Antes não trabalhava, estudava e cuidava de casa.

“Frequento a igreja católica, mas também faço estudo bíblico com a Testemunha de Jeová. Frequento a Igreja Católica porque venho nessa religião desde o berço. Faço estudo bíblico, porque acho muito importante saber manusear, saber o que está escrito realmente na bíblia, então é muito profundo, o pessoal da Testemunha de Jeová então aprofunda muito, explica bastante”.

“Não mudo de religião e nem pretendo mudar, continuo sendo católica. Vou à missa todos os domingos, meus filhos fazem catequese, participo das festas e tudo o mais que posso ajudar. A igreja é muito aberta, não tem exigência para os fiéis”.

“Acredito em Deus: Deus é tudo, o tudo é como o amanhecer do dia, tudo... é o sol que nasce todo dia, a lua que se esconde na noite”.

Baseia a crença na leitura de livros, a fala de padres, pastores, influi realmente na vida, mas o importante é você ler.

Quando tem problema recorre a Deus. “Porque Ele é o todo poderoso, ele que nos fez”.

“O que me leva a buscar uma igreja é conhecer realmente a Deus, pois por mais que eu conheça não é o bastante, porque cada dia agente se surpreende com todas as coisas maravilhosas que ele faz para a gente.”

Reza porque acredita em Deus, reza não só nas horas necessárias, não só nas dificuldades, mas todos os dias à noite.

“Rezar significa conversar com Deus.”

Acredita que toda religião que fala de Deus é muito importante, não importando se é Testemunha de Jeová, católica, mas é a fé. A fé é o mais importante, a forma com que a pessoa busca a Deus, é muito bonito e é muito importante na vida de todo mundo. Acho que se todo mundo tivesse consciência de que Deus realmente é o todo poderoso que nós fez, a vida seria diferente. Eu tenho três filhos, amo meus filhos e tento passar para eles a importância de Deus na vida. Em tudo que vamos fazer Deus é muito importante, eu penso assim. Às vezes, as pessoas até me criticam, falam: não isso é bobagem, Deus não existe, mas eu não mudo a minha opinião, é igual não mudar de religião, pelo menos o que eu penso eu não mudo, por enquanto eu confio em Deus, acredito nele mas religião eu não pretendo mudar”.

4- José Rodrigues Pereira – 65 anos

Proprietário do ponto e trabalha na feira desde quando iniciou, neste local, 4 ou 5 anos atrás. Exerce esta atividade para complementar o salário de pedreiro. Não é aposentado. É autônomo.

Freqüenta a igreja católica. Vai à igreja quase todos os domingos, alternando sábado ou domingo. O filho e a mãe são crentes. Reza o terço todas as noites com a esposa.

Acredita que Deus existe, “por muitas coisas boas que Ele faz, primeiramente deu a vida, a luz tudo. Deus é acima de tudo, a gente não conhece, nunca viu, mas pela bíblia, por a gente viver aqui, Ele tem que existir, porque senão como viveria todo dia. E esse povão todo aqui? Ele é um só. Não precisa de livro, nem nada, para acreditar em Deus, só a bíblia que ele deu para gente, né? Acho que é o bastante.”

“Olha, eu não sou muito daquele negócio, não! O problema, como se diz, como é que fala? Acho que não é muito bom, acho que não resolve a gente recorrer. Pode rezar, pedir, mas tem muitos que pede só na hora do aperto, só na hora das dificuldades do trabalho, né? ‘Ah, meu Deus! Me acode, me ajuda.’ Aí, Ele não vai resolver nada. Tem que fazer . (...) Tem é que fazer é procurar a servir a Deus, dar o exemplo para os filhos , para todos, no trabalho; trabalhar direito, porque a pessoa que trabalha tem que ser honesta primeiramente.

“Rezo, porque lá em casa temos isso por devoção, ou a religião é uma devoção, que é costume já da família da minha esposa, porque eles eram muito católicos, rezavam todos os dias e a gente pegou. Quando eu era solteiro ia à igreja, mas não era assim todos os domingos, ia de vez em quando. Mas ela com a permissão da família reza antes do trabalho todos os dias. Quando eu não posso ela reza lá, quando a gente viaja, ela lê a bíblia e reza”.

Nunca teve uma experiência extraordinária do sagrado, acredita que sua fé vai ter resposta: “ Quando chegar lá em cima é que eu vou ver”.

5 - Carlos César – 34 anos - Sapatos

Trabalha há 4 anos nesta feira e trabalhou nela quando funcionava na Praça Cívica . Trabalha por opção, para vender as mercadorias que fabrica, com a ajuda da mulher. Fabrica a noite e trabalha durante o dia em uma fábrica de calçados também, com carteira assinada. É proprietário do ponto.

Acredita que Deus existe: “Deus como se diz, eu tenho ele como um ser supremo, eu acredito nele”. Baseia na bíblia para acreditar em Deus: “A bíblia, a gente vê ela, é baseada em Deus, eu acredito muito na bíblia. Quando preciso Deus sempre está em primeiro lugar”.

Freqüenta a igreja católica, mas está afastado da mesma e no serviço todo dia de manhã tem culto evangélico, porque o pessoal com o qual trabalha é evangélico. Reza de manhã e a noite. “Tenho muita fé na oração, acredito que resolve o problema, dá uma visão melhor do problema para a gente”.

6- Fernando – 18 anos. Vendedor de relógios

Trabalha ajudando o pai que é o proprietário da banca e tem outra na avenida Goiás. Nunca trabalhou com carteira assinada e até hoje não pensou no assunto.

Acredita que Deus existe, e que Ele é tudo: “tudo que existe, tudo que ele fez .”

Freqüenta a Assembléia de Deus do Parque Ateneu e sua crença se fundamenta nas palavras do pastor.

Quando tem problema procura Deus: “porque a maioria das pessoas vão atrás para poder conseguir o que quer.”

Nasceu na igreja crente, mas a mãe já saiu, ele pretende continuar. Participa dos cultos nos fins de semana.

Ora ao levantar, deitar, às refeições e na igreja e a oração significa: “eu ‘descarregando’, se eu fiz alguma coisa de errado e pedindo para me ajudar e ilumina meu espírito e tudo.”

7- Maria Luiza Ferreira Caldas – 50 anos – Roupas íntimas de mulher

Trabalha a 12 anos na feira hippie, desde quando funcionava na Goiás. Disse que trabalha porque precisa. Trabalhou com carteira assinada antes de se casar. Tentou trabalhar de carteira assinada, não conseguiu devido à idade. Cuidava do lar e passou a trabalhar na feira após seu divórcio. Somente ela da família trabalha na feira. O ponto é próprio.

Acredita que Deus existe. Para ela Deus é tudo. Acredita porque as pessoas existem, não por leitura, porque não tem tempo de ler. “ quando tenho um problema peço ajuda a Deus, mas não sou muito de ir na igreja, sempre rezo, mas não ir na igreja, rezo em casa. Sou católica, mas não gosto muito de padre. Padre não é comigo não.”

8- Sandra – 22 anos - vende roupas

Trabalha na feira há uma semana. É proprietária do ponto. Faz feira para vender o produto que fabrica. Não trabalhava com carteira assinada, mas possuía sua própria facção de costura. Enquanto tiver vendendo não pretende ter emprego com carteira assinada. A maioria de sua família vende na feira e tem facção também. Questionada se Deus existe respondeu: “muito”.

Deus é tudo. “Deus significa minha vida”

“Sou espírita – Kardecista e Umbandista e antes era católica, mudei de religião há mais de 10 anos, porque me senti melhor, me encontrei”.

“Tudo de bom que eu tenho, agradeço a ele, tudo de bom que eu tenho com certeza é ele que traz para mim.”

A oração significa falar com Deus, e reza o Pai Nosso, como principal oração.

Para pertencer a essa religião tem que fazer caridade, tem que tentar amar ao próximo, respeitar o próximo “ e é o que eu tento fazer todos os dias.” (Umbandista Kardecista).

9 – Joana -40 anos – vende bolsas

Igreja Deus é Amor – Jardim Primavera, sempre foi dessa igreja, nasceu nessa igreja “graças a Deus”.

Trabalha na feira a 2 anos, a banca é do filho. Tem sua própria banca em outro local dessa feira. Trabalhou com carteira assinada por 2 anos, a 7 anos atrás, e parou de trabalhar pois a fábrica de calçados faliu. Pretende continuar trabalhando na feira e não tem intenção de trabalhar com carteira assinada. O marido, o filho e ela trabalham na feira.

“Acredito que Deus existe, temos que buscar e ‘cramar’ a Deus em todos os momentos ‘ocê’ tem que pedi ele, não só nas horas de socorro, pedindo socorro, tem que pedir todas horas, graças a Deus.”

“A oração é muitas bençãos, né irmã? Quanto mais orações mais bençãos, né irmã?”

“Tenho que ir ao culto todos os dias, fazer caridade, levar a palavra, ganhar as almas, para as pessoas terem a salvação. Pois hoje em dia está muito difícil, cada dia que passa é mais difícil, né irmã?”.

“Deus é muito maravilhoso para quem serve ele, Deus faz muitas coisas, a salvação, na vida das pessoas, a libertação, enfermidades. Deus já me curou muitas enfermidades, libertou meu esposo”.

10- Sebastiana – 50 anos - produtos In Natura

Trabalha a quinze anos na feira. É professora, trabalha para complementação do salário. Aposentou-se como professora de segundo grau, mas continua a lecionar.

Acredita que Deus existe. “Deus é tudo, é força.”

“Baseio minha crença na bíblia, na igreja. Sou católica, e conheço também a Comunidade Cristã Evangélica, que frequento de vez em quando, porque me senti bem lá. Gosto da católica, mas senti vontade de conhecer outras também.”

“Oro a qualquer momento, dependendo do que estou sentindo, em qualquer lugar. De primeiro eu tinha que ter horário e lugar certo, agora eu aprendi, eu pude ver que qualquer lugar é lugar de orar, para a gente conversar com Deus.”

11- Edson – 20 anos –vendedor de óculos

Morava no interior e agora veio para a capital. Lá trabalhava no mercado, aqui além do trabalho na feira, trabalha fichado na construção civil. O ponto é próprio, mas não é delimitado pela prefeitura. “a feira hippie é importante para mim porque aqui ‘descolo’ meu dinheiro.”

“Acredito que Deus existe, Ele é importante na minha vida, porque sem Deus agente não viveria. Deus é espírito, ninguém consegue vê-lo, mas Deus tem poder de fazer.”

Frequenta a igreja Luz Para os Povos da Fama.

“Quem crê na palavra de Deus, ai segue uma religião, eu creio que Deus existe e que Deus salva.”

“Oro a noite quando vou dormir, quando me levanto, toda vez eu oro, quando termino meu serviço eu agradeço.”

“Para ser da minha igreja tenho que seguir as regras, o caminho certo, o que você sabe que é bom para você e o que é ruim.”

Cresceu na Igreja Luz Para os Povos.

“Abandonei a igreja por uns tempos, estou dando um tempo, mas eu leio a bíblia, mas eu vou voltar se Deus quiser. É ruim porque quem conhece a palavra fica pecando mais, por estar fora da Igreja, não me sinto bem também não.”

Está em Goiânia a três anos e um nessa feira, antes trabalhava na avenida Anhanguera , e teve todo seu material apreendido pela fiscalização da prefeitura, denominado pelos camelôs de “rapa”. Teve então que encontrar outro trabalho para recomeçar, comprando novas mercadorias.

12 - João Batista de Oliveira – 36 anos- Vende pequi

Trabalha a dois anos na feira, na calçada da avenida Independência, o que não é permitido pela prefeitura. Já trabalhou de carteira assinada, mas segundo ele não compensa, pois não é suficiente para o sustento da família, a feira é melhor, porque vê o dinheiro todo dia. Com o estudo que tem é difícil conseguir trabalho assalariado, então a saída é a feira.

“Trabalho na feira como clandestino, às vezes sofre aporrinhação por causa dos fiscais, entendeu? Atropela a gente, todo mundo tá na mídia de rádio, os fiscais prejudicam a gente, humilha muito a gente, mas já faz parte do trabalho, todo mundo tem que ter uma passagem de sofrimento na vida.”

Acredita em Deus e é católico.

“Não frequento muito a igreja não, porque domingo é o melhor dia de trabalho, mas tem os meus meninos que vão, tenho que levantar as despesas de casa.”

Acredita que Deus existe para todos.

“Deus para mim é um superior, tudo o que eu tenho, tenho que agradecer a Ele, ao levantar e ao deitar, meus dias de vida .”

“Meus filhos freqüentam a igreja Presbiteriana, ao lado de casa, não vou porque tenho que trabalhar de manhã à noite.”

“Quando preciso procuro a Deus, não adianta procurar você, porque você não vai me dar um real, se eu pedir a Deus e Ele me der o conforto, vale mais do que sua palavra.”

13- 35 anos - Vendedora de sapatos

Trabalha a três anos na feira, antes era do lar, gostaria de trabalhar de carteira assinada. Toda família trabalha na feira(ela e duas filhas). É dona do ponto.

Acredita que Deus existe, “sem Deus nada é possível”.

“O Senhor para mim é tudo, é uma modificação de vida, uma transformação de comportamento, de vida, de tudo, Deus tem feito grandes obras em minha vida.”

“Me converti a quatro anos, antes minha igreja era o mundo. Vi a necessidade de em minha vida buscar o Senhor. Porque era uma vida muito destruída, muito angustiada, muita depressão, muita solidão, família destruída, querendo andar no caminho do erro e eu vi a necessidade de buscar Deus na minha vida nesta hora. Um dos pontos importantes na minha conversão foi a questão financeira, porque cheguei a perder tudo o que eu tinha, fiz um negócio errado e perdi tudo. Aí vim de Brasília e descobri Goiânia e a feira Hippie, e tiro o sustento de minha família daqui.”

“Dizem que a nossa fé vem pelo ouvido, e foi ouvindo das coisas de Deus, que passei a acreditar nesse Deus maravilhoso. Quando me converti uma das primeiras coisas que aconteceu na minha vida foi quando eu folhee a bíblia pela primeira vez, lá estava: ‘conhecereis a verdade e ela vos libertará, se o filho do Homem vos libertar verdadeiramente

sereis livre'. Aí eu busquei, então é aqui que eu quero conhecer esse Deus que a bíblia fala esse Deus de grande feitos e eu quero ver esses feitos em minha vida.”

Congrega na Deus é Amor. “O pessoal fala que a doutrina da Deus é Amor é muito rigorosa, mas eu acho que é só uma doutrina santa, não exige mais do que fala na palavra de Deus, porque a doutrina é confirmada dentro da palavra, então eu aceito e lá encontro verdadeiramente com o Senhor Jesus.”

“Oro nas horas de angústia, quando a gente busca com mais fervor, oro também bastante na igreja, porque acho que lá Deus está bem mais perto de mim, e em casa quando eu acordo de madrugada eu oro em espírito. A oração é a chave da benção, é orando que Deus nos escuta e nos atende em sua misericórdia e vem ao nosso encontro e derrama a benção e vitória.”

“Jesus disse ‘andais como eu andei’, as vezes o católico diz assim: ‘eu tenho Deus na minha vida, eu tenho Deus no meu coração’, eu não sei que tipo de Deus, porque eu também acreditava. Quando eu ia na igreja era na católica, e dizia que tinha Deus na minha vida, mas não é bem assim não, porque o católico vai na igreja, sai de lá toma cerveja, dança a noite inteira, então não está de acordo com a palavra de Jesus. Jesus não andou em forró, ele não bebia, ele não prostituía, ele não adulterava. Então na minha angústia, quando senti necessidade de encontrar com esse Deus, eu pedi para ele assim: meu Deus que eu venha a conhecer o Deus dos crentes, e foi assim.”

Não fabrica os sapatos “isto aqui é Dom de Deus, porque eu não entendia de sandália nada, a não ser calçar, e Deus me mostrou essa saída para sobrevivência de minha casa. Porque eu chorei na presença dele várias vezes e Ele me mostrou. Pego o modelo nas revistas, mando para a fábrica e esta fabrica.”

14 - Joaquim – 26 anos - Vende produtos do Paraguai

Trabalhava de office boy, com carteira assinada e deixou porque ganhava pouco. Trabalha na feira a um ano e meio, e não pretende deixá-la.

“O ponto não é meu, é invadido, a qualquer momento os fiscais podem chegar e tirar tudo.”

“Deus existe e é o Senhor de tudo.”

“Acredito que Deus existe, pelas bênçãos que dá, saúde, trabalho.”

Freqüenta a Igreja Assembléia de Deus, a um ano e meio. “Porque mudei de Igreja? Sei lá, fui à Igreja, gostei e comecei a freqüentar.”

“Recorro a Deus quando tenho problemas, porque sei que ele vai resolver.”

Vai aos cultos aos domingos, porque estuda durante a semana, e trabalha como camelô no centro sábado de manhã e faz feira à noite.

15 - Nerivaldo Mendes Martins – 62 anos – vende roupas íntimas de mulher.

Trabalha a um ano e meio na feira, na área não regulamentada, trabalha sem licença neste ponto a mais de um ano, com sua esposa.

“A gente fabrica em casa. Antes trabalhei em vários lugares, trabalho na feira para não ficar parado em casa, se ficar parado agente adocece e morre. Meu último emprego de carteira assinada foi em 1993, no Rápido Araguaia, depois eu entrei no colégio onde meu filho dá aula, sai porque puseram alarme e tudo não precisou do meu trabalho e me dispensou, hoje não consigo mais emprego.”

Pretende continuar trabalhando na feira. “Trabalho sem licença, até que eu queria ver se pago uma licença, eu pago o que for preciso, não tem problema, eu gosto das coisas organizadas.”

“Acredito que Deus existe. Deus é infinito, é tudo. Agente tem aquela fé, parece que tem uma imagem sobre agente. A oração faz parecer que Deus está mais presente.”

É católico não praticante.

16 - Divino – 18 anos vende redes e chapéus

Alugou o ponto por seis meses para avaliar se da certo, trabalha em uma serigrafia em Aparecida de Goiânia com carteira assinada. Desde os 12 anos trabalha em diversas cidades de Goiás vendendo redes. “Pretendo trabalhar com carteira assinada, porque todo homem tem que ter carteira assinada, porque senão não é brasileiro.” Vende também na calçada da Goiás em frente ao BRB, disse que por manter limpo a calçada o gerente permite que exerça seu trabalho e é o único a ter essa concessão.

“Faz três anos que sou evangélico-presbiteriano e presidente da UPA - jovem, antes era católico.

“Inclusive eu ignorava e os criticava no meu pensamento, eu achava que a religião certa era a católica, mas hoje eu acho que a lei certa não é dos católicos nem dos evangélicos, mas sim andar nos caminhos de Deus, sem isto agente não e nada.”

“Na minha conversão, conheci uma pessoa, que queria comprar um chapéu, mas não tinha dinheiro, então eu confiei nela, dei meu endereço a ela, e ela foi em minha casa para pagar. Ai, formou uma amizade entre nós, e ela foi me convidando par ir até sua igreja. Fui, me lembro até hoje, na quarta vez me converti. Comecei a ir e senti que Jesus já estava me preparando a muito tempo para isto.”

“Baseio minha fé na bíblia, pessoa falar para a gente não adianta. Sou novo na fé ainda, mas estou dando discipulado para jovens. Praticamente renasci, sou jovem, mas sou assim

nem todos os grandes possui essa sabedoria. Pego a minha bíblia e procuro entendê-la acredito na palavra.”

“Todos os meus problemas eu divido com Ele, Ele é quem pode nos ajudar.”

“Quando vou orar, chego no meu quarto ajoelho perante Deus, falo dos meus problemas, faço meus pedidos e agradeço. Tenho certeza que quando confesso meus desejos, que Ele me atenderá e já agradeço. Nunca deixar quebrar a comunhão, porque todo homem é pecador, a mulher já peca muito menos do que o homem.”

“Nossa igreja tem culto para jovens às quarta – feiras. Eu freqüentei muitas igrejas antes de me converter, Assembléia de Deus a Universal do Reino de Deus, mas não senti o que senti na minha igreja, nasci na igreja Católica.”

“Acho que existe muitas vidas, agente quando sai daqui tem duas opções, ou vai com ele ou fica aqui sem ele mesmo. E é o seguinte você pecou, então você pede perdão a Jesus que Ele restabelece a comunhão com Deus. Agente tem que ter muita força para enfrentar o inimigo, na própria igreja tem pessoas que estão ali e induzem outras ao pecado, agente tem que ser forte, ‘porque os lobos se disfarçam de ovelha.’”

17- Francisco – 47 anos - vende roupas

“Trabalho na feira a 18 meses, antes tinha açougue e fazia “gambira” de gado no interior de Goiás, fali e estou na feira porque não encontro outro serviço, devido a idade e ao estudo, tenho o segundo ano do primeiro grau. Não pretendo trabalhar de carteira assinada, porque o ganho é pouco, e na feira ganho o suficiente para sustentar sua família, trabalho também em outras feiras livres.”

O ponto é próprio.

“Acredito que Deus existe, porque senão existisse Deus nos não existiríamos, nem a natureza. Tudo que existe é por Deus, o que nasce, cresce e anda é por Deus, até o meu trabalho é por Deus e eu agradeço a Ele.”

“Vou a igreja quando tenho vontade, não vou todo o dia ,não vou toda semana, porque agente não é obrigado a ir. Agente tem que ir na igreja mas, é o dia que pode.”

“Sempre agradeço a Deus, quando me levanto penso no que tenho que fazer, e digo: se Deus quiser vai dar certo.”

-“Gambira” Compra, venda ou troca de mercadorias ou serviços.

18 - João Rodrigues – 56 anos vende roupas

Trabalha na feira a seis meses, o ponto é de uma amiga, que passou para ele. Antes trabalhava na construção civil como autônomo, por empreitada, e não consegue trabalho de carteira assinada devido a ser considerado velho.

É católico não praticante e vai esporadicamente à igreja . “Agente procura Deus quando está archoado, acho que é todo mundo, quando tem um problema diz: oh, meu Deus! Eu faço minhas orações, a igreja não me cobra absolutamente nada.”

19 - Lucivaldo de Camargo – 30 anos

Segunda vez que faz feira. Escolheu esta atividade porque já trabalha confeccionando roupas, e também trabalha de recepcionista em um hotel com carteira assinada. Tem interesse de trabalhar como autônomo, porque o salário de funcionário é baixo e vai precisar de mais

tempo para dedicar a sua confecção. O ponto é de uma amiga, que cedeu a ele até que consiga seu próprio ponto. Faz outra feira em Campinas.

É católico não praticante, ia às novenas quando não trabalhava a noite, durante o dia não sobra tempo para ir a igreja.

Faz orações sempre ao deitar, agradecendo a Deus. Seu conhecimento das coisas da religião provém da igreja.

Acredita em Deus e no poder da oração, porque teve um filho que quando feto tinha problemas de rins, então orou e com tratamentos médicos corretos, seu filho não tem problemas renais.

“A igreja católica não pede nada em troca, é pela vontade espontânea vontade da pessoa”.

20 - Aldenísia – 36 anos vende roupas íntimas de mulher

Trabalha unicamente na feira a 8 anos, fabricando sua própria mercadoria, e exerce esta atividade por falta de opção, já trabalhou de carteira assinada. Pretende voltar a estudar e trabalhar com carteira assinada, e é dona do ponto.

“Acredito em Deus, sou católica e vou à missa duas vezes por mês.

Deus para mim é tudo e está acima de todas as coisas, qualquer coisa nós só pedimos a Deus, só esquecemos de agradecer.”

“Minha experiência com Deus vem por ouvir testemunho, por experiência mesmo ao ver outras pessoas que não tem fé, que passaram muita dificuldade, pelas coisas que eu deixo de acreditar. Quando tenho dificuldade me apego mais e peço, faço oração e aí, as coisas resolvem mais rápido, sempre foi assim.”

“Reza deitada, nem todo dia. Na minha máquina, quando tem um problema faço uma oração, quando vou sair de casa ou quando vou viajar peço também a Deus proteção.”

“ Na minha vida não tenho uma experiência marcante com Deus, mas minha irmã freqüentava esses negócios de jogar carta, vivia doente, com muitos problemas financeiros, então uma mulher disse a ela que procurasse uma religião, ela procurou a Universal, isso não depende de qual religião, a partir daí as coisas mudaram para melhor, está se mantendo até hoje.”

“não participo de nada que a igreja realiza, vou por livre e espontânea vontade, a igreja não cobra minha participação.”

21- Nanci Alves de Moura – 29 anos vende roupas

Trabalha na feira há cinco anos. Tem uma loja em Campinas, trabalha na feira porque é o que deu certo. Já trabalhou de carteira assinada em lojas e escritórios, e deixou porque casou e teve filhos, depois começou a vender roupas, fábrica o que vende e não pretende trabalhar de carteira assinada é dona do ponto.

“Acredito que Deus existe só de ver a pessoa em si, o nascimento de uma criança, não tem outra explicação. Deus é tudo, é a vida, o acordar, o levantar, se não fosse Ele não teríamos nada disso.”

“ Nasci católica, aprendi minha crença com minha mãe, ela era de dentro da igreja, ela tomava conta de igreja, minha família era muito católica, então aprendi a ser católica. Freqüento a igreja, às vezes eu deixo de ir, me angustio, então tenho que ir.”

“Recorro a Deus quando tenho problema, porque se Ele não resolver, ninguém resolve.”

“Converso com Deus em meu íntimo, porque acho que Deus, você pensando ele está te ouvindo, quando vou orar ia no santuário, bem reservado, mais solitária, porque sinto mais a presença Dele. A oração para mim significa muito, é um pedido, é um agradecimento.”

“A igreja católica não faz cobranças, freqüento ela de livre e espontânea vontade.”

“Sem Deus é muito difícil, se for pensar na violência, nas coisas que acontecem, o mundo para, não caminha, Deus dá uma força interior que permite enfrentar os problemas da vida.”

22- Valdivino - 53 anos - roupas

“Trabalho na feira há seis anos. É alternativa de trabalho porque sou velho para conseguir outro trabalho, antes trabalhava na construção civil com carteira assinada. Tenho banca também na avenida Goiás desde 1997. Tenho vontade de conseguir emprego de carteira assinada, mas as firmas não pegam mais.”

A entrevista continua com sua mulher: Eunice - 53 anos

“Esse mundo nosso tem muita discriminação, quando está velho ou doente não se consegue mais emprego. Aqui na feira mesmo tem muita discriminação, agente paga os impostos, os invasores chegam e entram não pagam nada e acham que só agente tem que pagar. E em qualquer loja que vamos comprar eles falam: ‘ah! Confecçãozinha de fundo de quintal’, quer dizer não somos respeitados, a verdade é esta.”

São proprietários do ponto, vendendo roupas de mulher, trabalha junto com seu marido e o filho tem banca em outro local.

“Cada um aqui paga de R\$ 180,00 a R\$200,00 por ano e ainda somos chamados de informais, mas ninguém faz nada para formalizar, até para comprar somos discriminados.”

“Acredito que o trabalho de carteira assinada é melhor porque temos férias e decimo terceiro, aqui não tem nada disto e temos que trabalhar de domingo a domingo, das 06:00 às

14:00. Em casa é pior porque tenho que trabalhar na confecção das roupas das 05:00 às 12:00, essa vida para nós não é fácil não, porque tem dia que agente vende e outro vende muito pouco, mas fazer o que, é melhor do que pedir ou roubar.”

“Deus existe, Ele é único, só pensar no ser humano tanta gente e não são iguais. Quando adoecemos e vamos ao médico, não é o comprimido dele que sara, só Deus mesmo é que pode fazer a cura. Para mim a coisa que eu não enxergo, mas que eu acredito que existe é Deus.”

“Tenho muitas provas da existência de Deus, estive entre a vida e a morte, meu filho esteve desenganado, e eu busquei a Deus, e meu filho hoje é um homem forte e trabalhador, na época ele tinha quase dois anos, hoje ele está com 35anos. Quem mais podia fazer esta obra a não ser Deus? Qual homem, apesar de toda a ciência é capaz de fazer o ser humano? Não existe, só Deus. Deus é universo.”

“Eu busco mais a Deus do que médico, eu tenho angina e a ultima vez que fui ao cardiologista tem três anos e meio, e não sinto nada que me impede de trabalhar.”

“Sou católica e freqüento a igreja na medida do possível.”

“Faço as minhas orações depois que todo mundo dormiu, para mim ficar sozinha, quando está tudo silencioso, curvo meu joelhos e vou orar e buscar Deus de verdade. Procurar não errar e graças a Deus posso dizer assim: com muito orgulho me sinto filha de Deus, porque recebi muitas graças.”

Leio a bíblia dentro de casa, e quando não entendo alguma coisa peço explicações a quem entende. Tenho a minha nora que é Testemunha de Jeová e ela me explica o que não entendo. Procuro ser amiga e entender as pessoas. Sigo o preceito de ‘servir a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo.’

“Já pensei em mudar de religião, inclusive freqüentei algumas, a Adventista de Sétimo Dia, a Testemunha de Jeová, mas cada uma tem uma coisa que eu não vou seguir, por exemplo a Testemunha de Jeová tem aquele negócio de não receber sangue, se eu não aceito,

não posso seguir, o Adventista de sétimo Dia tem esse negócio de não trabalhar sábado, todo dia é santo, todo dia foi Deus que deixou. Porque não trabalhar num dia se agente tem necessidade disto, cada uma tem alguma coisa, se você vê que não vai seguir é melhor não seguir esta religião. E acho que Deus não esta dentro da igreja, ele está dentro da gente, deve segurar na mão de Deus com fé e esperança e se considerar filha dele.”

23- Romário – 39 anos – roupas íntimas

Trabalha na feira com a esposa a 8 anos, e é de Trindade – Go. Possui indústria de produtos de milho com 06 empregados. Trabalha na feira ajudando sua mulher, que confecciona roupas íntimas femininas que vende na feira e o restante tem clientela no norte do país.

A cunhada também trabalha na feira como sócia, possuem 04 pontos de vendas.

“Acredito em Deus desde pequeno , pelo ensinamento de meus pais que Ele existe, apesar de nunca tê-lo visto, porque sem Deus nós não estaríamos aqui. Sou católico praticante e vou indo à missa toda semana.”

“Existe muitas religiões, mas Deus é só um, a pessoa pode buscar Deus em qualquer religião, desde que creia na existência Dele, não importa qual seja ela.”

“Sempre recorro a Deus, ao sair de casa, ao estar no trabalho, peço sempre sua ajuda. Rezo sempre. Tenho muita fé, porque Deus tem me abençoado com muita sorte, tudo o que vou fazer dá certo, então acredito que Deus me ajuda. Por isso que acredito, por isso que agradeço, por tudo que faço, mesmo que não tenha dado certo agradeço a Ele, pois poderia ter sido pior. Deus está sempre comigo.”

Para pertencer a igreja tem que participar, ir a missa e acreditar , o padre não exige que a gente vá, não exige também que pague o dízimo, quem quiser contribuir para a construção da igreja o faz livremente.”

24- Valdivino Filho – 34 anos

Trabalha na feira a quatro anos, também é auxiliar de enfermagem em dois hospitais, fazia o curso de ciências biológicas, o qual abandonou por falta de tempo e dinheiro para pagar a universidade.

Faz feira por esta ser aos domingos e não atrapalha as outras atividades, é complemento salarial.

É proprietário do ponto.

“Acredito que Deus existe pelas leituras que faço, pelo que as pessoas falam, e porque fomos criados à semelhança dele.”

“Sou católico não praticante por falta de tempo e de vergonha mesmo, agente tem que arrumar um tempinho. Deus é o ser supremo, e baseio minha crença na vida que eu tenho. Sempre faço minhas orações principalmente à noite, é a melhor ora para conversar com Deus e quando estou descansando. Não posso falar com Ele com a cabeça quente. Minha vida em si é coisa de Deus, e também pelas filhas maravilhosas que eu tenho, agradeço a Deus por isso.”

5- Sônia - Baiana - 30 anos

Trabalha a cinco anos, vendendo acarajé. É natural de Jequié – BA. Antes trabalhava de doméstica sem carteira assinada. Não aspira trabalhar de carteira assinada, porque quer ser autônoma. Toda família trabalha na feira. É dona do ponto.

“Sou de Deus, esse serviço que faço aqui é acompanhado de Deus. Tem muita gente que acha que eu sou baiana e fala assim: ‘baiana é misturada com santo, com candomblé,’ mas eu não tenho nada disto, sou uma baiana limpa, contrita a Deus. Todo mundo vem na minha banca come, todo mundo sabe disto. Porque eu acho assim, estar trabalhando com Deus já é difícil, se misturar os dois fica mais difícil. Eu quero ganhar o pouco, mas é o pouco com Deus, não quero ganhar mais com Deus, porque Deus está me dando, se der para sustentar minha família está muito bom.”

“Minha religião é a católica. Frequento a igreja católica, frequento a igreja de crente, frequento tudo, mas só na paz de Deus. Todas igrejas que minhas amigas frequentam, me convidam, eu tó lá, eu sou desse jeito, porque aonde você for e receber a palavra de Deus não precisa de mais nada. Não sou crente ainda, porque não estou preparada, não adianta passar para uma lei, sem estar preparada, isto é misturar farinha com terra. Para participar de uma lei tem que ser limpa sem nada, misturar uma coisa com outra não compensa. O dia que eu for crente, vou deixar todas as outras coisas de lado e seguir só a Deus. Por enquanto não estou preparada para isso ainda.”

“Nunca fui em Candomblé, não gosto, não acredito. Uso estes colares por enfeite, porque fazem parte do traje de baiana. Baiana tem que enfeitada, é tradição da Bahia. Não dependo de Orixá, nem nada. Meu Orixá é só um: Nosso Senhor Jesus Cristo.”

“O ramo de arruda atrás da orelha é por causa de ‘olho grande’, macumbaria eu não acredito, mas ‘olho grande’ sim. Chega um fica olhando a sua barraca e fala que estou

vendendo muito, que estou ficando rica ganhando muito dinheiro, põe mau olhado na gente, o raminho de arruda serve para tudo, contra mau olhado e remédio.”

“Desde pequena tenho minha fé em Deus, cada dia mais aumenta. Antigamente passava uma vida difícil, pedi para Deus e consegui recuperar tudo, pela força de Deus, me apontou esse trabalho, melhorando minha vida e de minha família.”

“Nas minhas orações rezo o Padre Nosso, em nome de Deus e acabou.”

26- Kênia – 23 anos - Vende roupa

Trabalha a cinco anos na feira. É dona do ponto. O faz para não trabalhar para outras pessoas. Parou de estudar aos doze anos.

Nunca trabalhou de carteira assinada. E pretende continuar na feira, porque ganha mais e é autônoma .

Acredita que Deus existe e significa tudo. Congrega na igreja Congregação Cristã no Brasil. “É a Igreja do véu. Lá não tem pastor tem, e sim cooperador. Nasci nesta Igreja.”

“Não recorro a Deus só quando tenho problema, oro todo dia. Para ser da minha Igreja preciso orar.”

Entrevistas do dia 04/02/01

27 - “ Cigano” – 40 anos - artesão hippie

Ao ser procurado para entrevista a pessoa recusa falar no gravador. Mas situa que ele é hippie, o pai foi hippie e ele continua a tradição da família, fazendo bijuterias artesanais. Acredita em Deus, mas não acredita nas religiões e não frequenta Igreja nenhuma.

“Somos discriminados aqui, a feira era para ser hippie, usa nosso nome e não é hippie mais, virou uma bagunça.”

28 - Ranulfa – 42 anos – artesã de bijuterias

“Escolhi esta profissão devido à idade da gente que vai chegando e fica difícil conseguir emprego. Eles querem as pessoas mais novas. Eu não me sinto velha, quanto maior a experiência melhor, mas para as firmas estou com idade avançada.

“O ponto é meu e de minha irmã. Já trabalhei de carteira assinada por dez anos, em uma fábrica de calçados. Saí de lá, porque a pressão e o cansaço era muito, embora o salário fosse bom, e aí tentei procurar uma coisa melhor para mim, porque tenho idéias criativas e posso criar meus modelos. Saí do emprego em 89 e depois nunca mais trabalhei de carteira assinada.”

“Acredito que Deus existe, porque em tudo que fazemos tem uma obra Dele. Deus para mim é tudo, é vida, saúde, amizade, humildade, o carinho para com o próximo, em tudo Ele está ali colocando a sua mão.”

“Acredito que Ele existe, por tudo que faz na vida das pessoas, às vezes acontece uma coisa desagradável, mas você sabe que terá um retorno feliz, porque Deus sempre está por trás.”

“Recorro a Deus não só quando tenho problema, mas também antes, a pessoa espera acontecer algo para pedir, mas tem que orar sempre para que quando algo aconteça tenha proteção.”

“Em minha vida sempre tenho seguido princípios religiosos. Trabalho com casais na Igreja. Vou à Igreja até duas vezes por semana. Sou carismática católica.”

“Ser católica e carismática interfere em tudo na minha vida, para organizar meu trabalho, na maneira de ser e de conversar.”

“Fui para o grupo carismático, não por influência de outras pessoas, mas porque comecei a participar, gostei do sistema carinhoso de um com outro, gostei da mensagem, me senti bem, acho que isto tudo me chamou muito a atenção e aí achei que deveria fazer parte da carismática também.”

“O compromisso do carismático é sempre estar lá participando e sempre levando mais irmãos. O compromisso nosso é este, sempre mostrando o quanto é belo e verdadeiro aquelas respostas grandiosas, pois quando estamos triste, com algo que não conseguimos exteriorizar e lá a gente se liberta e põe para fora as angústias. O que falar ali não tem críticas não tem nada só vai ser atendido, só vai ser correspondido acho que a pessoa ali dentro se sente muito feliz. A atividade nossa é essa, trazer mais irmãos para dentro da igreja.”

“Faço minhas orações de manhã, na hora do almoço, na hora de dormir sempre agradecendo, nunca esquecer de agradecer em todos os momentos.”

“Me tornei carismática, respondendo a um anseio de completar um vazio inexplicável em minha vida, me sinto maravilhada quando estou lá, ouvindo os cantos, as palestras, para mim é um sonho, e sonho a gente corre atrás não deixa ele ir embora.”

“Participo na Igreja Católica Nossa Senhora da Guia – Vila Brasília.”

29 - Maria de Lourdes – 67 anos – faz arranjos de flores.

É proprietária do ponto. Nunca trabalhou de carteira assinada. Não tem outra pessoa da família trabalhando na feira.

“Crio e faço os arranjos, vou ao mato pego os cipós, os tocos de paus, eu e Deus.”

“Acredito e muito na existência de Deus, se não fosse ele não existia o mundo.”

“Deus representa tudo, porque sem ele querer não cai nenhuma folha da árvore, tudo que acontece é pela vontade dele, não pela dos homens.”

“Acredito na existência de Deus, porque se nasce uma planta tem que ter alguém acima de nós, tem que ser Deus.”

“Sou católica. Toda vez que passo na porta de uma igreja, se me dá vontade eu entro e rezo. Não vou à missa, rezo no meu quarto, todo flagelo em minha vida eu converso com ele, como se estivesse vendo Ele na minha frente. Mas não procuro Deus só quando tenho problema, a todo instante ele está comigo, sempre estou agradecendo, quando termino um trabalho, porque sem Ele eu não faria aquilo. A todo instante Ele está comigo e eu lembro Dele.”

“Oro em qualquer hora do dia, tudo que faço é com Ele junto.”

“A igreja não me cobra participação, porque não tenho contato com padre, quem cobra não é Deus é o padre.”

30 - Gláucio – 49 anos – vende mesas e cadeiras

Trabalha na feira a 18 anos, desde que a mesma funcionava na praça Cívica.

“Trabalho na feira não porque escolhi, mas por uma questão de oportunidade e de mercado de trabalho. Fui funcionário público, preferi ganhar menos e ser dono do meu nariz. Gostaria de ter emprego de carteira assinada, desde que a remuneração fosse digna, isto é, acima de trezentos reais.”

“Tenho curso superior incompleto, fazia matemática, desiste do curso devido a inexistência de mercado de trabalho. Você com curso superior hoje não tem perspectiva alguma.”

É proprietário do ponto e trabalha sem outras pessoas da família.

“Tenho minhas dúvidas se Deus existe, severas dúvidas. Porque existe uma idéia que você deve pode colocá-lo à prova. Fiz uma prova, recentemente passei por uma experiência angustiante e muito séria e tive a oportunidade de exaustivamente colocá-lo à prova e para minha surpresa, desagradável, constatei que tudo que busquei veementemente não fui atendido, aliás não foi nem para mim, busquei para uma filha e não fui atendido. Então depois dessa experiência amarga, se tinha pouca fé agora não tenho nenhuma.”

“A minha trajetória religiosa sofreu várias mudanças, comecei como católico, fui coroinha da igreja, fui seminarista, fui para o espiritismo, não satisfeito fui para a igreja evangélica, passei pela Seichó – no – yei, tudo isso buscando me adequar e nenhuma atendeu aos meus anseios. Há poucos anos atrás, acerca de três anos, foi quando vivi esta experiência amarga, pensei até que não ia sair vivo dessa. Depois ficou até difícil conversar com Deus.”

“Não quero cometer mais um equívoco, tudo na vida tem que ser feito com seriedade, não vale a pena você brincar ou simular diante de uma coisa tão séria, tão bonita que é aquilo que eu aprendi de Deus, ou seja, Deus é bonito, é belo, é generoso, é grande, é pai, ele atende, ele está nas horas mais difíceis, e se você pede com muita fé, se tem um propósito nobre, é atendido tudo isso é grandioso, é belo. Então continuo chamando Deus de belo porque foi assim que eu aprendi, mas Ele não me mostrou como tal.”

“Não faço mais orações, acabou. Ainda falo ‘graças a Deus’, ‘glória a Deus’, não é contradição, mas o faço por hábito, você é criado falando assim, então incorpora no linguajar e nem vê o que está falando. É claro que se for analisar com um nível de exigência elevado, aparece como se acreditasse ainda, mas o faço sem o mínimo de sentimento, questão de hábito mesmo.”

“A minha influência religiosa é muito forte, ainda tenho fotos minhas vestido de padre, como coroinha, ajudava celebrar missas, naquele tempo era em latim, minha formação foi muito ligada a igreja católica, principalmente numa época que encontrava em crescimento.”

31 - Clícia – 19 anos - vende sapatos e bolsas

Trabalha na feira acerca de um ano, aluga o ponto. Nunca trabalhou de carteira assinada e nem pretende. Não tem outras pessoas da família trabalhando na feira. So trabalha na feira hippie.

“Escolhi a feira porque é uma oportunidade de expor o que sei fazer e é um jeito de ganhar dinheiro em uma opção mais barata, porque na feira hippie o ponto é mais barato e mais acessível.”

“Acredito que Deus existe, devido as maravilhas que ele fez no mundo. Para mim Deus é tudo, por tantas coisas boas que fez no mundo e todos ensinamentos que agente aprende através de Deus.”

“Fundamento minha crença na Bíblia Sagrada, na palavra que Deus escreveu e deixou para nós.”

“Sou evangélica, e freqüento a Universal e antes freqüentava a Igreja Católica, mudei porque eu não vi mudança na minha vida. Fui professora de catequese, freqüentava a igreja. Minha irmã ficou muito doente e nós fizemos uma corrente, e encontramos a cura lá. Se

agente busca e encontra a resposta positiva lá, é lá que temos que ficar. Então estou lá, minha mãe também.”

“Para pertencer a essa igreja só tem que freqüentar as reuniões, tem as participações de grupos jovens, evangelização, eu mesma não freqüento, como trabalho nos fins de semana, só freqüento as reuniões.”

“Minhas orações é uma conversa diária com Deus, em todos momentos do dia, acho que não devemos recorrer a Ele quando temos problemas. Tudo que eu faço, creio que tem a benção de Deus.”

“A partir do momento que passamos a ter essa fé, acreditar acho que Deus vai transformando a gente, fazendo com que fiquemos mais calmas, que saibamos lidar com os problemas da vida, a lidar com as dificuldades que apareçam, e não reclamar tanto. Quando cremos verdadeiramente em Deus, Ele dá essa sabedoria para a gente resolver as coisas, e não ver obstáculos e sim soluções.”

32 - Jacqueline - 17 anos - Vende sapatos

Toda família trabalha na feira (pai, mãe, irmão e tio).

“Faço curso técnico de enfermagem, e quero trabalhar de carteira assinada, só estou na feira ajudando a família.”

“Minha família escolheu essa atividade, porque é o que meu pai sabe fazer, ele fabrica e vende aqui na feira. O ponto é alugado.”

“Acredito que Deus existe. Sou católica, mas vou pouco à igreja, só vou de vez em quando, não gosto muito de ir na igreja, acredito muito é em mim mesma e pedindo para mim está bom. Quando tenho problema recorro a Deus, mas comigo mesma, acho que igreja não me ajuda não, não me sinto bem indo muito a igreja, muito raro a igreja que me sinto bem.”

“Faço orações de agradecimento ao levantar e ao deitar mas comigo mesma.”

33- Maria de Lourdes – 46 anos – vende sapatos

Trabalha na feira há 18 anos, desde a praça cívica

É proprietária do ponto, nunca trabalhou de carteira assinada e pretende continuar trabalhando na feira, porque permite continuar cuidando da casa. Os filhos, marido e sobrinhos trabalham na feira.

“Não sei responder porque Deus existe, mas sei que existe, porque tudo que peço com fé eu consigo.”

“Não frequento nenhuma igreja, eu era católica, hoje eu sou tudo, dá vontade de ir numa religião eu vou, se vai na crente eu vou. Os crentes cobram que eu vá, eles acham que tenho que ir, porque só lá que Deus está, mas acho que reunindo em minha casa, orando mesmo, acho que está válido.”

“Rezo toda noite, mas não sei explicar o que significa.”

“Quando tenho problema recorro a Deus, mas acho que um amigo também pode ajudar. Há uns tempos atrás, não tínhamos dinheiro, pedi com muita fé, todo dia e tive meu problema resolvido. Acho que quando estou numa boa não vou a igreja, então não adianta ir quando estou numa ruim, acho que estou pedindo em casa valeu, é a maneira de cada um pensar. Na igreja é ótimo, mas se pedir com fé, fora dela, consegue.”

34- Lucélia – 23 anos – vende bolsa

Trabalha de carteira assinada na fábrica de bolsas produzindo e no fim de semana vendendo, ganhando porcentagem. O ponto é da fábrica. Trabalha para aumentar seus ganhos, também em outras feiras, sexta, sábado e domingo.

“Acredito que Deus existe, porque existe, de tanto o povo falar, eu acredito. Às vezes acontece cada coisa, que tem que ser por Deus mesmo para ajudar. Deus é o pai de todos, criador de tudo o que tem no mundo.”

“Deus existe, porque algo que vai dar errado, e acontece uma luz que faz dar certo.”

“Não estou freqüentando nenhuma igreja , por algum tempo ia na Assembléia de Deus, agora parei. Antes eu era católica, mas freqüentava a Assembléia de Deus porque era a única que tinha perto de minha casa, e eu gostava da religião deles, mas nunca fui muito religiosa não. Hoje não freqüento nenhuma, não tenho tempo. Minha família é toda afastada da igreja e não cobra minha participação na igreja.”

35 - Carlúcio – 50 anos – vende bijuterias artesanais

Trabalha na feira desde 1983, faz também a feira do Sol e a feira da Lua. Fabrica as próprias peças. É proprietário do ponto e trabalha com uma auxiliar remunerada.

“Acredito que Deus existe devido a minha existência e a de todos. Para mim Deus é tudo, tudo que eu tenho, tudo que eu sou.”

“Baseio minha crença na bíblia. Fui evangélico, mas não deixei de ser, só estou afastado, não estou em comunhão com a igreja. Eu mudei de local, fiquei longe da igreja e não encontrei uma igreja certa ainda. Nasci na igreja católica.”

“Tive várias experiências com Deus. Eu era viciado em drogas, tinha enfermidade no meu corpo inteiro e Deus me curou, me libertou, transformou minha vida conjugal, espiritual,

financeira, me fez de novo. O momento que eu mudei de igreja é que teve a mudança. Mudei porque quis, não tinha espaço no mundo para mim, estava sofrendo muito, busquei refúgio na igreja e encontrei.”

“O único lugar que tenho para recorrer é a Deus.”

“Temos culto em casa toda quarta-feira, não deixei de ser evangélico, só não estou ceiando. Para ser evangélico tem que freqüentar a igreja, ceiar todos os meses, estar em comunhão com Deus. Cristão é quem freqüenta e está trabalhando na obra de Deus.”

36 - Reginaldo – 21 anos – vende óculos

Veio do interior da Bahia, trabalha também em uma fábrica de alimentos com carteira assinada. Na feira ajuda ao colega, que é proprietário do ponto, recebendo comissão para isto, não tem outra pessoa da família trabalhando na feira.

“Acredito que Deus existe, porque é uma tradição, que vem desde meus avós. Sou católico, às vezes as pessoas me convidam para ir em outras igrejas, e eu vou. Eu fui na Assembléia, na Adventista.”

“Deus é nosso criador, tudo que existe na vida pertence a Deus. Acredito porque vejo meus avós falar, o padre também, quando vou à missa.”

“A igreja católica não cobra a minha participação, há dois anos atrás ia sempre à missa, agora vou de vez em quando. Rezo todos os dias, principalmente o pai nosso, que para mim é a mais importante.”

37- George – 27 anos – artesão.

Trabalha na feira hippie como artesão por opção, há oito anos, antes trabalhava no Shopping Bouganville, com carteira assinada. Trabalhou também como chapeiro, copeiro, auxiliar de cozinha.

“Para fazer artesanato tem que ter talento, acredito que talento vem de Deus. Faço artesanato por opinião própria, por curiosidade que tinha, fui manuseando os alicates e gostei, me identifiquei.”

“Estudei até a sétima série, poderia ter estudo, mas não quis, essa e minha opção mesma.”

“Tenho meu ponto aqui, já trabalho aqui, porque a gente não tem espaço aqui, chama feira hippie, mas a gente não tem espaço aqui, abrimos esse espaço por força de vontade, a bem dizer na ‘tora’ mesmo, porque a gente não teria espaço não. Eu tenho meu espaço, aquele ali tem o dele, outro tem o dele, não é fixo, mas todo domingo estamos aqui. Para ser fixo tem que ter uma banca padronizada, nós não temos, só colocamos um pano sobre o chão, que é característica do hippie.”

“Acredito que Deus existe, pois é o criador do mundo e de todos nós, criou o céu e a terra, a natureza e nós. Afirmo isto só de ver as coisas, como a natureza os animais. Acredito que somos espírito, e espírito é de Deus.”

“Minha religião é cristã, porque acredito em Cristo. Já fui muito em igreja, gostei muito daquela Ministério da Comunidade Cristã, acho bonito, os cânticos, o louvor a Deus, o espírito da gente fica muito tranquilo, ameno.”

“Eu sou a favor de Cristo, porque ele morreu por nós. Leio a bíblia, porque é um instrumento de paz para nós. O que não é de Cristo é antri-Cristo, a Nova Era é anti-Cristo.”

“A bíblia é instrumento de paz. O que a gente vale é o que falamos, posso estar falando alguma coisa errada posso estar te ofendendo, ou ofendendo qualquer pessoa e a bíblia procura fazer-nos ver o mundo com uma noção boa.”

“Rezo toda noite procurando buscar uma energia boa, rezo o Creio em Deus Pai, e o Pelo Sinal para me livrar do mal e dos meus inimigos. Minha avó que me ensinou. Eu acredito muito nisto.”

“Hoje em dia eu não frequento igreja, porque hoje virou muito comércio, para a gente buscar Deus não precisa ir na igreja. Sento no meu quarto, leio a bíblia buscando Deus, peço para me iluminar. Me dar um ensinamento. Tem muita pessoa que não tem estudo e é mais culta que pessoas que tem dois diplomas. Deus é formação do homem, porque se todos o tivessem no coração não teria ganância e materialismo, se eu tenho um pouco eu vou dividir com você, sabe como e que é? O mundo em que a gente vive é materialista e capitalista, se vivêssemos mais um pouco do espírito viveríamos melhor, sem agredir a natureza. É o meu modo de pensar.”

“Aprendi a conhecer Deus com minha família.”

“Gostaria de ajudar as pessoas, mas não tenho condições, tenho quatro filhos e vou ter mais outro neste mês. Minha vida é muito sofrida e muito batalhada, mas com a graça de Deus eu venço, tudo que entrega na mão de Jesus ele abençoa. Sou simples mas sou feliz e a felicidade vem de Deus. Tudo que é bem provém de Deus, a felicidade, o amor, a compreensão, o entendimento. O mal não provém de Deus, a lascívia, o adultério.”

38- Valdira – 46 anos - artesã de pássaros

Trabalha na feira a 27 anos, desde a praça cívica. Faz os pássaros de tecido, pinta-os e monta o arranjo. Faz esse trabalho desde os três anos, diz que já nasceu nesta atividade, com o dom para a mesma.

Nunca trabalhou e nem pretende ter carteira assinada, prefere “ser independente”. Tem uma irmã trabalhando na feira, em um ponto de sua propriedade, e em casa essa atividade absolve o trabalho dos filhos, da cunhada e uma assalariada.

“Acredito em Deus. Eu passo para a religião evangélica, Assembléia de Deus, mas não vou e vai indo eles me cortam e eu fico só neste serviço aí. Não fico nem em um nem em outro. Já fui católica, mas me considero evangélica, só não estou indo à igreja. Eles esquecem da gente, não estão nem indo lá em casa. Foi uma vez, duas, mas vai indo, acho que eles até cansam, sabe, coitados! Chego na Igreja e fico dormindo, o som chega a estar estrondeando e eu lá dormindo, por estar muito cansada.”

“Trabalho de segunda a segunda. Começo oito ou nove horas e termino entre onze e meia e uma da manhã, todos os dias, estou esgotada de cansaço. Esses dias, inclusive, estive doente.”

“Acredito em Deus, porque tudo que peço sou atendida, mesmo que demore. Já recebi muitas coisas. Não sei ler direito, nem leio a bíblia, acredito porque aprendi assim. Minha mãe, quando eu tinha três anos passou a ser evangélica, então eu cresci na religião.”

“Tenho experiência marcante com Deus, quando pedi para meu pai aparecer, ele apareceu. Também a cura de doenças em minha família, a felicidade no lar (meus filhos me dão muita felicidade). Tenho um casal de filhos que são evangélicos e só vivem na igreja. “

“Rezo todas as noites, quando estou feliz, me lembro, corro para o quarto, ajoelho e oro. Essa oração preenche minha alma, muitas vezes me sinto feliz, e me pergunto o motivo, e percebo que é por estar com Deus. Então agradeço por tudo que tenho. E peço também para que me perdoe por não estar indo à igreja, e também que organize minha vida, porque eu já tentei por um limite, para que eu possa procurar a igreja ou pelo menos poder ir nos cultos nas casas. Estou tentando mudar minha vida para que eu tenha tempo para Deus. Me envolvo

muito com meu trabalho, mas sempre estou agradecendo a Ele, mas me sinto muito faltosa perante Ele.”

“Agradeço não só orando, mas se vai bem damos uma ajuda a quem precise.”

“Está tendo muitos evangélicos, acho que é pela divulgação, televisão, rádio. Antes as pessoas tinha o preconceito e não via rádio e televisão. Tem o programa na Universal, de madrugada, que é muito bom, mesmo que eu não concorde com a Universal, as pregações são boas eu não tem nada a ver. Acho que eles pedem dinheiro demais. Minha filha ouve rádio o dia inteiro, muito alto, escuta a rádio Aliança, acho que é evangélica.”

39- Márcio – 28 anos – pintor de quadros

Trabalha desde 95 na feira. É dono do ponto e trabalha em outras feiras durante a semana.

“Trabalho na Goiás, mas lá não tenho ponto registrado, aqui sim.”

“Trabalhei com carteira assinada em um restaurante, mas deixei porque o salário era pouco. Só vou trabalhar com carteira assinada se compensar, porque a feira é melhor. Em minha família, somente eu trabalho na feira.”

“Acredito em Deus por tudo que acontece em nossa vida. Deus é tudo que é sagrado, nos ajuda nas dificuldades. Com certeza tem uma força positiva que se chama Deus. Deus é pai, é tudo de bom.”

“Sou católico, freqüento a igreja de vez em quando. Não existe cobranças para que eu participe das coisas da religião. Acho que a igreja serve para esclarecer sobre a presença de Deus em nossa vida.”

“Oro ao dormir, agradeço a Deus por tudo de bom, pelos meus dias de vida. Quando tenho problemas sempre lembro de Deus e peço sua ajuda par superá-los.”

“Minha experiência com Deus se deve ao fato de ter superado uma dificuldade, que foi superada graças a Deus. O que confirma sua existência para mim. Quando pensamos nele e pedimos, acho que quem acredita mesmo consegue superar as dificuldades.”

40- Rafailtom - 24 anos – pintor de quadros

Pinta quadros abstratos. Há seis anos pinta quadros, os expõe e vende na feira. “A feira é um recurso para artista plástico em Goiânia que não tem nome, tem que vir para a feira.”

Aos dezesseis - dezessete anos trabalhava na Arisco, com carteira assinada. “Deixei porque meu sogro me ensinou a pintar. Passou as técnicas para mim, desenvolvi, estou aí pintando. Achei melhor do que trabalhar para os outros. Não pretendo trabalhar de carteira assinada, o trabalho aqui na feira é melhor. O ponto é de meu sogro, mas só eu trabalho na feira”

“Acredito que Deus existe. Sou evangélico. Tem dois anos que aceitei Jesus, graças a Deus. Fui para a igreja evangélica influenciado por minha esposa. Antes não tinha nenhuma religião. Meus pais são católicos. Minha esposa foi me levando devagarzinho para sua igreja, sem me forçar, então conheci a palavra de Deus e aceitei Jesus.”

“O fundamento de minha crença é a escritura de Deus. Tive uma experiência marcante com Deus, há um mês atrás, estava esperando a vitória, ainda não fui batizado, era viciado e parei há um mês. Foi Deus que me libertou de uma vez.”

“A fé em Deus vem de dentro de cada pessoa, tem que crer na palavra de Deus. Lendo as escrituras, sabendo que foi escrita pelos antepassados inspirados em Deus, e essa compreensão vem de dentro das pessoas.”

“Vou a igreja três vezes por semana, não porque a igreja exige, mas porque me sinto na obrigação de ir. Para pertencer a minha igreja tenho que servir e amar a Deus. Sou dizimista

do Senhor, graças a Deus e ir à Igreja. Freqüento a Assembléia de Deus, campo de Campinas.”

“A oração para mim é a todo momento, orar sem cessar, quanto mais ora, mais bem vem para sua vida. A pessoa se sente bem. A oração dá segurança à vida das pessoas. A pessoa que é cristã é totalmente diferente da que não é, só fica nervosa e não tem tranqüilidade na vida. Quando comecei a ir para a igreja, a servir a Deus, minha vida mudou totalmente. Quando eu era do mundo não tinha nada, bebia, no outro dia amanhecia com a cabeça doendo. Hoje não, tenho outra cabeça.”

“Minha concepção após a morte é a seguinte: Tem duas portas, uma larga e uma estreitinha. Para entrar na estreitinha é difícil, é o mesmo que estar andando na corda bamba, a larga, que é a porta da perdição, é larga, tem folga, luzinhas, bonitinha, entra-se fácil, a pequena é difícil. Então o que eu penso: ir para o reino do céu, onde Deus está guardando a sua cidade para nós, não é fácil, para isto temos que orar sempre. Isto está na bíblia. ‘O caminho que conduz para a perdição são muitos os que entram por ele, porque estreita é a porta apertada, o caminho que conduz para a vida e são poucos os que acertam com ela.’ Matheus: capítulo 7, versículo 13 – 14”.

41- Adelsino Mariano - 33 anos – pinta quadros florais

Expõe e vende na feira há três meses, em um ponto de outro pintor, que lhe cede um espaço. É pintor, nunca teve carteira assinada, mas não recusa a possibilidade disto, dizendo: “Quem sabe, a vida oferece muitas oportunidades, conforme as que eu receber, posso aproveitar.” Não tem outras pessoas da família trabalhando na feira.

“Acredito que Deus existe, sou religioso. Sou Adventista do Sétimo Dia há dezesseis anos. Quando nasci meus pais eram católicos, mas eles não falavam de Deus, não eram

praticantes e não me ensinaram nada de religião. Conheci amigos adventistas e eles me mostraram a bíblia, comecei a estudá-la e foi gratificante, porque a vida com Deus é bem melhor.”

“Assim que entrei para a Igreja tive um sonho muito interessante, que considero como ponto de partida para entrar para minha religião. Sonhei que estava em um lugar escuro e uma estrela brilhou no céu, as crianças falaram: que quando essa estrela aparecesse era o fim de todas as coisas, estudando a bíblia descobri que Jesus é a estrela. Jesus no livro de Apocalipse disse: ‘Eu sou a resplandecente estrela da manhã.’ Me parece que é o capítulo 22. E notei que Jesus disse: ‘Aquele que não se fizesse de criança não entrará no reino de Deus’. Acredito que esse sonho foi uma revelação de Deus e um incentivo para que eu continuasse. Estou até hoje na igreja e tenho aprendido muito.”

“Comecei a pintar na mesma época. Acho que esse dom está ligado a minha conversão, porque sabemos que os dons vêm de Deus. Posso até contar uma experiência surpreendente: me lembro que quando comecei a pintar com uma tinta muito ruim, não podia ver água, escorria e um dia eu vi no meu sonho alguém falando: Beto estes quadros são seus. Eram quadros muito lindos, grandes. Pensei assim: eu que pinto esses quadros? Meus quadros não tem brilho, são mortos, não podem ser meus. Tive a resposta: são sim, você faz o seguinte, você pinta com essa tinta fraca que você tem e joga um verniz bem forte, isto vai dar resistência, durabilidade, pode até molhar. Aprendi isto em um sonho. Acordei e pensei: Meu Deus, sabe que é mesmo. Peguei minhas tintinhas, pintei e joguei o verniz, isto aumentou a qualidade. Fiquei surpreso, só pode ser de Deus mesmo, aprendi uma coisa através do sonho. Acredito que Deus é responsável pelo meu dom, nunca tive aula, nem curso de pintura, se cheguei até aqui só tenho que agradecer a Deus.”

“Para ser de minha igreja primeiro tem-se que aceitar Jesus como salvador. Nós cremos que o requisito principal é aceitar Jesus, as outras coisas, como obediência, a guarda dos dez

mandamentos, são complementos para a salvação. A obediência não é para ser salvo, obedece porque Deus o salvou. Aprendi que Jesus é o principal e que a obediência é importante, mas e consequência de sermos filhos de Deus transformados pelo Espírito Santo.”

“Não tenho hora certa para fazer minhas orações, hoje antes de vir para cá eu orei, eu oro a noite, nos momentos de alegria, de dor, de sofrimento, de vitória, eu oro sempre. Gosto mais de orar quando eu estou na alegria, para agradecer a Deus por tudo.”

42 - José Olah – 64 anos - vende mel e derivados

Trabalha a 19 anos com mel e produtos e na feira hippie desde maio de 1982 e também na feira do Doce Caseiro, na rua oito.

“A feira é um meio de vender os produtos, porque trabalho com as abelhas na chácara, longe da cidade e a feira constitui um meio de por o produto à disposição do consumidor. Faço divulgação também, para entregas em domicílio.”

“Sou aposentado, por tempo de serviço, na indústria automobilística na área de projetos em São Bernardo do Campo. Deixei essa profissão para lidar com as abelhas e ficar mais em contato com a natureza, porque em meu trabalho anterior vivia fechado dentro de um escritório.”

“Minha esposa trabalha comigo nessa atividade.”

“É lógico que Deus existe, porque eu existo e eu existo porque Deus existe. Tudo que está aí é Deus. E natureza, e essa barraca, a água e tudo.”

“Nós vamos crescendo, vamos evoluindo, vamos tomando consciência das coisas, então hoje acredito que Deus não é um ser distante das coisas comandando esse universo, mas uma energia abrangente que envolve tudo.”

“Fui criado na religião evangélica, mas depois comecei a ampliar meus horizontes e não sei se poderei dizer que pertenço a ou se eu não pertenço a nenhuma.”

“Já freqüentei grupos de estudo, muitas palestras em São Paulo, e em outros lugares onde se fala muito do término da nossa era, que é Era de Peixes e início da Era de Aquários. Acredito em uma nova civilização, e nós estamos agora nessa mudança. Acredito que já está acontecendo. As mudanças gradativamente vão se acentuando até chegar no apogeu quando a mudança será radical.”

“No momento não estou freqüentando nenhuma igreja. Ouço pregações pela televisão, minha mulher ouve bastante. Ouvimos a pregação feita pelo pastor da Igreja Universal da Graça, às 5 da manhã no canal 13. Tem também a Igreja Adventista – pastor Bulhão, também da Comunidade Cristã Evangélica, não vou nessas Igrejas, só escuto a pregação.”

“Oro, sem ter para isto um momento determinado. Quando acordo mentalizo em agradecimento pela noite de repouso, pelo meu conforto e peço proteção. Agradeço em reconhecimento de que não estamos sozinhos no universo e confio e tenho fé de que quando precisar de uma ajuda extra, ela virá, basta pedir e fazer a nossa parte, procurando da melhor forma possível. E o que não conseguirmos, pedimos por acréscimo que Deus nos ajude e possamos realizar até as coisas impossíveis.”

“Todas as coisas no mundo são sobrenaturais e marcantes, como por exemplo o ar que respiramos, que considero sobrenatural.”

